



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

**PROJETO DE EXPOSIÇÃO CURRICULAR
NÓS PODEMOS!
A mulher da submissão à subversão**

PORTO ALEGRE, 2017

ALAHNA SANTOS DA ROSA
AMÁLIA FERREIRA MENEGHETTI
AMARILDO VARGAS
ANDRÉA COGAN
CAMILA RIBEIRO DA SILVA
DEBORA COSTA MAJEWSKI
DIOGO AGUIAR NEUMANN
GISELA HAUBERTH DE LIMA
JÚLIA MACIEL JAEGER
JUREMA OLIVEIRA JOB
KIMBERLY TERRANY ALVES PIRES
LOURDES MARIA AGNES
LUBIANCA MONTAGNER WEBER
LUÍS GUILHERME RAMOS DIAS MACHADO
MARCELO AUGUSTO KICH SCHEFFER
ROSSANA KLIPPEL DE SOUZA JOSÉ
SILVANA FERNANDES DE FRAGA
THAIS GUARAGNA MORALES

**PROJETO DE EXPOSIÇÃO CURRICULAR
NÓS PODEMOS!
A mulher da submissão à subversão**

Projeto de exposição curricular realizado como pré-requisito para avaliação final da disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215), do Curso de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Vanessa Barrozo Teixeira

PORTO ALEGRE, 2017

FICHA TÉCNICA

Orientação

Professora Vanessa Barrozo Teixeira

Curadoria

Alahna Santos da Rosa
Amália Ferreira Meneghetti
Amarildo Vargas
Andréa Cogan
Camila Ribeiro da Silva
Debora Costa Majewski
Diogo Aguiar Neumann
Gisela Hauberth de Lima
Júlia Maciel Jaeger
Jurema Oliveira Job
Kimberly Terrany Alves Pires
Lourdes Maria Agnes
Lubianca Montagner Weber
Luís Guilherme Ramos Dias Machado
Marcelo Augusto Kich Scheffer
Rossana Klippel de Souza José
Silvana Fernandes de Fraga
Thais Guaragna Morales

Consultores científicos

Ana Carolina Gelmini de Faria
Marlise Maria Giovanaz
Letícia Bauer

Equipe técnica

Elias Palminor Machado (Assessoria museológica)
Vanessa Velozo (Acadêmica de Publicidade e Propaganda/UFRGS)

LISTA DE ABREVIATURAS

- AURA - Association of Universities for Research in Astronomy
- CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
- C&T - Ciência e Tecnologia
- CHC - SANTA CASA - Centro Histórico-Cultural Santa Casa
- CMC - Laboratório de Cultura Material e Conservação
- CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas
- CRIAMUS - Laboratório de Criação Museográfica
- EUA - Estados Unidos da América
- FACED - Faculdade de Educação
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública
- FCM - Famílias Chefiadas por Mulheres
- GEEMPA - Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre
- GT - Grupo de Trabalho
- IF-UFRGS - Instituto de Física da UFRGS
- LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
- JMCs - Jovens Multiplicadoras de Cidadania
- MDF - Medium Density Fiberboard (Placa de Fibra de Média Densidade)
- MPB - Música Popular Brasileira
- MUHM - Museu da História da Medicina
- MUSAS - Mulheres na Universidade e na Saúde
- NY - Nova York
- OIT - Organização Internacional do Trabalho
- ONG - Organização Não-Governamental
- PDF - Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)
- RS - Rio Grande do Sul
- THEMIS - Organização Não-Governamental Feminista de Defesa e Promoção dos Direitos das Mulheres
- TV - Televisão
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- US - United States (Estados Unidos)

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Quadro de metas	10
Tabela 1 - Gastos totais	92
Tabela 2 - Gastos GT de Avaliação	92
Tabela 3 - Gastos GT Educativo	Erro! Indicador não definido.
Tabela 4 - Gastos GT Vernissage	94
Tabela 5 - Gastos do GT Maquete	95
Tabela 6 - Gastos do GT Mobiliário.....	Erro! Indicador não definido.
Tabela 7 - Gastos do GT Acervo.....	96
Tabela 8 - Gastos GT Transporte e Logística	96
Tabela 9 - Gastos GT Comunicação	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planta Baixa Mezanino c/representação do mobiliário e circuito	31
Figura 2 – Maquete Digital	32
Figura 3 - Espaço de Apresentação da Exposição.....	33
Figura 4 - Núcleo 1 Soltando as Amarras.....	34
Figura 5 - Núcleo 2: Bela, Recatada e do Lar	35
Figura 6 - Núcleo 2: Apresentação dos acervos museológicos, representação das mulheres no museu e a sexualidade feminina.....	36
Figura 7 - Núcleo 3: (Des)Igualdade?.....	38
Figura 8 - Núcleo 3: (Des)Igualdade?.....	39
Figura 9 - Núcleo 3: (Des)Igualdade?	40
Figura 10 - Espaço Educativo: Destinado para atividades Educativo-Curoriais.....	40
Figura 11 - “ <i>We Can Do It!</i> ”.....	66
Figura 12 - Releituras do símbolo.....	67
Figura 13 - Logomarca escolhida pelo grupo	67
Figura 14 - Exemplo de Boneca de vestir.....	81
Figura 15 - Protótipos de Bonecas.....	82

SUMÁRIO

1. DADOS GERAIS	1
1.1 TIPO DE EXPOSIÇÃO	1
1.2 ÉPOCA DA REALIZAÇÃO.....	1
1.3 LOCAL DA EXPOSIÇÃO.....	1
1.4 HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO	1
1.5 PÚBLICO	1
1.5.1 <i>Público Potencial</i>	1
1.5.2 <i>Público Visitante</i>	1
1.6 TEMA.....	1
1.7 RECORTE	2
1.8 DELIMITAÇÃO TEMPORAL.....	2
1.9 CONCEITOS.....	2
1.10 COORDENAÇÃO DO PROJETO	2
1.11 PRAZO DE REALIZAÇÃO	2
1.12 DESPESAS NA ELABORAÇÃO E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO	2
2. APRESENTAÇÃO.....	3
3. OBJETIVOS	8
3.1 OBJETIVO GERAL.....	8
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO.....	9
5. METAS	10
6. JUSTIFICATIVA	11
7. REFERENCIAL TEÓRICO DA EXPOSIÇÃO.....	17
7.1 DA DITADURA AO SÉCULO XXI: O RECORTE TEMPORAL DA EXPOSIÇÃO Nós PODEMOS!	18
7.2 CONCEITOS.....	24
8. CONCEPÇÃO DO ESPAÇO EXPOSITIVO	30
8.1 NARRATIVA	30
8.2 APRESENTAÇÃO DOS NÚCLEOS	31
9 VIABILIDADE DA EXPOSIÇÃO CURRICULAR	42
9.1 VIABILIDADE DO TEMA	42
9.2 VIABILIDADE DO ESPAÇO FÍSICO E MOBILIÁRIO.....	43
9.3 VIABILIDADE DO ACERVO	51
9.4 VIABILIDADE TÉCNICA	56
9.5 VIABILIDADE FINANCEIRA.....	57
9.6 VIABILIDADE DE RECURSOS HUMANOS	58

9.7 ACESSIBILIDADE DA EXPOSIÇÃO.....	59
9.8 PRODUÇÃO DA MAQUETE FÍSICA E DIGITAL.....	62
10 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO.....	65
1.1 LOGOMARCA	65
1.2 AÇÕES DE COMUNICAÇÃO	68
11. ATIVIDADES EDUCATIVAS E CULTURAIS.....	76
11.1 ATIVIDADES.....	77
11.1.1 <i>Quadro temporal: conquistas femininas</i>	78
11.1.2 <i>Quiz “Nós Podemos! ”</i>	79
11.1.3 <i>Espelho “Nós Podemos! ”</i>	80
11.1.4 <i>Bonecas para vestir</i>	80
11.1.5 <i>Mulheres na publicidade</i>	82
11.2 CICLO DE CINEMA	83
11.2.1 <i>She’s Beautiful When She’s Angry</i>	84
11.2.2 <i>Tomates verdes fritos</i>	84
11.3 MESA REDONDA	85
11.4 MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO	85
11.5 PARCERIAS	86
11.6 MATERIAL DE FORMAÇÃO DE MEDIADORES	86
12. AVALIAÇÃO	88
13. ORÇAMENTO	92
13.1 PLANILHA DO TOTAL DE GASTOS.....	92
13.2 AVALIAÇÃO.....	92
13.3 EDUCATIVO	93
13.4 VERNISSAGE	94
13.5 PRODUÇÃO DE MAQUETE	95
13.6 MOBILIÁRIO	95
13.7 ACERVO.....	96
13.8 TRANSPORTE E LOGÍSTICA	96
13.9 COMUNICAÇÃO	97
14. CRONOGRAMA	99
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE A	113
APÊNDICE B	114
APÊNDICE C	117
APÊNDICE D	118
APÊNDICE E	119
APÊNDICE F.....	120

1. DADOS GERAIS

1.1 Tipo de Exposição

Exposição Curricular 2017 - curta duração.

1.2 Época da Realização

De 18 de maio a 30 de junho de 2017.

1.3 Local da Exposição

Museu da UFRGS - Mezanino.

Endereço: Avenida Osvaldo Aranha 277- Campus Centro - Porto Alegre/RS.

1.4 Horário de Funcionamento

Das 8 horas às 20 horas de segunda a sexta-feira e sábados das 9 horas às 13 horas.

1.5 Público

1.5.1 *Público Potencial*

Neste aspecto a curadoria compartilhada observa três grandes grupos a serem alcançados, nesta exposição:

- PÚBLICO adolescente;
- PÚBLICO adulto;
- PÚBLICO feminino;

1.5.2 *Público Visitante*

Todo o público que comparece à exposição é público visitante. As referências de público para essa exposição são:

Visitante espontâneo: pessoas que visitam a exposição por iniciativa própria;

Visitante convidado: pessoas convidadas pelo grupo da curadoria compartilhada que visitam a exposição.

1.6 Tema

O processo de empoderamento das mulheres.

1.7 Recorte

As mulheres em Porto Alegre e suas atuações nos âmbitos das relações e papéis sociais, educação, trabalho, conquistas e lutas; traçando o percurso do empoderamento feminino.

1.8 Delimitação Temporal

A abrangência temporal da exposição cobre o período de 1970 até a contemporaneidade, lançando novas perspectivas ao futuro, pois busca questionar e refletir sobre o percurso da mulher pelos próximos anos.

1.9 Conceitos

Para a construção da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* nos fundamentamos em alguns conceitos, os quais deverão permear a exposição e fazer dela compreensível e alinhada com a mensagem que a equipe curatorial pretende comunicar. Compondo o mapa conceitual desta exposição destacamos os seguintes conceitos: **We Can Do It!**, (como a ideia de que a mulher pode ser livre para fazer suas escolhas); **gênero** (como construção social e cultural); **Privado e Público** (como o caminho percorrido pela mulher ao longo de suas conquistas); **Submissão** e **Subversão** (como forma de abordar o feminino em diferentes âmbitos de poder).

1.10 Coordenação do Projeto

Coordenação conjunta das alunas e alunos da disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215), do segundo semestre de 2016, a ser executado no primeiro semestre de 2017 durante a disciplina de Práticas de Exposições Museológicas (BIB03217).

1.11 Prazo de Realização

05 de agosto de 2016 a 05 de agosto de 2017.

1.12 Despesas na Elaboração e Montagem da Exposição

Estimativa de despesas na elaboração e montagem na exposição ficará em torno de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais).

2. APRESENTAÇÃO

O Projeto Expográfico *Nós Podemos: A Mulher da Submissão à Subversão* é um trabalho interdisciplinar que conta com a participação de todos os alunos e alunas da disciplina Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215), no intuito de desenvolver as práticas museológicas e incentivar o debate do gênero feminino no meio social no qual estamos inseridos.

A exposição proposta é uma exposição museológica e falar em Museologia é falar de uma área cuja constituição e consolidação é bastante complexa. O desenvolvimento neste campo e as inovações inseridas no ambiente museal ao longo do tempo trouxeram mudanças significativas para as instituições museológicas, que além das funções educativas, adquiriram novas funções sociais. A Museologia está evoluindo porque o museu também se encontra numa fase de transição e existe a cada dia um interesse maior nas questões relacionadas aos museus, onde se inclui seus acervos e a ampliação da sua função cultural para a efetiva função social.

Na perspectiva atual da Museologia, os museus não se sustentam simplesmente pela contemplação, mas pela possibilidade da manipulação e até da interatividade com o visitante, que passa de expectador a ator. O museu, na atualidade, conduz a ampliação do conteúdo a uma finalidade mais social, o museu é o mediador entre o sujeito e a sociedade (SANTOS, 2005).

A tendência atual é a de construção de um museu interativo capaz de fazer a síntese dos conhecimentos e discuti-la junto ao público, de forma que este não seja apenas um receptor desses conhecimentos, mas também um criador de novos saberes e de novas ideias, um ator no processo de ampliação da cultura. A exposição é a ponta do iceberg do processo de musealização¹, segundo Marília Cury (2005). Para ela, a Museologia, há décadas, deslocou o seu objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações como: a relação do

¹ O termo musealização foi inicialmente trabalhado por Zbynek Z. Stránský e por Wilhelm Enenbach, no início dos anos de 1970, junto com a palavra *musealidade*, como um *processo de adquirir musealidade*. Ou, como coloca Ulpiano Bezerra de Meneses (1992, 111), é o “processo de transformação do objeto em documento”.

homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto.

O cenário dos museus vem sofrendo alterações, correlatas à inserção das novas tecnologias, que propiciaram a melhoria da relação museu-visitante e da comunicação museológica realizada nestes locais. Com uma nova concepção das exposições onde a museografia (conjunto de ações práticas, que abrange toda a práxis da instituição museu) da qual a expografia faz parte (CURY, 2005), representa um ponto fundamental de todo o processo e que segundo Michele Zaoui (1997), dentro dessa lógica, representa um desafio de criação e de ousadia na construção de novos espaços de aprendizagem, sejam formais, não-formais ou informais.

O museu não é mais um espaço expositivo estático e o processo de musealização adquire uma dimensão de interatividade. E essa interatividade é refletida na qualidade e na satisfação do indivíduo ao conhecer uma exposição em um museu, estando associadas aos mecanismos e linguagens utilizadas na transferência das informações e nas relações estabelecidas entre o museu (acervo) e os visitantes. Neste sentido, o atendimento das necessidades dos visitantes de museus está implícito a forma que a comunicação museológica é realizada (CURY, 2005).

É muito importante criar uma relação de confiança entre o museu e o público e essa relação de confiança é necessária para que o visitante encontre razões para voltar ao museu e tornar-se frequentador. As práticas museológicas devem contar uma estória através de artefatos, de painéis, de imagens que construam um sentido e o coloquem dentro da história. (NASCIMENTO; VENTURA, 2001, p.131).

Orientadas e orientados pela premissa de propiciar reflexão a partir de comunicação museológica, embasada na interatividade e composições entre recorte temático, conceitos e acervos, neste projeto utilizaremos umas das imagens mais conhecidas do movimento feminista² muito usada a partir do início dos anos 1980

² Em todos os campos são marcantes os avanços das mulheres. Isto resultou de uma história de lutas e conquistas, na qual o movimento feminista, em cada momento com feições próprias, ajudou a escrever uma página. Há várias correntes dentro do feminismo, com pensamentos e posicionamentos distintos. Não há “o” feminismo, mas vários feminismos. Entendemos o movimento como diverso e em constante construção. Segundo Sarti (2004), embora o feminismo comporte uma pluralidade de

para divulgar o feminismo - o *We can do it!* -, da moça trabalhadora, usando um lenço na cabeça, arregaçando as mangas, mostrando um musculoso bíceps e passando a ideia de que "sim, nós mulheres podemos fazer isso!". Essa imagem surge como um dos conceitos chaves desta exposição, representando a mulher que, até então limitada aos trabalhos domésticos, percebe todo o seu potencial e o torna público. Ao nos apropriarmos deste conceito e desta imagem, é possível destacar o empoderamento feminino.

Podemos perceber que algo mudou nos últimos anos. Com os movimentos feministas, a mulher começou a buscar outra posição na sociedade, com novas possibilidades de atuação e menos limites de ação. Como exemplo de mudanças, temos a participação da mulher no mercado de trabalho e nos estudos. Saíram de casa, em busca de carreira profissional, não aceitando exercer somente o papel de mãe e/ou dona de casa, passando assim a contribuir financeiramente com o sustento do lar. Nesse sentido, participando do espaço público, não mais se restringindo ao contexto privado que lhes fora culturalmente atribuído. Com isso, a mulher conquista muitas funções. Entretanto, ainda tem que dar conta da maior parte dos seus compromissos no âmbito privado, como as atividades domésticas, dos filhos, além de uma rotina diária no âmbito público, atuando também no mercado de trabalho.

Isso teve como consequência mudanças nos padrões de relacionamento familiares e sociais, com a reorganização dos papéis tradicionais nas famílias, em que a mulher era acostumada a dedicar-se ao lar e o homem a passar a maior parte do tempo em sua rotina de trabalho. Com a modernidade e as transformações nos papéis da mulher, mudanças estão acontecendo no casamento, no amor e no mercado de trabalho.

Para historiadora Michelle Perrot (1984), a história das mulheres não pode ser entendida como um espaço à parte, mas sim em permanente interação com o outro sexo, na trama da história, seja ao nível do discurso, das representações ou das

manifestações, ressaltar a particularidade da articulação da experiência feminista brasileira com o momento histórico e político no qual se desenvolveu é uma das formas de pensar o legado desse movimento social, que marcou uma época, diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver. Em 1970, já havia a certeza de que os problemas específicos da mulher não seriam resolvidos apenas pela mudança na estrutura social, mas exigiam tratamento próprio. As questões propriamente feministas, as que se referiam à identidade de gênero, ganharam espaço quando se consolidou o processo de 'abertura' política no país.

práticas efetivas. A Exposição *Nós Podemos! A Mulher da Submissão à Subversão* terá a preocupação em desvendar as transformações nos papéis da mulher, mudanças que estão acontecendo na família, nas relações sociais, na participação no mercado de trabalho e nas conquistas profissionais, pensando o protagonismo que a mulher alcançou a base de muitas lutas.

As mulheres ao longo do século XX e agora no século XXI marcaram e marcam, de maneira definitiva, os seus rumos. As recentes discussões acerca do novo lugar da mulher na sociedade não só representam um enorme passo para a conquista feminina como também abrem espaço para novas configurações de identidades. Porém, quando falamos de uma identidade feminina, não podemos esperar que a defesa de um modelo único de mulher seja viável. Ao reconhecermos a existência de tantas mulheres diferentes, temos de pensar nos processos de identificação que dão ligá à reivindicação de direitos em todos os âmbitos e que respeitem a diversidade de seus sujeitos, dentro de uma Porto Alegre diferenciada por épocas que marcaram a presença de várias mulheres. Das décadas de 1970 aos anos 2000, podemos destacar Maria Berenice Dias, primeira mulher a ingressar na Magistratura e tornar-se desembargadora no Tribunal de Justiça do RS; Zilah Machado, considerada uma das principais cantoras e compositoras gaúchas; Magda Renner, primeira mulher a liderar uma organização de mulheres em favor da natureza ameaçada; Derci Furtado, deputada estadual, defensora dos interesses da mulher gaúcha; Ester Grossi, deputada federal e pedagoga, incansável combatente na luta contra o analfabetismo e Thaisa Bergmann, professora universitária, física e pesquisadora no campo da astronomia.

Nesse sentido a exposição será respaldada pelos princípios expológicos e expográficos, os quais caracterizam uma exposição de caráter museológico. Portanto, a forma de expor seguirá o planejamento prévio e a concepção idealizada, respeitando-se os princípios metodológicos, comunicacionais e educacionais, levando-se em consideração a importância da linguagem expositiva. Segundo Cury (2005), a comunicação museológica deve se dar de forma articulada com os objetos como signos em um discurso para o público, uma exposição que se escreve com objetos no espaço a partir de uma lógica, podendo ser através de: painéis com textos explicativos e/ou com trechos de depoimentos; painéis com fotos e documentos em geral; vitrines ou cubos envidraçados para objetos e documentos

originais; formas de mediação que propiciem aos diversos públicos a possibilidade de interpretação da exposição e a participação ativa dos visitantes, com material impresso e audiovisual. Destacamos o planejamento de ações educativo-culturais, visando propiciar um processo de aprendizagem e interatividade, com a participação ativa do público. Apontamos a possibilidade de algumas ações através da abordagem dos núcleos expositivos a partir dos pontos de vista histórico e social e também o trabalho em parceria com instituições escolares, oferecendo atividades que dialoguem com a exposição propriamente dita.

A área da exposição no mezanino do Museu da UFRGS terá um aproveitamento que possibilite uma divisão funcional e dinâmica, acordante com as propostas referenciais da equipe organizadora.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Produzir uma exposição museológica, visando à formação acadêmica em Projeto de Curadoria Expográfica, propondo a pesquisa e a valorização do papel da mulher em Porto Alegre, a partir dos anos de 1970.

3.2 Objetivos Específicos

- Recuperar e racionalizar informações disponíveis e, ao mesmo tempo, instrumentalizar ações culturais de divulgação;
- Pesquisar momentos importantes e significativos das mulheres na sociedade, proporcionando uma maior reflexão dos papéis que desempenhou e desempenha;
- Oferecer elementos para enriquecer o debate sobre a identidade feminina e o papel da mulher na moderna sociedade democrática;
- Avaliar o processo de curadoria expográfica nos aspectos da produção do espaço expositivo, das ações educativo-culturais e dos estudos de público;
- Reunir registros documentais, textos em livros, artigos, entre outros, para compor roteiro da exposição;
- Viabilizar uma exposição com acessibilidade básica a todos e todas visitantes.

4. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

- Consulta ao material já existente no Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS);
- Seleção do material;
- Busca do material nos acervos do Museu de Porto Alegre - Joaquim José Felizardo, Museu Julio de Castilhos, Centro Histórico-Cultural da Santa Casa, Museu da História da Medicina, Museu da UFRGS, Santander Cultural, Memorial do Judiciário do RS (Acervo Maria Berenice Dias); Acervos particulares;
- Criação de identidade visual;
- Desenvolvimento de *design* da identidade visual;
- Criação e produção visual das peças gráficas;
- Definição de *layout* da exposição;
- Tratamento digital das imagens;
- Produção Gráfica com a colaboração da Bolsista do Curso de Bacharelado em Publicidade e Propaganda Vanessa Velozo;
- Produção de textos expositivos e legendas;
- Transporte de acervo e mobiliário que serão emprestados por instituições culturais locais;
- Execução e montagem supervisionada.

5. METAS

A seguir se estabelece as seguintes metas para a viabilidade da exposição:

Quadro 1 – Quadro de metas

Nº	Ação	Período
01	Realização de dois brechós para arrecadação de recursos na quantia de R\$ 2.500,00	10/2016 e 04/2017
02	Criação de um livro Ouro para arrecadação da turma	01/2017 a 04/2017
03	Captação de Recursos através de financiamento coletivo (CATARSE) na quantia de R\$ 5.000,00	01/2017 a 06/2017
04	Solicitar o empréstimo de 10 (dez) vitrines móveis do CHC Santa Casa e do MUHM	03/2017
05	Producir jogos pedagógicos para ações educativo-culturais	04/2017
06	Producir roteiros da exposição em fonte ampliada para acessibilidade de diferentes públicos	04/2017
07	Producir um material com a audiodescrição de todos os núcleos da exposição	04/2017
08	Producir 3 (três) tipos de peças gráficas de divulgação da exposição (ex: fonte ampliada, Braille, alto relevo) - acessíveis para diferentes tipos de público;	04/2017
09	Planejar a divulgação junto a escolas públicas e privadas	04/2017
10	Planejar a mediação a ser aplicada na exposição	04/2017
11	Producir catálogo expositivo	08/2017

Fonte: GT Produção Textual (2016).

6. JUSTIFICATIVA

A exposição é considerada a principal e mais específica forma de comunicação em museus, sendo um dos resultados do processo de musealização. Esse processo ocorre através de ações sobre os objetos: aquisição, pesquisa, conservação e comunicação. Conforme Cury (2005, p. 26) “o processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas.” Na exposição se dá o encontro entre homem e objeto, tendo o museu como cenário. Essa relação profunda entre o sujeito, que conhece, e o objeto é o Fato Museal, o objeto de estudo da Museologia, como define Guarnieri (1981). Cabe ao profissional de museu trabalhar para consolidar este encontro.

A exposição nasce necessariamente da intenção de comunicar uma ideia, um tema, um conjunto de artefatos, uma coleção inusitada, um recorte conceitual sobre determinado acervo museológico. Abrange ações de selecionar, pesquisar, documentar, organizar, exibir e difundir; próprias das “atividades museológicas-curoriais” (BRUNO, 2008). Curadoria pode ser compreendida como “[...] a somatória de distintas operações que entrelaçam intenções, reflexões e ações” (BRUNO, 2008, p. 25), compromissada com possibilidades interpretativas e ressignificação dos acervos e coleções, procedimentos de salvaguarda e comunicação e decodificação das necessidades das sociedades.

Neste aspecto, trata-se da difícil tarefa de fazer escolhas e recortes na pesquisa do tema, assim como a convivência mais próxima entre os colegas da turma e na superação das divergências. Este processo possibilita não só exercitar a capacidade de produzir materialmente a exposição, mas também testa a capacidade de desenvolver ideias em grupo e articulá-las para um consenso.

Eleger com clareza a missão e os objetivos da exposição é um passo fundamental que deve preceder e nortear todas as demais ações. Um projeto expográfico é um projeto cujo êxito se pauta em um desenvolvimento interdisciplinar, por via democrática, envolvendo todos os Grupos de Trabalho formados pela turma da disciplina Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215).

A partir da escolha do tema e da pesquisa sobre ele foi possível definir o recorte temático (temporal e espacial) e desse modo, legitimar e justificar nossas

decisões com base nos levantamentos científicos realizadas pela turma. No mês de setembro de 2016, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha³ encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), causou repercussão no país, principalmente nas redes sociais, ao revelar que mais de um terço da população brasileira (33%) considera que a vítima é culpada pelo estupro. Esse levantamento é um exemplo, com dimensões, das demonstrações de estagnação no que tange às questões de gênero, em oposição aos avanços sociais que foram e são conquistados pelas mulheres. A constante “culpabilização” da mulher quando vítima de diferentes formas de violência evidencia resquícios perversos de pensamentos baseados em uma hierarquia que insiste em apoiar-se na subordinação feminina. Compreendendo o Museu como um espaço de Fórum, de acordo com os princípios da Nova Museologia, avaliamos como pertinente e necessária a temática da mulher em Porto Alegre, no contexto da década de 1970 até a contemporaneidade abarcada pelos conceitos *we can do it!*, gênero, público, privado, submissão e subversão, orientados pelas funções de educação e comunicação dos Museus:

Acompanhando as transformações do mundo e da sociedade, os museus passaram a inserir nas suas práticas ações de ordem educativa e comunicativa. A aproximação com o público, o papel social destas instituições e a adoção de uma postura mais prática e participativa, passaram a ser pauta das discussões da área, estimulando cada vez mais os museus a repensarem sua função social.

Essas reflexões culminaram em mobilizações importantes no que se refere à conceituação e práticas adotadas pela Museologia. O principal movimento oriundo foi a chamada Nova Museologia. Foi a partir de discussões nascidas nesse movimento, que muitas das ideias se renovaram e/ou reforçaram, sendo incorporadas e utilizadas ainda hoje na contemporaneidade. (SOUZA, 2012, p. 16)

Diante desse cenário, a exposição "Nós podemos!" será uma contribuição no âmbito das exposições museológicas em Porto Alegre ao abordar as mulheres sob um viés problematizador e contemporâneo. Conduzidos pela pesquisa, comunicaremos e chamaremos ao diálogo sobre o caminho que as mulheres trilharam para alcançar direitos e demais avanços. Quem são essas mulheres? Por que, o que, onde e desde quando podem? E o que mais elas poderão?

O reconhecimento dos temas relacionados às questões de gênero possui uma longa história. Desde a transição do século XIX para o século XX que as

³ Fonte <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml>> Acesso em 09 jan. 2017.

mulheres buscam conferir visibilidade às questões relacionadas à sua posição de subordinação na sociedade. Naquele momento, a questão do direito de voto feminino constituiu aquilo que viria a ser reconhecida posteriormente como a “primeira onda” do movimento feminista (LOURO, 1997). Tratamos aqui da primeira onda do feminismo entendendo as limitações que possam ser apontadas neste primeiro momento, relativos ao próprio objetivo da reivindicação, assim como outras reivindicações como o acesso aos estudos e a algumas profissões, que identificavam o movimento como o de mulheres brancas de classe média. Ele constitui-se em um marco importante para o debate sobre a situação da mulher na sociedade. Além disso, o feminismo não será abordado como conceito, mas será valorizado como movimento que influenciou várias gerações e que é indissociável quando se refere às conquistas das mulheres.

É significativo notar que foi na década de 1960 que o movimento feminista adquiriu um viés mais teórico, não se limitando aos aspectos políticos e sociais. Como resultado dessa inflexão, houve uma tentativa de desvincular as questões relativas à posição de subalternidade da mulher na sociedade, da ideia de sexo. Tradicionalmente as diferenças entre homens e mulheres eram interpretadas à luz da diferença entre os sexos. Esta concepção acabava por definir certa inclinação natural da mulher à realização de determinadas atividades, tais como o cuidado da casa, a criação dos filhos, o cuidado com a família e o cultivo de uma maior sensibilidade do que o homem. No conjunto, essas atribuições determinavam que a posição de subalternidade da mulher na sociedade dependia de questões inscritas no plano biológico e, logo, não tinham relação com variáveis socioculturais.

Como afirma Scott (1995) os termos sexo e diferença sexual cumpriam uma função ideológica na medida em que remetiam as relações entre homens e mulheres ao plano biológico. No caso específico das mulheres, objetivava também assinalar que aqueles traços a elas atribuídos não se originavam de sua natureza, mas dependiam da forma pela qual em diferentes culturas a posição de subalternidade da mulher era construída no jogo social, na relação com os homens.

Ao invés de falar-se em sexo, passou a falar-se em gênero para definir essas características construídas sócio-culturalmente. Por sua própria natureza, o conceito de gênero nasceu não como um instrumento neutro de análise da realidade, mas como uma ferramenta política que ao definir a posição de subalternidade da mulher

em termos socioculturais, apontava para a possibilidade de, reconhecendo os mecanismos de exclusão, criar estratégias políticas de superação.

O feminismo possibilitou um processo necessariamente coletivo, permitiu que essa experiência tivesse uma existência e um significado social e assim configurasse uma nova referência de ser mulher. Entretanto, embora muito tenha sido feito para romper com o sexismo, vemos que nossa sociedade ainda é marcada por um grande “fosso” entre homens e mulheres.

Neste trabalho o foco em questão será a fronteira entre a tomada de consciência dos problemas de gênero e a visibilidade das trajetórias femininas em Porto Alegre, de 1970 até a contemporaneidade, lançando novas perspectivas ao futuro, pois busca questionar o percurso da mulher pelos próximos anos.

Segundo pesquisa realizada por Cynthia Andersen Sarti sobre o feminismo brasileiro:

Embora o feminismo comporte uma pluralidade de manifestações, ressaltar a particularidade da articulação da experiência feminista brasileira com o momento histórico e político no qual se desenvolveu é uma das formas de pensar o legado desse movimento social, que marcou uma época, diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver. Causou impacto tanto no plano das instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade brasileira. (SARTI, 2004, p. 36).

Frente a este aspecto, é importante ressaltar que o feminismo surgiu embasado em várias polêmicas, no Brasil e em Porto Alegre, em um contexto de regime autoritário, passando a ser um verdadeiro canal de participação política das mulheres. É relevante deixar claro que o movimento surgido a partir da década de 1970 representa um movimento social, considerado resultante da possibilidade de inserção da mulher no mercado de trabalho e de sua emancipação.

Na sociedade moderna, a mulher está cada vez mais conquistando seu espaço no ambiente profissional e participando das mudanças ocorridas na contemporaneidade. As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas desencadearam também profundas mudanças na redefinição do papel da mulher nessa sociedade.

Levou-se em consideração, portanto, na opção por esta temática, a importância do questionamento da posição e do papel da mulher dentro de um

espaço como o Museu. É nele, um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, e que pode ser entendido como espaço do imaginário, que se darão as intermediações do imaginário com a realidade. Realidade esta, que é visivelmente demarcada por papéis pré-estabelecidos de acordo com o gênero.

Essa estrutura social naturalizada induz a uma enormidade de ações e decisões inquestionáveis. Assim, cabe à mulher o cuidado dos filhos, do marido, e todas as atividades por vezes invisíveis realizadas no âmbito privado, já ao homem são atribuídas àquelas tarefas perigosas ou espetaculares do espaço público. Dessa forma, o espaço de lutas vai muito além do âmbito doméstico, há sempre uma mão direita e uma mão esquerda no Estado (...). Outra face da divisão sexual do trabalho refere-se ao fato de que uma mesma tarefa pode conferir grande prestígio quando executada por homem, e se considerada elementar ou fútil quando executada por mulher. (GOMES, 2006, p. 37)

O desnívelamento de direitos instituído entre os gêneros e suas respectivas consequências, se revela em diferentes âmbitos e níveis, permeando subjetivamente através das gerações:

Ele (o gênero) exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas, também, a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise. (SCOTT, 1995, p. 73).

Nessa perspectiva, entendemos que as habilidades e características femininas começam a ser valorizadas pela sociedade. Aos poucos as mulheres deixam de ser meras coadjuvantes e passam a ter acesso, cada vez maior, a posições privilegiadas em suas profissões e em determinados segmentos sociais. Tais mudanças são ainda mais visíveis com o processo de reestruturação produtiva e com o crescente número de mulheres no mercado de trabalho, principalmente a partir da década de 1970.

Contudo, este contingente feminino ainda tem sido sujeito a algumas limitações. É verdade que nos últimos tempos, principalmente nos grandes centros urbanos, nas famílias de classe média, a situação tenha se modificado um pouco, com a figura do novo homem que assume a divisão das tarefas caseiras e da educação dos filhos com a mulher. Mas se no âmbito familiar começa haver uma nova relação, mais próxima do ideal, entre homens e mulheres, na sociedade em geral, a posição da mulher continua a sofrer as consequências dos velhos preconceitos que, ainda de forma velada, limitam o pleno exercício de seus potenciais. O percurso pelo contexto histórico estabelecido para a exposição

contemplará contrastes e relações referentes à vida das mulheres, em Porto Alegre, nos âmbitos privado e público. A vida privada, representando o "doméstico", lugar em que a mulher tende a ser designada a ocupar como inerente a sua existência e o espaço público, como as ruas e o político, majoritariamente perpetuado como masculino, mas que vem sendo conquistado por aquelas que mostram que, sim, elas podem. Celebram-se as conquistas e estimula-se a reflexão como instrumento para subverter as desigualdades.

7. REFERENCIAL TEÓRICO DA EXPOSIÇÃO

“A mulher deixou de baixar a cabeça ao dizer sim, ao dizer eu quero, eu posso, e vou fazer”⁴.

Para a concepção da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* nos apropriamos de diversos conceitos do campo da Museologia. Utilizamos a ideia de exposição como um meio de comunicação, conforme Cury:

No stricto sensu, a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas. É na exposição que se potencializa a *relação profunda entre o Homem e o Objeto* no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição). (CURY, 2005, p.34. Grifos da autora).

Blanco (2009) coloca que o processo de comunicação possui três fases: a produção da mensagem, a difusão e a recepção da mesma. A exposição estaria nesse processo na fase de difusão, sendo ela mesma o meio de difusão. Para tanto, a autora coloca que

(...) la exposición tiene que ser auto-suficiente para hacer comprensible los conocimientos que pretende transmitir, sin que sean necesarias otras ayudas mediadoras que las propias y constitutivas de la propia exposición. (BLANCO, 2009, p. 36)⁵

Para a construção de uma exposição que se faça compreensível e dialogue bem com seus públicos, é preciso ter o conhecimento e a compreensão das perspectivas teóricas e práticas de como fazê-la, ou seja, com base nos princípios expológicos e expográficos. Expologia sendo “parte da museologia, estuda a teoria da exposição (DESVALLÈS, 1998, p. 222) e envolve os princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição, é a sua base fundante” (CURY, 2005, p.26). Já a expografia consiste em:

[...] parte da museografia, “visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição” (DESVALLÈS, 1998: 221) é a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento,

⁴ Revista Eles&Elas, apud del Priore, 2011.

⁵ (...) a exposição tem que ser autossuficiente para fazer compreensíveis os conhecimentos que pretende transmitir, sem que sejam necessárias outras ajudas mediadoras que as próprias e constitutivas da própria exposição. (tradução dos autores)

metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma. (CURY, 2005, p. 26)

Nessa perspectiva Cury comenta sobre o ato de conceber e montar uma exposição:

[...] significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo (CURY, 2005, p. 43).

Seguindo esse viés, a exposição *Nós Podemos!* se propõe a trazer à tona “o processo de empoderamento feminino”, pensando nas opressões sofridas, lutas firmadas e conquistas alcançadas entre as décadas de 1970 e 2000 em Porto Alegre, sugerindo uma reflexão acerca do futuro. Para organizar esse tema em narrativa expositiva, foi necessária a realização de pesquisas em diferentes âmbitos. Nesse sentido, é importante contemplar o contexto político, social e econômico em que se encontrava o período abordado.

7.1 Da Ditadura ao século XXI: o recorte temporal da exposição *Nós Podemos!*

Os anos de 1970 no Brasil são marcados pelas mazelas da Ditadura Militar, instaurada no ano de 1964 pelo Ato institucional nº1 (AI-1), sob o governo de Castelo Branco. Em 1968 é criado o Ato Institucional nº5 (AI-5), que dava poder de exceção aos governantes para que punissem àqueles inimigos do regime ou àqueles considerados como tais. Entre o final dos anos de 1960 e metade dos de 1970 estão os anos mais duros e repressivos do Regime Militar (JOFFILY, 2005).

Em contraste, houve um grande avanço econômico no país, ao mesmo tempo em que ocorria o declínio dos indicadores de saúde, habitação e educação:

[...] As facilidades de crédito pessoal permitirão a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava a 40%. Por essa época, beneficiada pelo apoio do governo, de quem se transformou porta-voz, a TV Globo expandiu-se até se tornar rede nacional e alcançar praticamente o controle do setor. A propaganda governamental passou a ter um canal de expressão como nunca existira na história do país. (FAUSTO, 1995, p. 484).

Apesar de toda a repressão, muitos movimentos sociais se firmavam e muitas manifestações contra o regime aconteciam. Tal sentimento de insatisfação era

traduzido nas canções da Tropicália e MPB, com letras cheias de significados ocultos para passarem pela censura. Artistas e intelectuais foram exilados. Os anos de 1978 e 1979 foram marcados pelas grandes greves, com reivindicação de aumento de salário, garantia de emprego e liberdade democrática.

Apenas em 1982 que acontece a primeira eleição direta, desde 1965, para vereadores e governadores dos Estados. Em 1984, ocorreu a campanha conhecida como “Diretas já”, que pedia pelas eleições diretas. No entanto, apenas em 1989 que as eleições diretas voltam à tona no Brasil (PESAVENTO, 1999). Nesse meio conturbado, a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, era reflexo do que estava acontecendo no país.

Esse período, além de marcado por seu contexto político rígido, também apresenta características de mudança, principalmente no que tange a vida e participação das mulheres na sociedade. Foi no final de 1969 que se dá a chamada Revolução Sexual⁶, com o advento da pílula anticoncepcional, transformando a vida das mulheres, dando às mesmas o controle sobre seu corpo. É também nessa época que o movimento feminista toma corpo no Brasil⁷, trazendo ideais de liberdade.

Até então, as mulheres se viam presas no estereótipo atribuído ao gênero feminino, que prega que:

[...] esta [mulher] devia ser mais que dócil e submissa, abnegada e atenta às necessidades dos filhos. Suas opiniões e desejos pessoais não tinham importância, pois existia para servir. Assim se esperava dela que fosse “um núcleo de irradiação da fé, da virtude e da moralidade, centrado no recinto doméstico” (MESTRE, 2004, p. 39).

Na década de 1970 novos conceitos passaram a ser trilhados e as mulheres que viveram nesse período compuseram uma geração, segundo Marilza Bertassoni Alves Mestre (2004), que experimentou a extrema velocidade e a complexidade de mutações que as transportaram da condição de indivíduos tutelados por seus pais,

⁶ Revolução Sexual: Movimento sociocultural ocorrido no ocidente. Com a liberação sexual, ocorreram mudanças nos códigos de comportamento sexual e uma maior aceitação do sexo fora das relações heterossexuais e monogâmicas tradicionais.

⁷ Principais movimentos feministas em Porto Alegre durante os anos de 1970 e 1980: Movimento da Mulher pela Libertação, Grupo Costela de Adão e Liberta. O primeiro priorizava discussões com mulheres trabalhadoras, o segundo tencionava os papéis culturalmente atribuídos aos homens e as mulheres e o terceiro era um grupo formado por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que visavam aproximar as pautas feministas ao movimento estudantil.

homens e família para seres independentes. Entretanto, como coloca a autora supracitada, “tipicamente, numa geração que assistia a uma transição de valores, essa troca não ocorria para todos” (MESTRE, 2004, p.104).

Ainda que muitas mulheres, jovens da época, tivessem acesso aos ideais de liberdade e emancipação feminina e algumas acesso à educação formal, estas eram influenciadas pelos traços culturais arraigados das gerações anteriores e recebiam um “bombardeio” diário da mídia, de suas mães, sogras e avós, além dos profissionais que as aconselhavam que devessem assumir a responsabilidade do lar. O casamento ainda era visto como indissolúvel e a elas cabia mantê-lo desse jeito. (MESTRE, 2004).

Como visto, nos anos 1970, começa a ocorrer um movimento de mudança, algumas mulheres se aventuraram no mercado de trabalho, normalmente em cargos que necessitavam de características e habilidades tidas como femininas para serem executados, tais como costureiras, cabeleireiras, secretárias, professoras, enfermeiras. Entretanto, apesar dessa inserção no universo do trabalho, seguem enfrentando uma jornada dupla e sofrendo preconceito por sua escolha, como coloca Mestre:

[...] a sociedade das décadas de 1960 e 1970 conseguia transmitir às mulheres a necessidade de cumprir com suas duplas funções: “dentro e fora do lar”. E elas passaram a se exigir um nível de perfeição impossível de ser alcançado. Para as casadas, afirma Passerini, somava-se uma tripla função: tornarem-se ainda mais atraentes para seus maridos, ser a amante criativa e fogosa, o que o deixaria longe dos braços de outras trabalhar fora cuidar da casa e dos filhos (MESTRE, 2004, p.131).

Tal citação também se encaixa perfeitamente aos anos de 1980 e 1990, bem como nos dias atuais. A questão do trabalho para a mulher se dá como uma conquista, diferentemente do que para os homens, que sempre tiveram o direito a exercerem uma profissão fora do âmbito doméstico. Como discorre Oliveira:

[...] hoje falar em um fenômeno de revolução do trabalho feminino, ou mulheres no mercado de trabalho implica em falar em “uma das transformações mais importantes que ocorreram na sociedade moderna” (GIDDENS, 2005, p. 316), ou um marco que instituiu-se como um novo “ciclo histórico nas sociedades democráticas: o da mulher trabalhadora (LIPOVETSKY, 1997, p. 200)” (OLIVEIRA, 2012, p. 23).

A mulher após entrar para o mercado de trabalho se torna reconhecida, saindo de âmbito privado e conquista o público, subvertendo a lógica sociocultural ocidental. Conforme Oliveira:

No trabalho fora de casa é que as mulheres passaram a serem reconhecidas como sujeitos que contribuem como indivíduos para a sociedade, porque o trabalho, “tanto na sua dimensão econômica, quanto na sua dimensão existencial, seria para a mulher moderna sua principal fonte de reconhecimento social” (MATTOS, 2006, p. 173). E a mulher moderna tende a procurar um reconhecimento autônomo de seu valor. (OLIVEIRA, 2012, p.29-30).

A década de 1980 é marcada por várias conquistas políticas a nível nacional, obtida através da luta e persistência dos movimentos feministas. Em 1983, surgem os primeiros conselhos estaduais da condição feminina para traçar políticas públicas para as mulheres e o Ministério da Saúde cria o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (GOULART, 2012). Em 1985, surge a primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher em São Paulo e a Câmara dos Deputados aprova o Projeto de Lei que criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher⁸. Em 1988, através do *lobby* do batom, liderado por feministas e pelas 26 deputadas federais constituintes, as mulheres obtêm importantes avanços na Constituição Federal, garantindo igualdade a direitos e obrigações entre homens e mulheres perante a lei (GOULART, 2012).

Após essa longa jornada de lutas, subversões e conquistas, na década de 1990 percebemos as mulheres inseridas nos mais diversos cursos acadêmicos e profissões, construindo carreiras em diferentes áreas profissionais. Del Priore afirma que:

Em 1995, uma em cada cinco famílias brasileiras era chefiada por mulheres, que acumulavam a educação dos filhos com a profissão. Produto das mudanças aceleradas nos costumes, e especialmente do divórcio, as FCM – sigla patenteada nos meios acadêmicos para designar as famílias chefiadas por mulheres – estavam em toda parte. À sua frente, da executiva à empregada doméstica. (DEL PRIORE, 2011, p.229).

Dessa época em Porto Alegre, destacamos o nome de três mulheres que subverteram a lógica do que era destinado ao gênero feminino e conseguiram entrar em espaços nos quais anteriormente eram privadas de ocuparem. São elas: Profª Drª Thaisa Storchi Bergmann, a jurista Maria Berenice Dias e a educadora Esther Pillar Grossi, que ainda hoje são influentes em suas áreas de atuação.

Thaisa Storchi Bergmann graduou-se em Física (bacharelado) pela UFRGS (1977). Obteve um mestrado em Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio

⁸ Lei nº 7.353, de 29 de Agosto de 1985. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7353.htm. Acesso em 07 out. 2016.

de Janeiro (1980) e um doutorado em Física pela UFRGS (1987). Atualmente é professora associada no Departamento de Astronomia do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro do Comitê Supervisor da AURA (Association of Universities for Research in Astronomy) para o Observatório Gemini. Presta assessoria científica ao Laboratório Nacional de Astrofísica, FAPESP, CAPES, CNPq, bem como a diversas publicações científicas internacionais na área de Astrofísica. Em 2004, foi incluída pela Revista Veja no grupo de doze pesquisadores brasileiros mais citados em publicações internacionais. É membro da Academia Brasileira de Ciências desde 2009.

Maria Berenice Dias foi a primeira mulher a ingressar na magistratura do Rio Grande do Sul, em 1973 e a primeira Desembargadora nesse Estado, no ano de 1996. Engajou-se na causa LGBT a partir de 1995. Cunhou o termo "homoafetividade" e escreveu o primeiro livro sobre direito homoafetivo no Brasil⁹. Foi uma das mulheres indicadas do projeto "1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005". Como integrante do Comitê Estadual de Combate à Violência, criou o serviço Disque-Violência. Também criou o JusMulher - serviço voluntário de atendimento jurídico e psicológico às mulheres carentes, dentre tantas outras ações realizadas em prol das mulheres e comunidade LGBT.

Esther Pillar Grossi entrou na rede estadual de ensino como professora de Matemática, na capital gaúcha. Em 1968 radicou-se em Paris, onde fez mestrado na Universidade Paris VII. De volta ao Brasil, em 1970, com mais 49 professores fundou o Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre (Geempa), onde tem tido atuação vigorosa e contínua. De 1989 a 1992, Esther foi Secretária de Educação do município de Porto Alegre. De 1995 a 2002, ela foi Deputada Federal pelo Estado do Rio Grande do Sul. Apaixonada em todas as dimensões de sua vida, ela pinta seus cabelos de várias cores, afirmado que é mais fácil ter coragem de mudar a cor dos cabelos, do que mudar educação e política, tarefa na qual está profundamente engajada. Ela dedicou 32 anos de sua vida à pesquisa da aprendizagem que culminou com o projeto de alfabetização de adultos em três meses.

⁹ DIAS, Maria Berenice. **União Homoafetiva: o preconceito e a justiça.** 4. ed. Editora Revista dos Tribunais, 2014. 320 p.

A partir deste contexto, adentramos nos anos 2000. A mulher já conquistou muitos espaços e direitos, atuando em diversas áreas do conhecimento e inserida no mercado de trabalho. Já não precisa da presença masculina para decidir por ela o próprio futuro, nem está destinada a cuidar unicamente dos filhos e família. Já pode decidir por si mesma o que quer, o que pode e o que vai fazer. Porém, ainda hoje, percebemos as marcas deixadas pela cultura machista. As mulheres ainda são julgadas quando não apresentam atitudes “femininas”, ainda são desrespeitadas na rua, assassinadas (no Brasil, a taxa de feminicídios é de 4,8 para 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde) e estupradas. Além de terem jornada de trabalho dupla, as mulheres ainda ganham 30% a menos que os homens, sendo que segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a paridade salarial entre mulheres e homens vai levar mais de 70 anos para ser alcançada (JUNIOR, 2016).

Nessa perspectiva, destacamos a importância dos movimentos, organizações e grupos de apoio feito de mulheres para mulheres, que atuam desde sua origem em prol da saúde, estima e empoderamento feminino. Sabemos que existem diversas organizações nos mais diversos âmbitos e locais, porém citamos algumas das que se encontram atuantes na cidade de Porto Alegre: Marcha das Vadias, Coletivo de Mulheres da UFRGS, Bloco não mexe comigo que eu não ando só, Ocupação Mirabal, Comuna das Mina, Coletivo Feminino Plural, Programa Girls Rock Camp¹⁰.

Em meio ao contexto que nos encontramos nos dias de hoje, percebendo esses contrapontos presentes na história das mulheres, constatamos que muito foi

¹⁰ Para mais informações sobre os movimentos acima, seguem os links: Marcha das vadias (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/marcha-das-vadias-percorre-as-ruas-de-porto-alegre-pelo-fim-da-violencia-4485730.html>), Coletivo de Mulheres da UFRGS (<http://coletivomulheresufrgs.blogspot.com.br/>), Bloco não mexe comigo que eu não ando só (<http://www.sul21.com.br/?s=bloco+n%C3%A3o+mexe+comigo+que+eu+n%C3%A3o+ando+s%C3%B3>), Ocupação Mirabal (<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacao-mirabal-como-funciona-uma-ocupacao-de-mulheres-para-mulheres/>), Comuna Solo de las Chicas (<http://www.mepoenaboa.com.br/818296618288258/porto-alegre/comuna-solo-de-las-chicas>), Coletivo Feminino Plural (<http://femininoplural.org.br/site/>) e Girls Rock Camp (<http://grcpportoalegre.com/>).

conquistado pelas mulheres das gerações passadas, mas que ainda há lutas a serem conquistadas pelas gerações presente e futura.

7.2 Conceitos

Para a construção da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* nos fundamentamos em alguns conceitos que deverão permear a exposição e fazer dela compreensível e alinhada com a mensagem que a equipe curatorial pretende comunicar.

O primeiro conceito é o de ***We Can Do It!***, adotado como uma releitura do movimento que teve seu auge na década de 1980. O conceito estará presente em todos os núcleos e servirá para trazer a ideia de que “a mulher pode”: pode atuar no mercado de trabalho, pode cuidar da casa e da família, pode não ter família, pode ser plenamente livre para fazer suas escolhas. A mulher pode estar onde ela quiser e fazer o que ela julgar positivo para si, sem precisar submeter-se a padrões sociais.

O movimento *We Can Do It!* é conhecido como uma das mais icônicas representações usadas para apoiar e divulgar o feminismo a partir da década de 1980. Criado nos anos 1940 para incentivar a tomada do mercado de trabalho pelas mulheres, a imagem principal do movimento mostra uma moça trabalhadora, arregaçando as mangas, mostrando o bíceps em sinal de força. Embora a intenção primária tenha sido suprir a necessidade da mão de obra - por causa da ausência masculina no mercado de trabalho, causada pela Segunda Guerra Mundial - o movimento acabou sendo incorporado para representar a força feminina em favor das lutas por conquistas sociais e desprendimento do patriarcado¹¹, já intrínseco na sociedade, promovendo a desconstrução da noção de “sexo frágil”.

¹¹ Patriarcado é um sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário – entendido aqui como privilegiar a experiência masculina sobre a feminina -, e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças. Historicamente, o patriarcado tem-se manifestado na organização social, legal, político e econômico de uma gama de diferentes culturas. No entanto o patriarcado por se manifestar e mesclar com diferentes camadas sociais a partir da cultura em que está inserido. Para mais informações AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. Soc. estado. vol.15 no.2 Brasília June/Dec. 2000. Acessado em janeiro de 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922000000200006>

Por termos escolhido explorar o tema mulher, ficou difícil não tratarmos da questão de **Gênero**, sendo que o conceito naturalmente incorpora a narrativa da exposição. Contudo, não pretendemos abordar todas as discussões atuais que cercam a temática, mas sim, focar na questão trazida por Joan Scott (1995 p.75) onde: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. A autora afirma ainda que a relação já existente entre o saber e o poder afeta o conceito de gênero, fazendo com que este esteja submetido a relações de poder. Para compreender o conceito de **gênero** que também estará permeando a exposição “*Nós podemos!*” é preciso que fique claro que trabalharemos com a construção social e cultural das diferenças entre gênero, não com as diferenças biológicas e sexuais, pois para Scott o que interessa “são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, consequentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas” (SCOTT, 1995, p.75).

Além de Joan Scott (1995), outra autora que abordou o gênero no viés cultural é Simone de Beauvoir (1949), filósofa francesa que interroga o fundamento biológico da diferença sexual e a destinação sociocultural das mulheres, sua célebre frase - Não se nasce mulher, torna-se mulher, contestando a naturalização do feminino. O *tornar-se* é proposto pelas experiências vividas por homens e mulheres na dimensão do indivíduo na vida social, na relação que sua liberdade estabelece com a liberdade daqueles com quem convivem. Foi trazendo a discussão referente à hierarquia entre os sexos para o campo da História que Beauvoir fez sua maior contribuição, pois é através de estudos das sociedades que pretendeu compreender o modo de como as mulheres foram historicamente associadas à fragilidade e a inferioridade.

Na segunda onda do feminismo podemos citar Betty Friedan (1971) que esteve no Brasil para lançamento de seu livro *Mística Feminina*, a convite de Rose Marie Muraro, onde aborda a questão do sofrimento de *um mal sem nome* entre as mulheres norte-americanas, que no pós-guerra são bombardeadas com movimentos de retorno ao lar, para exercer seu papel secundário de esposa e mãe, sendo que já haviam participado ativamente do sistema produtivo e assim desejavam seguir, enquanto os homens estavam na guerra.

A definição de gênero construída sócio-culturalmente é um dos conceitos que se faz presente na exposição, pois buscamos abordar tanto a submissão quanto à subversão feminina em diferentes âmbitos. A subversão pode ser percebida quando as mulheres se sentem livres das “amarras” que as impediam de guiar suas vidas e passam a atuar de forma independente tanto no campo privado quanto no campo público, onde começam a ganhar seu próprio espaço na sociedade onde estão inseridas.

A proposta curatorial sugere um circuito fechado para o desenvolvimento da exposição, por isso pensou-se mostrar o caminho percorrido pela mulher ao longo de suas conquistas entre os anos 1970 e 2000, projetando o futuro em uma reflexão. Para que essa narrativa se tornasse visível no espaço expográfico, foram incorporados os conceitos de **Privado** e de **Público**. Dessa forma, poderemos representar visualmente a transição de ambientes: o privado - historicamente destinado às mulheres - e o público - a vida pública, associada aos homens.

O espaço privado compreendido ao interior da domesticidade e a constituição familiar mantinha sob a tutela masculina as mulheres e as privou de seus mais elementares direitos. Privação esta que, de acordo com Varikas, se configurava como a própria privação “dos direitos civis e políticos” que retirava das mulheres o direito a independência “necessária para participar, não da gestão de uma comunidade instituída de uma vez por todas sem seu consentimento, mas da própria definição do conteúdo e das regras da vida em comum” (VARIKAS, 1996 *apud* MESQUITA, 2012, p.334).

Ao abordamos o público e o privado na história feminina, atentamos ao fato de estes campos da vida social estarem pré-determinados aos corpos. Em Mesquita (2012) vemos que, segundo a perspectiva da historiadora Michelle Perrot, as mulheres vêm sendo predestinadas aos espaços privados referentes à domesticidade desde o século XIX, tendo assim a sua subordinação reafirmada. O âmbito das relações sociais da mulher na esfera do privado, com o lar, a família e tópicos foram ignorados pela historiografia clássica por não serem considerados relevantes para a História Social.

A história tecida a partir da compreensão do mundo público e político, fez com que as mulheres fossem invisibilizadas em seu relato a partir do momento que as situaram, ao mesmo tempo, nos âmbitos do privado e do cotidiano doméstico, e estes espaços não seriam importantes para a compreensão dos fluxos históricos (PERROT, 1995, *apud* MESQUITA, 2012, p.328).

Em contraponto ao campo privado, temos o campo público, que como citado acima esteve historicamente destinado aos homens. Conforme Fernandes (2014) nos apresenta, a filósofa Hannah Arendt defende o pensamento grego quando se trata de conceituar os âmbitos público e privado, sendo o primeiro representado pela *pólis* e o segundo o lar.

A *pólis* era para eles o espaço político por excelência destinado ao exercício da liberdade, enquanto a esfera da vida privada era um espaço pré-político responsável pela manutenção das necessidades. O que diferenciava a *polis* do lar era o fato de na *polis* o homem estar entre “iguais”, livre das necessidades da vida e ao mesmo tempo fazendo uso de sua singularidade através do discurso e da ação (FERNANDES, 2014, p. 212-213).

É importante ressaltar que na Antiguidade, em Atenas, por exemplo, somente eram considerados cidadãos gregos, possuidores de direitos, os homens acima de 21 anos e que fossem atenienses e filhos de atenienses. O grupo restante, que não correspondia a essas características, não tinha direitos políticos, incluindo as mulheres.

Vejamos então em que consistia a esfera pública para os gregos. Segundo nossa autora, numa primeira consideração, podemos dizer que público consiste em tudo aquilo que aparece na cena pública e pode ser visto e ouvido pelos demais, garantido assim a realidade das coisas. Num segundo momento, público significa o próprio mundo, “tem a ver com o artefato humano, com o que é fabricado pelas mãos humanas, assim como com os negócios realizados entre os que habitam o mundo feito pelo homem” (ARENDT, 2010, p. 64). O domínio público é, então, aquele mundo que dividimos na companhia de outros e podemos chamar de mundo comum (FERNANDES, 2014, p. 215).

Constatamos então que a mulher não fazia parte do mundo comum, pois estava restrita ao âmbito privado. Ainda na concepção grega, o termo tinha a conotação de privação, ou seja, deixa o indivíduo impossibilitado de partilhar de um mundo em comum com outros que lhe são iguais. Isso muda quando olhamos para o século XXI, onde pensamos o privado como o lugar íntimo de cada um, com seus sentimentos e individualidades, coisas sem um lugar tangível no mundo. Fernandes (2014) ao citar Arendt, que aponta Rousseau como o “primeiro grande expoente da intimidade”, pois, segundo essa autora, foi a partir desse filósofo que a esfera privada passou a ser a esfera da intimidade, promovendo uma “estreita relação entre o social e o íntimo” (ARENDT *apud* FERNANDES, 2014, p. 216).

Após a definição da narrativa expográfica, o nome da exposição tornou-se um problema. Diante de opções que traziam claros os recortes de espaço e tempo, surgiu uma alternativa mais reflexiva e que explicitava toda a questão tratada na exposição. O título “*Nós Podemos! A Mulher da Submissão à Subversão*” condensa em poucas palavras toda a ideia explícita acima: o caminho percorrido pela mulher, que é subjugada pelo gênero, deixando de se dedicar somente ao espaço privado - o lar, as tarefas domésticas e, diversas vezes, à submissão de uma sociedade voltada aos mandos masculinos - adentrando o espaço público - o trabalho fora de casa, a universidade, a política, a produção de conhecimento e a formação de opinião - subvertendo aos valores de uma sociedade patriarcal e assumindo seu papel de poder.

Toda a questão de **Submissão** e **Subversão** com a qual se pretende trabalhar no contexto da exposição converge com os conceitos apresentados anteriormente, para que haja uma fluidez e coerência de discurso. Geralmente, o conceito de submissão está relacionado à mulher, pois esta é considerada, culturalmente, o “sexo frágil” e busca justificativa na constituição física feminina:

Conforme explica Pierre Bourdieu, as diferenças biológicas entre os corpos dos homens e os corpos das mulheres foram utilizadas historicamente como justificativas para diferenças construídas socialmente, para a imposição de papéis sociais de gênero e para a dominação dos homens sobre as mulheres (CARGNELUTTI; OLIVEIRA, 2014, p. 23)

Contudo, a mulher buscou por meio de seus movimentos sociais e lutas diárias a igualdade entre os gêneros. Defendeu o seu direito de voto, de liberdade de expressão e sexual, de exercer as suas vontades e de ter poder de escolha sobre sua própria vida. Porém, ainda hoje existem caminhos difíceis a percorrer e estígmas sociais que acompanham as mulheres desde os séculos passados e estes continuam a ser carregados como letras escarlates¹².

¹² *The Scarlet Letter* (A Letra Escarlate) é um livro de Nathaniel Hawthorne, publicado originalmente nos Estados Unidos em 1850. Conforme o resumo da editora Companhia das Letras: Na rígida comunidade puritana de Boston do século XVII, a jovem Hester Prynne tem uma relação adultera que termina com o nascimento de uma criança ilegítima. Desonrada e renegada publicamente, ela é obrigada a levar sempre a letra “A” de adultera bordada em seu peito. Hester, primeira autêntica heroína da literatura norte-americana, se vale de sua força interior e de sua convicção de espírito para criar a filha sozinha, lidar com a volta do marido e proteger o segredo acerca da identidade de seu amante. Aclamado desde seu lançamento como um clássico, A letra escarlate é um retrato dramático e comovente da submissão e da resistência às normas sociais, da paixão e da fragilidade humanas, e uma das obras-primas da literatura mundial.

Acima de tudo isso, nos interessa falar das mulheres que subvertem ao comum de suas épocas, mulheres que firmam seus desejos e questionam o papel para o qual foram designadas pelo simples fato de terem nascidas fêmeas. Cargnelutti e Oliveira (2014) analisam o conto “Fúria”¹³ da autora portuguesa Patrícia Reis, e mostram que a subversão é quase como um ímpeto, mas que sofre com os cortes frios da autoridade masculina.

Ao longo da leitura do conto de Patrícia Reis, podemos perceber que a personagem não representa a figura clássica de submissão feminina, apresentando em sua caracterização alguns aspectos “subversivos”, como o fato de não possuir filhos, de questionar o papel imposto de maternidade e de ler revistas, contrariando a vontade do marido. Simultaneamente, no entanto, percebemos que a personagem se sente presa a um casamento fracassado e opressivo e não consegue encontrar uma forma de libertar-se dessa relação. [...] vemos outro momento em que essa ambiguidade em seu comportamento se revela: a esposa atreve-se a comentar com o marido que gostaria de mudar o sofá da sala, ao que ele prontamente responde que isso nunca aconteceria. Dessa forma, o anúncio do pequeno gesto de coragem da personagem ao tentar mudar o sofá do lugar é imediatamente anulado pelas palavras bruscas da figura masculina autoritária, fazendo com que a esposa logo desista da ideia e não volte a tocar no assunto. (CARGNELUTTI; OLIVEIRA, 2014, p. 26).

A subversão faz parte do universo feminino. A busca por liberdade e o questionamento das regras são características que originaram os movimentos feministas. E muito mais do que motivo para lutas sociais, a subversão é o caminho de autoafirmação, de elevação de autoestima e de autonomia. A exposição *Nós Podemos!* pretende mais do que contar esta história, celebrar as conquistas das mulheres, fortalecendo seus discursos na luta por seu lugar de direito na sociedade.

¹³ O conto expõe a situação de opressão vivida pela personagem e no texto “adentra a dimensão dos pensamentos desta mulher presa aos papéis de gênero impostos historicamente pela sociedade, que se encontra em crise diante dessas imposições e busca por uma identidade e um espaço próprio” (CARGNELUTTI; OLIVEIRA, 2014, p.20).

8. CONCEPÇÃO DO ESPAÇO EXPOSITIVO

8.1 Narrativa

O projeto de exposição curricular *Nós Podemos! A Mulher da Submissão à Subversão* propõe a apresentação das conquistas e representações do gênero feminino, com foco na cidade de Porto Alegre, desde a década de 1970 até a atualidade, ultrapassando o limite do presente para uma visão da mulher no futuro.

Muito se discute a respeito das mulheres estarem conquistando seus papéis e direitos na sociedade. Mas... será que sabemos quais são? A narrativa da exposição em questão visa demonstrar os estudos e pesquisas feitos acerca da temática proposta, através de linguagem visual com base na cultura material significativas do recorte temporal e espacial. Busca-se muito mais do que apenas representar a mulher, mas também celebrar as conquistas femininas em espaços antes tidos apenas como masculinos na sociedade ocidental.

Organizada de forma a apresentar os contrastes das décadas citadas anteriormente a partir dos núcleos definidos como “Apresentação”, “Soltando as Amarras”, “Bela, Recatada e do Lar” e “(Des)Igualdade?”, a exposição terá como base a imagem símbolo do feminismo mundial conhecida como *We can do it!*. Tal alusão remete à capacidade e força feminina para as conquistas de espaços e direitos na sociedade, perpassando todos os núcleos.

Outro fio condutor da narrativa expositiva está refletido no conceito de Gênero, também perpassando todos os núcleos, mas principalmente no “Soltando as Amarras”, tendo em vista que neste núcleo serão abordados fatos marcantes, a nível internacional, para as conquistas femininas na sociedade. Além disso, os conceitos de Público e Privado estarão evidentes na condução da narrativa dos núcleos “Bela, Recatada e do Lar” e “(Des)Igualdade?”, refletindo a transformação no comportamento feminino ao longo das décadas retratadas.

Desse modo, a exposição curricular propõe uma reflexão acerca do empoderamento feminino na sociedade, especificamente na capital gaúcha, apresentando fatos do cotidiano feminino, que exaltam e demonstram quanto esta mulher tem força para transformar a sociedade.

8.2 Apresentação dos Núcleos

Para a realização da exposição curricular *Nós Podemos! A Mulher da Submissão à Subversão* optou-se pelo tipo de exposição de circuito fechado. Há três tipos possíveis de circuitos, o aberto, o fechado e o sugerido, como explica Saturnino (2013, p. 37):

No circuito fechado, os espaços expositivos possuem apenas uma entrada e uma saída, o percurso é inteiramente predeterminado, todos os visitantes fazem o mesmo trajeto na exposição e na assimilação do conteúdo até a saída. No circuito aberto, o visitante tem circulação livre no espaço, o posicionamento dos móveis, módulos e painéis permite a construção do percurso individual. No circuito sugerido há uma sequência na distribuição da informação que pode ser lida aleatoriamente, nesse caso o visitante decide seguir ou não a sugestão de percurso.

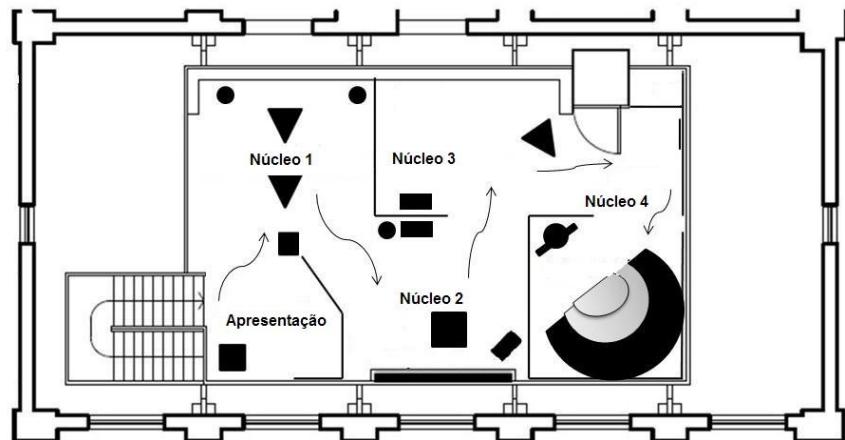


Figura 1 - Planta Baixa do Mezanino com representação do mobiliário e circuito. Fonte: Produção de Diogo Neumann e Kimberly Pires (2016)



Figura 2 - Maquete Digital. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016)

Desse modo, a exposição tem sua entrada principal pela escada que dá acesso ao mezanino. Neste espaço o visitante encontrará três painéis, com sentido da direita para esquerda; o primeiro deles, encostado ao guarda corpo, é o painel de agradecimentos, com nomes de empresas, instituições e pessoas físicas que contribuíram com a construção da exposição. O segundo, bem a frente da escadaria, estará com a ficha técnica da exposição. E por fim, o painel inclinado à esquerda, onde ficará o logo da exposição e o texto de abertura, que irá apresentar o tema e convidar o público para a visitação. Além disso, à esquerda deste espaço, estará uma pequena vitrine com a medida de 1,15m x 0,60m x 0,50cm, destacando um objeto gerador¹⁴, um sutiã queimado, objeto de empréstimo de particular, e legenda relacionando ao momento histórico em que foi símbolo da liberdade feminina, à direta da escada estará situada uma pequena mesa, emprestada pelo Museu da Santa Casa, com o material de divulgação da exposição e o livro de registro de presenças.

¹⁴ Conceito de Objeto Gerador: “O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criações e criaturas do ser humano em sua historicidade. Isso tem base nas “palavras geradoras” de Paulo Freire: aquelas palavras que têm profundo significado, sendo matéria-prima para aprendizagem da escrita.” (RAMOS, 2001, p.116)

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Museu, ensino de história e sociedade de consumo. Trajetos. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 109-131, 2001. Disponível em: <http://www.repository.ufc.br/handle/riufc/17181>



Figura 3 - Espaço de Apresentação da Exposição. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016)

O Núcleo 1, denominado “Soltando as Amarras”, será baseado em uma contextualização do século XX, onde aparecerão seis fatos marcantes para as conquistas femininas da época. Este ambiente será estruturado de forma retangular, com as medidas de 5,42m x 4,00m. Ao centro estarão dois totens triangulares, com faces de 80 cm, onde serão plotadas seis imagens que conduzirão a narrativa desta sala. Os acontecimentos são: a queima de sutiãs (1968); o dia internacional da mulher (1911); a pílula anticoncepcional e a revolução sexual (1960); o uso do biquíni (1946), contextualizado pela atriz Leila Diniz, importante personagem ligada ao início do feminismo no Brasil (1971) e um espartilho, que era uma peça de uso obrigatório até o início do século XX, que representa a liberação e a primeira onda do feminismo.

Nos dois cantos, à esquerda da sala, estarão dois manequins femininos: o primeiro vestido com um espartilho, aproximadamente da década de 1930, objeto pertencente ao Museu de Porto Alegre - Joaquim José do Felizardo; o segundo com um maiô, datado entre 1960 a 1970, este objeto pertencente ao Museu Julio de Castilhos. No espaço entre os manequins estará o texto de apresentação do núcleo expositivo. Na parede perpendicular ao texto, estará o quadro da imagem clássica do *We Can Do It!*, empréstimo de particular, seguida de um texto que fará a explicação do termo e sua origem.



Figura 4 - Núcleo 1: Soltando as Amarras. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

No Núcleo 2, denominado “Bela, Recatada e do Lar”, será apresentada a narrativa da mulher no âmbito privado, ancorado no conceito de submissão, ainda totalmente vinculada às tarefas da casa. Esta segunda sala tem as medidas de aproximadamente 5,00m x 4,70m. À direita da sala, no verso dos painéis da entrada, estarão plotadas imagens de comerciais televisivos e propagandas de revistas, a partir dos anos 1970, que vinculam a mulher aos objetos domésticos, principalmente relacionados à beleza, limpeza e a cozinha. O espaço entre este painel e a cenografia, ainda esta sendo analisado e elaborado, como um local de interatividade dentro deste núcleo.



Figura 5 - Núcleo 2: Bela, Recatada e do Lar. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

Ainda neste núcleo será apresentada uma sala de jantar cenográfica, com objetos representativos das décadas de 1970 e 1980. Sendo composta de mesa com bancos, jogo de louças para refeição e um televisor, todos mobiliários e objetos de empréstimo pessoal, talvez neste espaço junto a cenografia apareça um rádio, da década de 1970, empréstimo do Museu Júlio de Castilhos. Para aperfeiçoar a experiência com a cenografia, a parede a direita será composta por uma projeção feita por um equipamento de multimídia, com a passagem de imagens pesquisadas na plataforma *Google* de cozinhas deste recorte temporal, podendo como segunda opção, ser realizada uma ilustração (pintura) representando uma cozinha em perspectiva, provavelmente realizada por um aluno de Artes Visuais, Design ou Arquitetura. Na parede ortogonal a esta, estará plotada a letra de uma música, tendo como opções, *Maria, Maria!* de Elis Regina ou *Pagu* de Zelia Dukan. A parede ilustrada receberá também um pequeno texto em sua lateral, demonstrando as facetas da terceira jornada feminina, que após trabalhar fora, volta pra casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos.

Na sequencia da parede com a letra da música, serão confeccionados cinco nichos, que irão conter objetos do acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, dentre eles: um regulador menstrual, anticoncepcionais, entre outros objetos relacionados a sexualidade feminina, que serão os objetos geradores do

núcleo expográfico. Também neste espaço, será plotado um texto que discute as questões relacionadas ao aborto, sem entrar no mérito da legalização ou não, mas sim discutindo os perigos e as reais estatísticas que demonstram quantas mulheres acabam falecendo na execução deste procedimento ilegalmente. Ainda neste espaço, estarão pintadas frases como: “*Por que não fechou as pernas?*”, que demonstra uma das formas de manifestação da cultura do estupro.

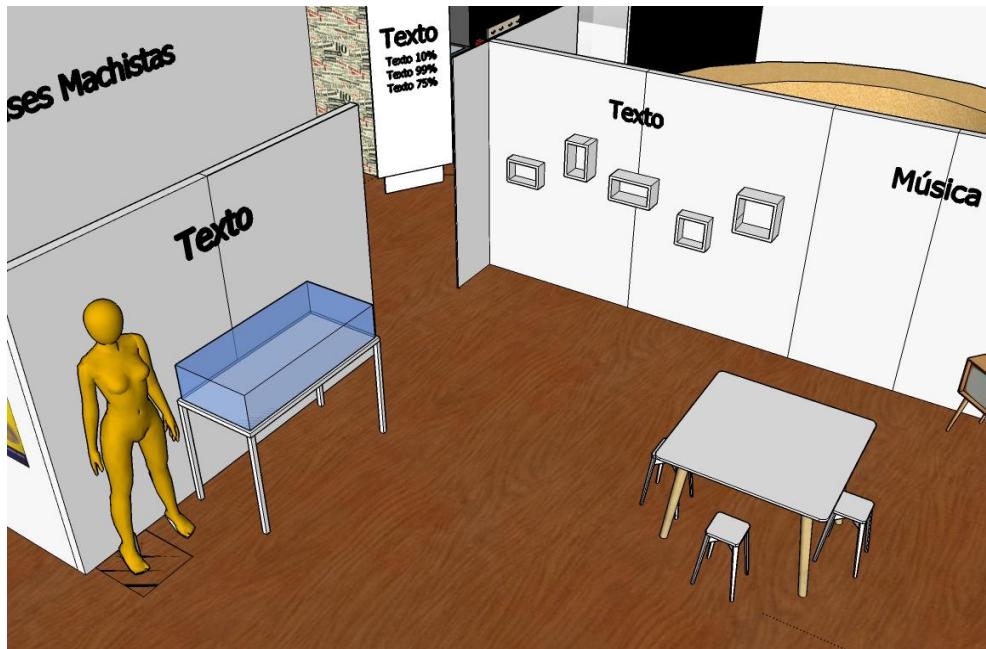


Figura 6 - Núcleo 2: Apresentação dos acervos museológicos, representação das mulheres no museu e a sexualidade feminina. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

Na parede a esquerda haverá um texto apresentando e questionando a realidade dos acervos femininos nos museus de Porto Alegre. Afinal, como a mulher é representada nestes espaços de memória? Este espaço terá uma vitrine com as medidas de 1,00m x 1,25m x 0,52m, emprestada pelo Museu da Santa Casa, onde serão colocados objetos relacionados ao universo feminino, geralmente ligados a rotinas de embelezamento, vestuário, relacionados aos cuidados dos filhos e casa, artefatos preservados pelo Museu Joaquim José Felizardo e Museu Julio de Castilhos. Ao lado deste painel estará uma manequim, a princípio usando um vestido de passeio encontrado no acervo do Museu Julio de Castilhos, clássico representante do vestuário feminino encontrado nestas instituições, majoritariamente vestidos de lazer ou festivos.

O Núcleo 3, intitulado “(Des)Igualdade?”, tem as medidas de aproximadamente 8,60m x 2,80m. Apresentará os grupos de apoio a mulheres, dos

mais diferentes nichos, um pouco sobre a história do feminismo, desmistificando termos e ao final da sala, haverá um espaço elaborado para reflexões geradas a partir de frases machistas, estatísticas atuais que demonstram problemas sociais e discriminações, com a intenção de problematizar os conceitos submissão e subversão, os quais se fazem presentes em todo o período delimitado pela exposição.

Ao entrar na sala, a parede a esquerda apresentará um texto plotado na parede, junto a uma vitrine, cujas medidas são de 1,00m x 1,25m x 0,52m, onde ficarão expostos objetos vinculados a estes grupos como fotografias, materiais impressos, entre outros objetos de memória. Em sequência, na parede central na menor dimensão da sala, estará um texto sobre o que é o feminismo, desmistificando alguns termos, como por exemplo: *Feminazi*¹⁵. Na maior parede da sala, em forma de pichação, estarão escritas frases machistas, que a maioria das mulheres já escutou e que até em alguns momentos acaba reproduzindo, pois é educada em uma sociedade machista, que frequentemente a culpa pelas ações de violência que sofre.

¹⁵ O termo foi popularizado nos anos 1990 pelo radialista conservador Rush Limbaugh para se referir a feministas que defendiam a interrupção da gravidez. É utilizado, principalmente com o advento das redes sociais, no intuito de silenciar e deslegitimar as pautas feministas, relacionando erroneamente "feminismo" e "nazismo", essencialmente opostos.



Figura 7 - Núcleo 3: (Des)Igualdade?. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

A direita da maior parede, como uma composição de papel de parede, estarão recortados e colados matérias de jornais de Porto Alegre que relatam casos de violência contra a mulher, demonstrando a quantidade de casos que ocorrem todos os dias e não devem ser esquecidos nem ignorados. Ainda em fase de análise, está sendo cogitado o uso de uma obra de arte de uma artista gaúcha, que foi exposta em uma galeria da Casa de Cultura Mário Quintana - CCMQ, como o objeto gerador deste núcleo. Trata-se de uma fotografia com a parte da boca costurada com uma linha, sendo introduzida no discurso da exposição demonstrando um dos aspectos da violência contra mulher, tanto psicológica como física.

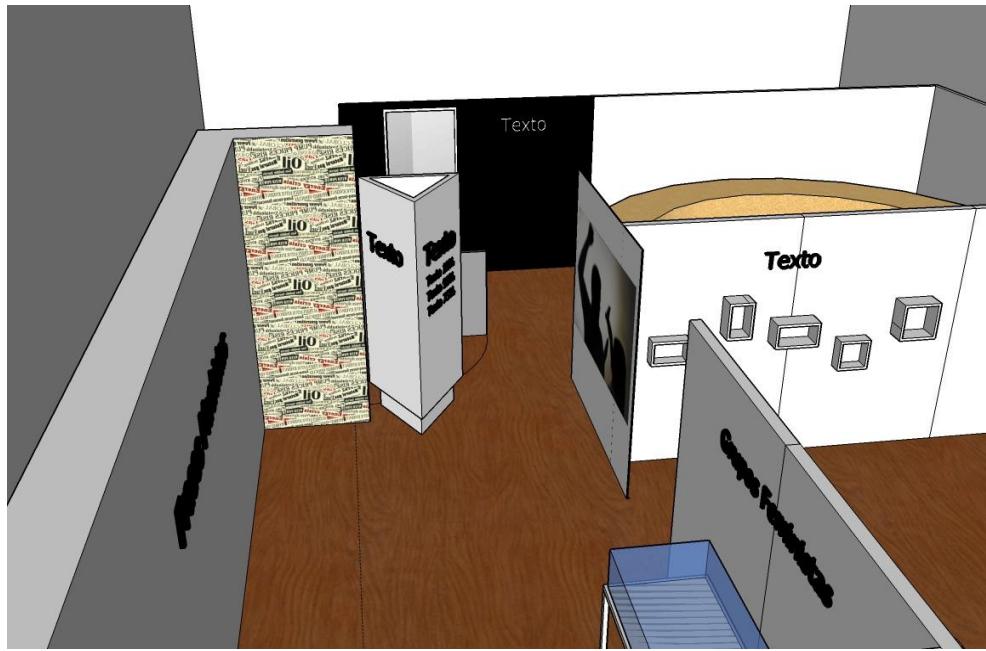


Figura 8 - Núcleo 3: (Des)Igualdade?. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

Ao final deste núcleo, no centro da sala, estará o terceiro totem, pintado totalmente de branco, com manchas em vermelho, representando sangue. Além disso, o totem receberá plotagens em suas três faces, com letras pretas, representando estatísticas sobre violências contra mulher e frases questionadoras sobre: aborto, estupro, feminicídio, entre outras. A parede que forma um corredor junto ao totem estará representando a violência física, a princípio em forma de plotagem de uma imagem, onde apareçam apenas as sombras das pessoas.

Ao fundo da sala estará fixado à parede um grande espelho e em sua parte superior, com a mesma tipografia do famoso cartaz já citado, estará a frase “*We Can Do It!*”; este espaço será composto de um conjunto de ganchos presos na parede, pendurando camisas jeans e bandanas vermelhas, sendo possível que o visitante se vista como no cartaz e registre o momento com uma fotografia. Ao lado esquerdo do espelho, acima dos ganchos, estará um painel para prender fotos e comentários dos visitantes. Neste ambiente, também estarão escritas frases, sendo um exemplo: ‘Lugar de Mulher é onde ela quiser!’. Ao lado direito do espelho, estará o texto final da exposição, plotado na parede.



Figura 9 – Núcleo 3: (Des)Igualdade?. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

O núcleo 4, chamado “Espaço Educativo” destina-se à reflexão através de atividades lúdicas, onde o público visitante é convidado a discutir e refletir os temas abordados, visando uma apropriação dos conceitos expostos. As atividades que serão desenvolvidas são destinadas, principalmente, às turmas das escolas agendadas que usualmente visitam o Museu.



Figura 10 - Espaço Educativo: destinado para atividades Educativo-Culturais. Fonte: Programa SketchUp – Produzido por Kimberly Pires (2016).

O ambiente destinado ao Espaço Educativo mede 4,87m x 4,22m e conta com uma arquibancada de 4,60m x 2,80m à esquerda, onde o público visitante será acomodado para participar das atividades. À frente da arquibancada, do lado direito estará um televisor de 42 polegadas, equipamento pertencente ao Curso de Museologia da UFRGS, que será utilizado para exibição de vídeos, estes que serão selecionados pela turma e editados, sendo compostos de fotos, propagandas, entrevistas e documentários, sempre contendo legenda nos diálogos. Ao seu lado estará um quadro imantado de 1,50m X 0,90m para atividades educativas. Nesta sala, ainda está sendo cogitada a formação de um mural, com as fotografias tiradas em uma ação de divulgação da exposição, quando as alunas e alunos da disciplina irão aos vários campi da universidade e também nas ruas, para tirar fotos das pessoas que se identificam com o lema da exposição *We Can Do It!*.

Está programado um ciclo de cinema e mesas redondas, para acontecer fora do Museu, em razão do espaço restrito e para acomodação de um público maior, bem como uma possível interferência acústica na exposição que estará no espaço inferior. Estas atividades poderão acontecer no Plenarinho ou outro auditório do Campus Centro (FACED ou Arquitetura) e Auditório da FABICO.

9 VIABILIDADE DA EXPOSIÇÃO CURRICULAR

9.1 Viabilidade do Tema

O tema da exposição curricular escolhido pela turma se mostra viável e essencial para o diálogo com a comunidade, fato evidenciado conforme o decorrer das pesquisas. Posto que a temática do empoderamento feminino é bastante debatida atualmente, ao pesquisar sobre a história das conquistas das mulheres brasileiras até a contemporaneidade, é perceptível o quanto a problematização referente às questões de gênero se fazem necessárias. Justamente por estar em voga, analisamos que o tema chama o interesse do público a melhor conhecer e questionar. Verifica-se uma lacuna no âmbito das exposições museológicas em Porto Alegre que sejam centralizadas nas mulheres durante a história e seu protagonismo, principalmente sob um viés contemporâneo. Nesse sentido, *Nós podemos! A mulher da Submissão à Subversão* será, a partir de seu alcance possível, através de recursos museológicos, uma contribuição para a construção de conhecimento sobre o passado e o presente das mulheres em Porto Alegre. As exposições museológicas têm o objetivo e a virtude de, consequentemente, propiciar a formação de consciência crítica, resultando em reflexões referentes ao passado, presente e futuro. A exposição curricular terá seus espaços destinados a essas reverberações como norteadoras:

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar. (RAMOS, 2004, p. 21)

Serão determinadas mudanças referentes às questões de relações e papéis sociais, educação, trabalho e empoderamento das mulheres em Porto Alegre, passando brevemente pelo contexto mundial, durante o período histórico delimitado, trazendo para o debate reivindicações presentes na história das mulheres, mas que seguem contemporâneas, como, por exemplo, as diferentes batalhas enfrentadas pelas mulheres em uma sociedade predominantemente machista, com elevados índices de violência contra a mulher. Assim, serão apresentadas conquistas que foram possíveis e que precisam seguir avançando, para que não retrocedam e que resultem em novos êxitos. Os acervos e os textos expositivos, assim como as ações educativo-culturais serão vetores conduzidos pelos conceitos da exposição:

A dignidade da vida humana pode refazer a partir da reconstrução de sua trajetória, estimulante da consciência crítica que elege os seus valores e se torna, assim, apta a modificar o mundo. Modestamente, o museu pode ser um dos espaços onde essa consciência histórica se frutifique e onde propicie essa mudança (GUARNIERI, 2010, p. 102).

9.2 Viabilidade do Espaço Físico e Mobiliário

A turma de Projeto de Curadoria do segundo semestre de 2016 deve realizar sua exposição curricular no primeiro semestre de 2017. O espaço definido para projetar esta exposição será o mezanino do Museu da UFRGS. Este espaço mede 8,25m X 12,96m, totalizando aproximadamente 106m², limitados por um guarda corpo vazado de metal com aproximadamente 1,00m de altura, ao redor de toda sua área.

A parede da lateral direita tem medidas de 3,00m X 3,72m X 0,30m aproximadamente, a qual será utilizada para complementar o espaço fechado do Núcleo 2 - intitulado Bela, Recatada e do Lar. A parede do lado esquerdo tem dimensões de 3,00m X 9,97m X 0,30m aproximadamente e sua presença no espaço facilita algumas questões de segurança, pois ela evita a chegada ao guarda corpo em quase toda extensão do lado esquerdo do mezanino, assim como será um contraponto auxiliar no suporte das divisórias. Estas estruturas foram criadas para última exposição curricular e serão reutilizados para transformar os módulos em ambientes menores: os núcleos expositivos. Por ser uma parede feita de gesso, de estrutura frágil, será necessário projetar protetores e paredes que afastem o visitante da mesma, por questões de segurança. Para solucionar esta questão, adaptaremos a esta parede, uma grande tela, onde serão projetadas, a partir de um aparelho projetor de multimídia, imagens de cozinhas, a partir da década de 1970 aos dias atuais. Como segunda opção, será convidado um aluno de Artes Visuais, Design ou Arquitetura para retratar um ambiente, através de uma releitura, como pintura ou croqui, que irá compor a cenografia deste núcleo.

Um dos princípios de toda a exposição é a concepção de acessibilidade de várias formas ao espaço, sua compreensão, fruição e circulação. O acesso ao mezanino do Museu acontece a partir de uma escadaria, com degraus e corrimão vazados. Para as pessoas com dificuldades de locomoção, o acesso acontece por meio de um monta carga, utilizado como elevador, que está localizado à esquerda

ao fundo do mezanino, propiciando o atendimento do requisito acessibilidade de locomoção. Assim também, as áreas de passagem foram planejadas para se tenha, em média, a medida de 1,50m para as aberturas, com o objetivo de facilitar a passagem de uma cadeira de rodas e/ou pessoas acompanhadas. Segundo, Féرنandez e Féرنandez (2012, p.96) “El espacio mínimo confortable para una persona se define por el espacio comprendido alrededor del individuo cuanto este extiende los brazos a cada lado perpendicularmente al cuerpo.”¹⁶

O guarda corpo vazado, com aproximadamente 1m de altura, deverá ser encoberto por painéis ou paredes de MDF, que serão adquiridos em lojas de construção ou madeireiras, com a finalidade de impedir o acesso do público a estes, como forma de garantir a segurança do público visitante, principalmente quando houver visita de escolas com crianças e adolescentes. Ao lado do monta cargas será feita uma parede móvel de MDF para proteção do material de som, que fica guardado no mezanino do museu.

O espaço do mezanino ainda conta com um mobiliário único, uma arquibancada, em formato de semicírculo, com dois níveis, com as medidas de 4,60m x 2,80m, podendo ser dividida em até três partes. Por ocupar muito espaço, por vezes torna-se um mobiliário de utilização complicada. Para esta proposta expográfica optamos por instalá-la integralmente no ambiente denominado “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais”, para que seja usada na concentração dos grupos visitantes e não obstrua a circulação dentro do circuito proposto.

A iluminação do espaço acontece a partir de trilhos suspensos compostos de spots inclináveis, podendo assim, serem direcionados conforme a intenção de foco do ambiente. Ao fundo, no lado direito, temos a ausência de trilhos, causando assim uma insuficiência na iluminação deste espaço. A solução tomada neste caso foi colocar a arquibancada ao fundo, para assim não prejudicar a visibilidade dos objetos e textos expositivos. As atividades educativo-culturais, que necessitam de uma iluminação maior e/ou espaço para comportar um número maior de pessoas, serão realizadas em um espaço fora das dependências do Museu.

¹⁶ “O espaço mínimo confortável para uma pessoa é definida pelo espaço compreendido em torno do individuo, uma vez que estende os braços de cada lado perpendicular ao corpo.” Féرنandez e Féرنandez (2012, p.96). Tradução livre.

Ainda pensando a iluminação no espaço expositivo, D'Alambert; Monteiro (1990, p.45) orientam que:

[...] para uma boa visualização das peças expostas nas vitrines, é necessário prever primeiramente uma iluminação geral adequada para a sala de exposição: 150 *lux* em média, com distribuição mais homogênea possível a fim de se evitar a formação de sombras (D'ALAMBERT; MONTEIRO, 1990, p.45).

Desta forma, para verificação da intensidade de iluminação, será utilizado um luxímetro, equipamento emprestado do Laboratório de Cultural Material e Conservação (CMC).

A disposição dos objetos neste espaço também tem grande relevância, pois é na sua apresentação e contextualização que será proporcionada a experiência de uma fruição adequada e, consequentemente, o alcance dos objetivos programados e a compreensão da mensagem expositiva junto ao público. Além destes fatores, os cuidados com a iluminação são igualmente importantes para a conservação, preservação e segurança dos mesmos no espaço expositivo.

Cabe destacar alguns fatores que devem ser considerados na escolha dos suportes para esta apresentação. Considerando sua solidez e flexibilidade, nessa perspectiva, D'Alambert; Monteiro (1990, p.40) indicam que “[...] a escolha do tipo mais adequado de suporte será em função do tipo e tamanho do objeto, do espaço físico disponível e da intencionalidade temática prevista no projeto museográfico”.

As paredes existentes e outras estabelecidas através do uso de painéis, a criação de divisórias entre espaços para apresentação de diferentes núcleos orienta a circulação, indicando uma rota de percurso para apreciação do tema explorado, consolidam o isolamento de janelas ou portas com o fim de vedar a incidência de intensa iluminação e também podem obstruir passagens para ampliar a área expositiva. Estas paredes serão reutilizadas do material fabricado pela última turma de Projeto de Curadoria, que ocorreu em 2015, totalizando oito paredes, com as medidas de 1,85m x 1,40m x 0,07m; as demais paredes serão confeccionadas com chapas de MDF, ainda a serem adquiridas por compra e fixadas com lacre diretamente no guarda corpo do mezanino. Os serviços de instalação e adequação das paredes e divisórias serão executados pelo colega Amarildo Vargas, que tem experiência em marcenaria. Outra possibilidade do uso de paredes são as divisórias

tripartidas do Museu da UFRGS, com as medidas de 1,77m x 1,20m x 0,07m cada parte, inicialmente pensadas para serem as paredes no espaço de recepção, onde ocorre a apresentação da exposição.

Além das paredes usuais e divisórias, esta exposição contará com três totens triangulares, com medidas de 2,00m x 0,80m, emprestados pelo Museu Joaquim Francisco do Livramento, pertencente ao Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Este mobiliário é dinâmico, sendo em alguns momentos utilizado como divisória e também como painel para imagens plotadas e textos.

O projeto expográfico, ainda irá contar com três manequins femininos, que serão utilizados como suporte de vestuário/indumentária do contexto apresentado nos seguintes Núcleos: dois estarão no Núcleo 1 – “Soltando as Amarras” um no Núcleo 2 – Bela, Recatada e do Lar. Um dos manequins será um empréstimo do Museu da UFRGS, e os outros dois empréstimos de particulares.

A exposição também contará com recursos audiovisuais, constituído de um retroprojetor utilizado no Núcleo 2 que irá projetar várias imagens da cozinha e sua evolução, esta como um espaço por onde as mulheres passam, mesmo exercendo uma profissão. Neste espaço será abordado o tema da terceira jornada feminina.

O Espaço Educativo denominado “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais”, será composto por um televisor pertencente ao material expográfico do Curso de Bacharelado em Museologia da UFRGS, que será utilizado em algumas atividades educativo-culturais e para uma exibição contínua de um vídeo, a ser editado pelos alunos e alunas da turma com imagens, propagandas e documentários, relacionados à temática da exposição.

O uso de vitrines permite destacar e valorizar um objeto, bem como proporcionar sua segurança e conservação adequada. É necessário observar as características físicas e as necessidades de cada tipo de acervo, controlando os agentes físicos e químicos que possam afetar a preservação de cada coleção. A avaliação do material de que é feita a estrutura desta vitrine (madeira, metal, MDF, vidro, acrílico, etc) irá observar a neutralidade destes, pois sua interação direta com alguns objetos pode vir a danificá-los se considerarmos o tempo de exposição aliado a outros fatores como a iluminação, a oscilação da temperatura e da umidade relativa do ar, poeira e outros tipos de agentes de deterioração. Neste caso, serão

utilizados inicialmente dois tipos de vitrine: duas em formato de mesa e uma em formato cúbico, ambas com cúpula de acrílico, emprestadas respectivamente, pelo Museu Joaquim Francisco do Livramento e pelo Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. Além das vitrines, serão usados pequenos cubos com as medidas de 0,70m x 0,30m x 0,20m, emprestados pelo Santander Cultural, utilizados como suporte para escrita em alguns momentos pontuais de interatividade do visitante.

Importante destacar um planejamento adequado de mobiliário que permita uma boa visualização sem oferecer risco ao acervo com a criação de microclimas na parte interna das vitrines, bem como na exposição desnecessária dos objetos, seja pela luz natural ou artificial, por reações físico-químicas entre a constituição material do objeto e o suporte ou espaço expositivo. A iluminância média a ser considerada é de 500 lux para iluminação local das vitrines e sempre que necessário o controle da iluminação deve-se fazer uso de filtros e difusores, além de outros artifícios para correção desta, assim como a eliminação de raios nocivos como os ultravioletas, a redução dos raios infravermelhos e o tempo de exposição, sempre observando as características físicas e condições de conservação e preservação de cada tipo de acervo. Para nossa exposição curricular, iremos redirecionar os *spots* de iluminação, desta forma, adequando as necessidades de qualidade para visualização e conservação dos objetos que serão expostos, sendo esta avaliação feita também com o auxílio do luxímetro.

Na fase de planejamento devem ser igualmente observadas a composição química destes suportes para que se tenha o controle das possíveis consequências resultantes da interação entre artefato e suporte. Para Jean Tétreault:

[...] idealmente, os materiais escolhidos não devem provocar nenhum dano potencial aos artefatos, mas, como acontece com todas as atividades dos museus nem sempre a melhor solução é possível, e a alternativa realista passa a ser uma solução de compromisso. Essa solução é aceitável quando se respeita a compatibilidade entre os materiais e os artefatos (TÉTREAU, 2001, p.109).

Ao disponibilizarmos determinados artefatos em um espaço expositivo devemos respeitar suas características para que sua integridade seja afetada o menos possível, assegurando sua devida proteção através de mecanismos de controle sobre a iluminação, umidade, segurança, agentes químicos oriundos dos suportes ou do meio onde serão expostos, realizando um rigoroso controle sobre

estes fatores. Sob o ponto de vista do visitante é preciso que todo mobiliário (vitrines, painéis, pedestais e outros) tenha estabilidade, seja material de boa qualidade, bem como esteja em boas condições de uso. Conforme Hall citado por Fernández e Fernández:

[...] llamar la vitrina perfecta tiene que ofrecer una serie de características tales como completa seguridad, facilidad de acceso y estabilidad a la vez que debe cumplir los requisitos adecuados para la conservación, la iluminación flexible y ser adaptable en quanto a sus posibilidades de exposición (HALL apud FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012, p.121).¹⁷

Tornar a exposição acessível é proporcionar a inclusão de todos os tipos de público possível, pois a partir do público será avaliado o êxito do projeto expográfico. Nesse sentido, outro aspecto importante a ser considerado é proporcionar a visibilidade e compreensão adequada dos objetos por parte do público visitante, incluindo pessoas de diferentes estaturas; pessoas com dificuldade de locomoção que façam uso de uma cadeira de rodas ou bengala; pessoas com restrições na compreensão da linguagem, bem como as crianças. Neste caso, todas as vitrines usadas terão a altura aproximada de 0,80m, possibilitando assim a visibilidade dos objetos para os mais distintos públicos. Fernández e Fernández (2012) alertam que quando da instalação dos objetos no espaço expográfico surgem algumas limitações:

En la instalación de los objectos surgen numerosas limitaciones físicas y visuales que hay de tener en cuenta a la hora de la percepción por parte del publico. Los objetos deben estar colocados siguiendo una línea visual adecuada y dentro del campo visual de outro modo se van a producir casos severos de fatiga museística (FERNÁNDEZ, L. ; FERNÁNDEZ, I., 2012, p.99).¹⁸

Além de vitrines, é necessária a concepção de um mobiliário que seja útil para as demandas organizacionais durante o período de abertura da exposição. Desta forma, é importante pensar em mobiliários que possam armazenar os materiais educativos e de limpeza, próximos ao espaço da exposição. Neste caso, temos uma

¹⁷ [...] A vitrine perfeita tem para oferecer uma série de características, tais como a segurança completa, facilidade de acesso e estabilidade deve atender os requisitos apropriados para a conservação, iluminação flexíveis e adaptáveis quanto as suas possibilidades de exposição. (HALL apud FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012, p.121). Tradução livre.

¹⁸ Na montagem dos objetos surgem inúmeras limitações físicas e visuais para ter em conta quando a percepção pelo público. Objetos devem ser colocados seguindo uma linha adequada de vista e dentro do campo visual, de outro modo vai produzir casos graves de fadiga museística. (FERNÁNDEZ ,L. ; FERNÁNDEZ, I., 2012, p.99).

mesa redonda com prateleiras, a princípio emprestada pelo Museu da UFRGS, que ficará no ambiente denominado “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais”, que servirá para a guarda do material usado nas atividades educativas.

Neste primeiro momento realizamos um levantamento de mobiliário existente nas Instituições parceiras como: o Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul-MUHM; o Centro Histórico-Cultural da Santa Casa - Museu Joaquim Francisco do Livramento; o Museu da UFRGS; Santander Cultural e ainda o material existente no Laboratório de Criação Museográfica – CRIAMUS, oriundo de exposições anteriores.

Listas do Mobiliário e Instituições

CRIAMUS:

- 9 painéis de MDF: 170 cm x 100 cm x 30 cm
- 8 paredes divisórias: 185 cm x 145 cm x 7 cm
- 6 retalhos de MDF: 10 cm x 50 cm x 185 cm
- 9 chapas de MDF: 10 cm x 240 cm x 190 cm
- 10 banquetas tipo *puff*
- 1 mesa de centro: 60 cm x 60 cm
- Retalhos de MDF: 10 mm
- Pincéis, rolos e bandeja de pintura
- Ferramentas básicas

MUHM:

- Vitrines tipo vertical

Altura total = 1,15 m, sendo que a parte superior de acrílico tem 30cm e a base de madeira 85 cm; Largura: 60cm; Profundidade: 50cm

CHC – SANTA CASA

- Totens Triangulares - 4 unidades

2 m de altura e cada face 80cm de largura

- Cubo cinza - 1 unidade

Aproximadamente 25cm cada face

- Cubo branco - 1 unidade

Aproximadamente 30 cm cada face

- Cubo branco - 2 unidades

Aproximadamente 40 cm cada face

- Mesas c/ pés pretos e tampo madeira - 2 unidades

Comprimento - 2,02m

Altura - 76cm

Largura - 75cm

- Vitrine de acrílico p/ parede - 2 unidades (formada por base de metal, madeira e acrílico c/ reentrância para encaixe em ganchos /parafusos a serem fixados na parede)

Comprimento - 1,20m

Altura - 35cm (acrílico)

- Vitrine de acrílico tipo mesa - 1 unidade

Comprimento - 1,25m

Altura total - 88cm

Largura - 52cm

Vitrine acrílico - 21cm

- Vitrine de acrílico tipo mesa - 2 unidades

Comprimento - 1,25m

Largura – 52cm

Altura desde o chão - 95cm

Apenas a vitrine de acrílico - 21cm

- Estrutura de vidro sobre de metal preto (semelhante a um cubo)

Comprimento – 1,00m

Altura total - 1,27m

Largura - 80cm

MUSEU DA UFRGS:

- Divisórias tripartidas: 1,77m x 1,20m x 0,07m
- 1 televisor: 42 polegadas
- Outros materiais poderão ser disponibilizados após a montagem da exposição que estará acontecendo no térreo.

SANTANDER CULTURAL:

- 3 Cubos Brancos: 70cm x 30cm x 21cm
- 3 Caixa: 9cm x 41cm x 24,6cm
- 1 Cubo Branco: 70cm x 80cm x 80cm
- 1 Cubo Branco: 91cm x 30cm x 30cm
- 1 Cubo Branco: 1,20m x 80cm x 35,5cm
- 1 Caixa de Madeira: 12cm x 29cm x 20cm
- 1 Caixa de madeira: 9cm x 41cm x 25cm

9.3 Viabilidade do Acervo

Uma das principais funções de um Museu é a Comunicação. Uma das formas específicas que o Museu tem para comunicar-se com o público são as exposições. A escolha dos objetos que irão compor o acervo expositivo deve traduzir os objetivos que a exposição deseja alcançar.

Na exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*, o acervo será dividido entre os espaços expositivos: Apresentação (espaço de recepção), “Soltando as amarras” (contextualização mundial), “Bela, recatada e do lar”, “(Des)Igualdade?” e “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais”.

Em geral, os objetos presentes em exposições são *museálias*, ou seja, objetos retirados de seus contextos e transformados em documentos, passando por processos de preservação (seleção, aquisição, conservação...), pesquisa e comunicação (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013). Há uma “[...] atribuição de valores a objetos [...] com o objetivo de provocar o confronto do Homem com sua Realidade” (CURY, 2005, p.30). Essa atribuição de valores, no entanto, não acontece somente com os objetos transformados em *museália*. Mesmo objetos do cotidiano podem

passar por ela. É o caso dos objetos que estarão presentes nesta exposição. Parte deles será musealizada especificamente neste trabalho, o que acontece de maneira frequente em exposições diversas ao redor do mundo.

Como diz Guarnieri, “[...] objetos não são neutros. O uso dos objetos de cotidiano na construção de sentido está permeado pelo ideológico” (GUARNIERI, 2010, p. 143). Tendo isso em mente, a cenografia será a estratégia utilizada para criação de cena e uso do espaço disponível de forma satisfatória à equipe e ao público visitante. Serão utilizados elementos bidimensionais e tridimensionais para composição dos núcleos, prioritariamente sendo aqui apresentados os tridimensionais.

O espaço denominado “Apresentação”, conta com 03 painéis, sendo o primeiro com os agradecimentos aos envolvidos, o segundo painel com a ficha técnica e o terceiro mostra o logotipo e o texto de abertura da exposição. Neste momento, o primeiro objeto do acervo a ser exposto é um “sutiã queimado” (doação particular), remetendo ao momento histórico, símbolo da liberdade feminina, conhecido como Bra-Burning (a queima dos sutiãs, em português) em 1968 nos Estados Unidos.

O Núcleo 1 – “Soltando as amarras”, contextualizará o século XX em seis fatos marcantes para as conquistas femininas no mundo, com textos e imagens, em 2 totens triangulares e nas paredes do espaço. Os acontecimentos são: A Queima de Sutiãs (1968); O Dia Internacional da Mulher (1911); A Pílula Anticoncepcional e a Revolução Sexual (1960); O uso do Biquíni (1946), contextualizado pela atriz Leila Diniz, importante personagem ligada ao início do feminismo no Brasil (1971), e um Espartilho, uma peça de uso obrigatório até o início do século XX, onde a recusa em vesti-lo representa a libertação e a primeira onda do feminismo.

Neste espaço, o acervo se caracterizará por dois manequins femininos: um vestido com um maiô (década 1960 ou 1970; acervo Museu Julio de Castilhos) e o outro manequim vestido com um espartilho (década de 1930; acervo Museu de Porto Alegre - Joaquim José Felizardo). Além deste acervo, na parede *We Can do It!*, estará fixado um quadro do cartaz, empréstimo de particular.

“Bela, recatada e do lar”, o Núcleo 2, mostrará a mulher voltada às tarefas do lar, em um contexto, ainda, de submissão, em painéis com textos e imagens

relacionadas às propagandas em revistas e comerciais televisivos a partir de 1970, que vinculam a mulher à objetos e tarefas de beleza, limpeza e cozinha. Neste núcleo, os objetos cenográficos e, também o acervo, remeterá a caracterização de ambientes domésticos como uma mesa com cadeiras, um rádio, televisor, demonstrando que até mesmo os acervos museológicos representam sempre a mulher neste ambiente privado. Na parede oposta à representação da cozinha, estarão cinco nichos com objetos mais representativos à sexualidade feminina, com acervos do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, dentre eles: regulador menstrual, anticoncepcionais, entre outros. Ainda neste espaço, também representando o universo feminino, objetos que remetem à mulher, que além dos serviços domésticos, também cuida de si e dos filhos, caracterizados com acervo do Museu Joaquim José Felizardo e Museu Julio de Castilhos como objetos de embelezamento (secador e frisador de cabelo, cremes, esmaltes), presente em uma vitrine. Um manequim, com um vestido de passeio, acervo do Museu Julio de Castilhos, auxiliará na composição deste espaço de questionamento da memória das mulheres nos museus históricos.

O Núcleo 3 – “(Des)Igualdade?” - apresentará os grupos de apoio a mulheres, sendo composto de uma vitrine com acervos destes grupos, como fotografias, peças gráficas, entre outros. Este ambiente, conta uma apresentação visual, com muitos textos e imagens plotadas nas paredes, sendo poucos os objetos que compõem o espaço. Como objeto gerador deste núcleo, pensa-se na utilização de uma obra de arte de uma artista gaúcha que expôs em uma galeria da CCMQ. No entanto, esta proposta ainda está em fase de análise, sendo possível como segundo plano utilizar imagens plotadas ou um rosto de manequim amordaçado, acervo que depende de levantamento de possibilidades de empréstimo. Este item da exposição deve representar a situação das mulheres perante a violência física e psicológica. No fundo da sala haverá um espelho, empréstimo de particular, acima deste, a frase *We can do it!* e ao lado do espelho, ganchos com camisas jeans e bandanas vermelhas para caracterização e posterior “selfie” como no cartaz. Estas peças serão empréstimos de particulares e os lenços confeccionados pelos alunos e alunas.

O Núcleo 4 chamado “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais” destina-se à reflexão através de atividades lúdicas. Neste espaço, o único acervo encontrado será o gerado pela ação de divulgação da exposição, sendo composto

um mural com as fotografias das pessoas que se identificam com a proposta. Estas imagens serão impressas e coladas na parede. Caso haja muitas imagens, elas serão passadas na programação disponível na TV, assim o visitante poderá conferir sua presença na exposição.

Acervo Disponível e Instituições:

Museu Julio de Castilhos

- Vestido Vermelho (1972) - Nº de registro: 10467
- Vestido com cinto (aprox. 60/70) - Nº de registro: 10624
- Vestido com cinto (aprox. 70) - Nº de registro: 10625
- Vestido Preto (1980) - Nº de Registro: 10740
- Saia longa (1980) - Nº de registro: 10744
- Saia - Nº de registro: 10745
- Anágua infantil - Nº de registro: 10568
- Bolsa feminina - Nº de registro: 1065
- Bolsa feminina - Nº de registro: 7989
- Bolsa feminina - Nº de registro: 7990
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9152
- Bolsa de mão - Nº de registro: 9158
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9170
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9183
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9185
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9152
- Bolsa de mão - Nº de registro: 9158
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9170
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9183

- Bolsa feminina - Nº de registro: 9185
- Bolsa feminina - Nº de registro: 9712
- Bolsa feminina - Nº de registro: 10706
- Frisador de cabelos - Nº de registro: 6633
- Frisador de cabelo - Nº de registro: 7050
- Frisador de cabelo, 1921 - Nº de registro: 8266
- Secador de cabelos portátil (com estojo) - Nº de registro: 9614
- Espartilho - Nº de registro: 8617
- Espartilho - Nº de registro: 10721
- Estojo de maquiagem - Nº de registro: 10433
- Estojo de maquiagem - Nº de registro: 10434
- Maiô (cerca 1950 / 1959) - Nº de registro: 10202
- Maiô com saiote - Nº de registro: 10534
- Maiô (cerca 1970 / 1979) - Nº de registro: 10203
- Maiô - Nº de registro: 10535
- Maiô - Nº de registro: 10732
- Meia - Nº de registro: 7885
- Meia - Nº de registro: 7886
- Meias - Nº de registro: 9150
- Rádio - Nº de registro: 9610
- Par de sapatos - Nº de registro: 9155
- Par de sapatos - Nº de registro: 9169
- Sutiã - Nº de registro: 10343
- Sutiã - Nº de registro: 10728

Museu Joaquim José Felizardo

- Meia Calça (1970)
- Lenço de mão (1969)
- Porta Cigarros (1960/70)
- Sapatos (1970) 4 pares
- Carteira (1960/70)
- Espartilho (1930/40)

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

- 1 Diafragma
- Regulador menstrual (frasco)
- Cosméticos Martha Rocha - frasco de desodorante, e frasco de creme. Estes foram desenvolvidos após a eleição da MR como miss universo.
- 4 Frascos de Rouge
- Prótese de silicone para mamas

9.4 Viabilidade Técnica

O espaço do Mezanino do Museu da UFRGS, que desde 2013 vem sendo utilizado para as exposições curriculares do curso de Museologia, corresponde favoravelmente à proposta do projeto da exposição. O espaço conta com uma área de 106m², com boa possibilidade expositiva. Fazem parte do espaço dois aparelhos de ar condicionado, que requerem atenção, pois deles depende toda a climatização do ambiente. Por conta disso, não pode haver obstrução como painéis ou outro objeto expositivo na frente dos mesmos. O mezanino tem seu espaço delimitado por grades baixas de aproximadamente 1m de altura. Faz parte do espaço uma arquibancada circular, que pode ser dividida em três módulos, o que possibilita seu uso no setor educativo para palestras e oficinas. Existe a possibilidade do uso de uma TV de 42 polegadas pertencentes ao Museu do UFRGS. O espaço conta com

dois acessos: a escada e o elevador. Este último requer atenção para a não obstrução de sua porta, que adentra o mezanino quando aberta.

9.5 Viabilidade Financeira

Devido à instabilidade econômica na conjuntura atual do país e, por consequência disso não haver certeza da disponibilidade de recursos da Universidade para execução da exposição, estimamos a mesma em R\$ 20 mil (vinte mil reais), dos quais: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) derivam de *Crowdfunding* (Financiamento Coletivo), R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) oriundos da arrecadação mensal de cada aluno, R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) oriundos da venda de rifas, R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) com a organização de dois brechós, R\$ 2.000,00 (dois mil reais) arrecadados com o Livro Ouro e R\$ 3.000,00 (três mil reais) que será buscado através de outras formas de captação como fundos colaborativos, realização de eventos, etc.

Um dos recursos a ser utilizado é o *Crowdfunding* (Financiamento Coletivo) através do site Catarse¹⁹, plataforma *online* de busca de patrocínios não dedutíveis de imposto. Para iniciar a abertura do financiamento, é necessário estar com o Projeto pronto e pensar uma apresentação de modo atrativo para que seja publicado no site. O Catarse possui duas modalidades de financiamento: a *Flex* e a Tudo ou Nada. Escolhemos neste projeto trabalhar com a Modalidade *Flex*, tendo em vista que está nos permite receber todo o dinheiro captado mesmo sem ter atingido a meta de arrecadação. O prazo máximo para o projeto vigorar é de 12 meses e é cobrada uma taxa de 13% de administração. A sugestão é que sejam solicitados R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). O cadastro no site deve ser feito por pessoa física, que receberá em sua conta o valor captado. No caso deste projeto, o cadastro será feito em nome de uma das pessoas que fazem parte do GT Financeiro e gerenciam a conta corrente criada para tal destino. Além disso, é preciso pensar recompensas ou contrapartidas para os doadores, como por exemplo, nome na lista de

¹⁹ CATARSE. Crowdfunding e financiamento coletivo no Brasil é no Catarse. Disponível em: <<https://www.catarse.me/>>. Acesso em: 10 jan.2017.

agradecimentos em painel da exposição, brindes com produtos com o logo da exposição ou folder específico com a listagem de doadores, caso o nosso orçamento comporte.

A arrecadação oriunda de cada aluno matriculado na disciplina equivale à quantia de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) mensais, votada e decidida nos primeiros encontros realizados com a turma. Tal quantia, em 10 meses, totalizará a importância de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). Há também a venda de rifas e a organização de dois brechós. A estimativa das rifas é que sejam feitos 500 números e que cada aluno venda no mínimo cinco números, no valor de R\$ 5,00 (cinco reais) cada, totalizando R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais). Além disso, a venda de roupas, acessórios, livros e outros materiais através de brechós está estimada em R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).

Outra opção prevista é o Livro Ouro, instrumento que será utilizado para promover a arrecadação através de instituições, com o valor a partir de R\$ 50,00 (cinquenta reais) e pessoas físicas, com o valor a partir de R\$ 20,00 (vinte reais). A previsão de arrecadação mínima para este recurso é de R\$ 2.000,00 (dois mil reais).

Por fim, o restante do valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais) será buscado através de outras formas de captação como fundos colaborativos, realização de eventos, entre outros.

9.6 Viabilidade de Recursos Humanos

A exposição curricular demanda constantes ajustes, afazeres e mediações diárias durante seu período de realização, portanto necessitará de recursos humanos para a realização destas atividades. A turma efetiva na disciplina totaliza 18 pessoas, que além de curadores, serão mediadores da exposição.

Contamos com o colega Amarildo Vargas, que atuará como marceneiro, projetando e construindo materiais e móveis que iremos utilizar nos núcleos expositivos e a colega da disciplina BIB03099 - Tópicos Especiais em Comunicação Museológica, Cleide Marli Meneses, responsável por criar os protótipos das bonecas de vestir das ações educativas e os bonecos da maquete física.

A maquete foi confeccionada pelos componentes do GT Maquete, sendo importante salientar a presença das colegas Gisela Hauberth de Lima e Kimberly Terrany Alves Pires neste GT, respectivamente arquiteta e graduanda do curso de Arquitetura, que estão auxiliando na confecção da mesma com apporte teórico mais aprofundado.

Além dos estudantes do curso de Museologia citados, contamos com a bolsista Vanessa Velozo, graduanda do curso de Publicidade e Propaganda da UFRGS, na criação artística da identidade visual e das peças gráficas da exposição e a ilustradora Simone Miranda na criação do folder educativo.

Os recursos humanos necessários para a realização de limpeza do ambiente e segurança serão fornecidos pelo Museu da UFRGS.

9.7 Acessibilidade da Exposição

Uma das preocupações que a curadoria de uma exposição deve ter é com a acessibilidade. De acordo com Tojal (2014) ao se abrir um espaço museológico, há de se considerar as diversas e diferentes formas de diálogo com o público em sua totalidade. Isso significa dizer que ao se pensar em uma proposta curatorial, sua proposição, expografia, os questionamentos e reflexões que se quer levantar e o que se deseja comunicar, deve-se levar em conta a diversidade coletiva e individual dos grupos e visitantes, de forma respeitosa e da maneira mais inclusiva possível.

Nessa perspectiva a acessibilidade é pensada em um sentido mais expandido, começando pela arquitetura e espaço físico, passando por aspectos intelectuais e emocionais, buscando meios que estimulem a fruição da exposição.

Partindo destas duas perspectivas, a curadoria da exposição *Nós Podemos! A Mulher da Submissão a Subversão* pensa a acessibilidade deste projeto sob a ótica da acessibilidade física e da acessibilidade cultural. Acessibilidade física já é prevista em Lei Federal (Lei Federal n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, conhecida como a Lei de Acessibilidade), que para fins práticos permite que cidadãos com deficiência física em diferentes níveis (pessoas cegas, surdas, cadeirantes, com baixa visão, mobilidade reduzida, etc.) tenham acesso físico e também autonomia em espaços culturais. Para tanto, os espaços físicos dos museus e centros culturais por todo Brasil tiveram que adaptar-se a essa realidade e também a demanda desse público.

Vale lembrar, no entanto, que não somente pessoas com deficiência física podem ser “classificadas” como público especial, podendo ser incluído nesse grupo também idosos, crianças, pessoas com deficiência intelectual, que em diferentes medidas também apresentam outras demandas de acesso às exposições, as quais, muitas vezes, podem ir além das físicas.

Da perspectiva da acessibilidade cultural, acredita-se que a contribuição de Sarraf (2015) seja de grande valia para a forma como a turma pensa acessibilidade. Para esta autora, a acessibilidade deve se dar de outras formas além da física, pois os visitantes devem ter acesso aos museus, centros culturais e exposições de forma plena e autônoma, através de uma mediação pensada e feita para ser o mais universal possível. O sentido da palavra universal aqui é utilizado com o intuito de tornar, por exemplo, o conteúdo e a proposta de uma exposição clara ao visitante, quando propiciar a ele uma mediação em libras, tornar a distribuição espacial dos objetos tão receptiva aos sentidos do visitante que enxerga, quanto oferecer uma maquete ou miniatura que seja tátil a uma criança ou um idoso com baixa visão, numa tentativa de que o conteúdo da exposição seja vivenciado e ofereça uma experiência de qualidade ao visitante, de maneira intelectual, emocional e física, e no caso deste último, utilizando-se todos os sentidos possíveis. Para isso, diferentes dispositivos podem ser pensados para que a exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* seja acessível a todos os públicos.

Os alunos que compõem a curadoria coletiva da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* sabem que é um grande desafio trabalhar a acessibilidade nos espaços museológicos, ainda mais no contexto em que esse projeto acontece. Vale lembrar que o espaço em que a exposição acontecerá pertence ao Museu da UFRGS, que por si só, segue algumas das indicações de acessibilidade, como banheiro e elevador para cadeirantes e pessoa com baixa mobilidade, entrada no museu no nível do chão, escadas demarcadas para mostrar desnível, etc., parceria que faz com que a acessibilidade física à exposição esteja atrelada completamente à estrutura que o museu tem e oferece, indiferente às eventuais necessidades que possam surgir durante o período da exposição.

A expografia está sendo pensada a partir das normas e indicações de autores como Blanco (2009), D’Alambert e Monteiro (1990), Fernández e Fernández (2012), Heller (2013), entre outros, que são sensíveis as necessidades do público. De modo geral pontos como a distribuição dos objetos no espaço, as cores utilizadas, a

iluminação, a quantidade, tamanho de fonte e legibilidade dos textos, as medidas do mobiliário estão sendo pensados também para a apreciação, aproximação e acesso dos públicos, aqui entendidos como os que possuem alguma deficiência ou que não as possua.

Da perspectiva intelectual, está se construindo, por parte da turma ao longo desse semestre, um aprofundamento a respeito do tema definido para o projeto, na tentativa de aproximá-lo do público que o desconheça e em torná-lo de fácil compreensão, sem com isso deixar de suscitar a reflexão e o respeito à interpretação e entendimento de cada visitante, respeitando também sua individualidade e identidade. As atividades acessíveis propostas são:

Converse com o objeto

Reunir, durante a visita de grupo escolar ou visita espontânea, em torno de um objeto que pertença à exposição para poder tocá-lo. Após esse primeiro momento de toque, conversar a respeito da forma, utilidade, elaborando discursos e refletir sobre perspectivas do objeto em questão no contexto da exposição. A atividade se destaca pela surpresa do confronto material sem aviso prévio ao visitante. A atividade visa uma aproximação com objetos da exposição, na tentativa de inseri-lo no universo da mulher e do visitante, imaginando se pode ou não ter relação com utilidade, assim como refletir sobre sua função social e o que ele diz sobre a mulher.

O objeto pode ou não fazer parte de acervo museológico. Se for emprestado por museu ou parceiro, ele não será tocado e se encontrará um objeto igual ou similar ou será feita uma réplica em outro material. Caso o objeto não seja de coleção de museu ou parceiro, havendo permissão por parte do dono, ele poderá ser manuseado. Esse objeto que poderá ser tocado vem acompanhado de uma legenda em braile, desenvolvido em parceria com o Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS (INCLUIR).

Mediações em Libras

Pretende-se solicitar através do Edital do programa de Fomento da Pró-reitora de Extensão e Cultura (PROREXT) um bolsista que atue como mediador na exposição que tenha conhecimento e prática em LIBRAS. Caso essa solicitação não seja atendida, buscaremos a parceria com o INCLUIR. A intenção dessa ação é

tornar a exposição acessível ao público surdo.

Braile e Áudio-descrição

Desenvolver um polígrafo escrito em braile com os textos que fazem parte da exposição com o auxílio do INCLUIR, bem como contratar bolsista através do Projeto de Extensão para realizar áudio-descrição, duas vezes por semana, mediante agendamento a ser divulgado na programação das atividades educativo-culturais.

Fonte Ampliada

Produzir material em fonte ampliada do roteiro proposto e das legendas.

9.8 Produção da Maquete Física e Digital

A maquete física ou digital é uma representação espacial de um objeto ou espaço, uma representação de forma tridimensional que serve como ferramenta facilitadora de percepção desse mesmo objeto ou espaço. Temos neste instrumento metodológico o ponto de início e meio para o processo de construção do conhecimento, não o seu ponto final. A maquete vem então se mostrar como um recurso didático. É um modelo, geralmente em escala reduzida de 1/50, que pode ser de uma obra de arte ou um projeto de arquitetura, engenharia, cenografia, design, topografia, entre outras coisas, que será usado como peça de estudo desses projetos, apresentação ou divulgação.

A quantidade de detalhes, o tipo de material utilizado e as dimensões serão escolhidos de acordo com o objetivo ou finalidade da maquete, procurando-se o máximo de detalhamento a fim de que se aproxime o máximo possível do real.

Maquetes físicas são aquelas que podemos tocar. Já maquetes virtuais são modelos que podemos ver impressos em papel ou em algum monitor. São imagens foto-realísticas do objeto ou do espaço proposto. Ambas têm suas vantagens. A maquete virtual é rápida e econômica em relação à maquete física.

No nosso atual estudo - uma exposição museológica - a maquete é um importante meio de análise no processo de montagem da exposição. Para isso, “usa-se recursos bidimensionais, como desenhos e tridimensionais, como maquetes,

para apresentação" (CURY, 2005, p. 100). Assim, proporciona-se aos envolvidos uma análise de parte ou de todo o espaço proposto, bem como da distribuição dos núcleos e seus conteúdos.

Nesse sentido, Blanco (2009, p. 44) aponta que

[...] se introducen en la exposición medios nuevos de información. Además de los tradicionales textos escritos sobre paneles y etiquetas, se usan medios gráficos (mapas, fotografías, esquemas...), visuales (maquetas, dioramas, modelos, ...), auditivos (ambientación musical, explicación oral portátil por medio de magnetófono o fija, accionando um botón...), audiovisuales (programas com diapositivas sincronizadas, vídeos...) [...].

Desse modo, a maquete fornece a visualização da exposição final, permitindo a possibilidade de realização de mudanças em busca de uma proporcionalidade e harmonia, bem como de acertos de diálogos entre objetos, espaço e público.

Além dos benefícios já citados, projetos como maquetes táteis são importantes instrumentos no auxílio de deficientes visuais na compreensão de ambientes. Existem métodos de reconhecimento espacial utilizados por deficientes visuais comumente usados, como a experiência direta no ambiente se utilizando da memorização do local e o contato com os objetos organizados no recinto. Apesar de eficiente, o método é demorado e nem sempre possível para visitações em locais públicos como museus. Além disso, essa estratégia serve apenas para traçar trajetos e detecção de obstáculos no caminho. Artifícios utilizados no auxílio de visitas de deficientes visuais que obtêm bons resultados são mapas táteis que, apesar da eficácia, não substituem a sensação direta da experiência da visita em uma instituição museológica.

Dentro desse contexto, mapas táteis e maquetes táteis podem auxiliar deficientes visuais na visita ao museu, tornando sua experiência mais prazerosa e eficaz. Apesar dos dois métodos serem muito semelhantes, segundo Milan (2008), o mapa tátil tem como objetivo auxiliar na compreensão dos caminhos e fluxos do local representado, fornecendo informações de caminhos e rotas a serem percorridos de forma simplificada. Já a maquete tátil caracteriza-se pela representação dos elementos que delimitam os espaços, pela forma, pela proporção, dando uma ideia mais realista do entorno.

Tais fatores são essenciais em um espaço museológico a fim de torná-lo o mais acessível possível. Desse modo, há intenção de organizar a exposição de

forma que deficientes visuais possam usufruir de uma melhor experiência dentro do museu.

Assim, demonstra-se que a maquete se faz importante na organização expográfica e na elaboração do espaço museal, não só auxiliando na produção do projeto expográfico como também ajudando a organizar um ambiente acessível dentro dos limites impostos na realidade museológica atual.

10 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Para que a exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* atinja seu potencial reflexivo, são necessárias algumas ações de comunicação estratégica, visando aproximar os estudantes da UFRGS, os de ensino fundamental e médio - que terão acesso à exposição por meio dos agendamentos de visita, o público feminino e a comunidade em geral. Essas ações serão divididas em três partes: 1) Ações de Divulgação; 2) Ações Educativo-Culturais e 3) Ações de Aproximação.

Os materiais que irão compor o conjunto informativo desta exposição serão discriminados ao longo deste capítulo apresentando tamanho, quantidade e justificativa, sendo os valores apresentados no capítulo Orçamento. Refletindo sobre o conceito de marca, sob a perspectiva que:

A marca, em sentido estrito, não é apenas o nome, a logo, o design gráfico e nem mesmo apenas o marketing. É o que uma organização representa, por meio de tudo o que faz. A marca de um museu deveria, portanto, ser trabalhada cuidadosamente em seu programa (JONES, 2012, p. 30).

Com isto visamos associar uma imagem a sentidos e percepções que almejamos transmitir.

1.1 Logomarca

De acordo com Strunck (apud SANTANA, 2016, p. 57), “a Identidade Visual é o conjunto de elementos gráficos que irão formalizar a personalidade visual de um nome, ideia, produto ou serviço”. A primeira concepção de identidade visual da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* teve como base o símbolo do *We Can Do It!* que é também o macro conceito da nossa exposição.

A partir disso, foram feitas diversas pesquisas sobre como poderíamos representar e promover uma conexão visual entre a exposição e o conceito trabalhado. Muitas foram as perspectivas apresentadas, mas a que se sobrepôs foi a ideia de mulher que “pode”, não somente no sentido do empoderamento feminino, mas das suas conquistas e da certeza que ela pode fazer e ser, como e o que quiser.

A história desse ícone começa com a Segunda Guerra Mundial, época em que era muito comum o uso de cartazes para promover ações e campanhas, como por exemplo *I want you for U.S. Army*, solicitando o alistamento de jovens no exército americano. Criado nos anos 1940, por J. Howard Miller, o cartaz do *We Can Do It!* (Figura 11) chamava as mulheres para tornarem-se força de trabalho naquele momento de guerra.



Figura 11 - "We Can Do It!". Fonte: Acessado em: novembro de 2016. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/We_Can_Do_It%21.jpg

Com cores fortes e frase impositiva, o cartaz tornou-se conhecido no mundo todo e perpetua sua imagem até os dias atuais, tendo sido adotado como símbolo de força feminina nos âmbitos sociais e culturais.

Na exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* a equipe curatorial concordou em manter algumas das características visuais da peça original. Essa decisão foi corroborada pela grande quantidade de referências visuais, encontradas em pesquisas sobre a peça *We Can Do It!*, a qual já foi incorporada por diferentes personalidades no Brasil e no exterior, sendo retratada em diferentes contextos, mas sempre mantendo suas características de cor e tipografia (Figura 12).



Figura 12 – Releituras do símbolo. Fonte: Acessado em novembro de 2016. Disponível em : <http://benditabf.com.br/2015/06/20/we-can-do-it-inspiracao-feminista/>

Sabendo do alcance e do impacto inegável desta imagem, a equipe curatorial decidiu manter as cores azul, amarelo e vermelho (cores primárias) que caracterizam fortemente essa peça. Após isso, decidiu-se também manter o “arremangar as mangas” e a força do braço feminino, optando então por manter o delinear da imagem junto às roupas com suas cores remetendo diretamente ao *We Can Do It!* (Figura 13). A opção pela mulher sem rosto se deve ao fato de ela poder representar qualquer mulher, contemplando diferentes tipo de realidade social e cultural. Determinar a cor da pele da imagem poderia vir a excluir grupos e este não é o nosso objetivo, já que nossa intenção é fazer com que todas as mulheres se identifiquem de algum modo com a logomarca.



Figura 13 – Logomarca escolhida pelo grupo. Fonte: logomarca desenvolvida pela turma em parceria com a bolsista Vanessa Velozo.

Para nossa proposta expositiva é importante que os símbolos que compõe a logomarca estejam presentes, pois conforme Airey (2010, p. 13) “reconhecidos independentemente da cultura ou da linguagem, os símbolos permitem que as empresas atravessem barreiras linguísticas, [...] sem que as marcas percam consistência, mesmo quando vinculadas em diferentes mídias”.

1.2 Ações de Comunicação

São inúmeras e variadas as estratégias possíveis de acordo com o orçamento disponível. Relacionamos algumas que poderão ser aplicadas de acordo com as possibilidades. Porém, algumas delas são necessárias e de grande repercussão na divulgação do evento, sejam prévias à data de inauguração como no decorrer do período da exposição, cada uma há seu tempo e cumprindo sua função.

As Ações de Divulgação dizem respeito a diversas ações que sirvam para dar visibilidade a exposição e a sua proposta, que vão desde material gráfico as mediações e atendimento diferenciado aos visitantes. Neste sentido, são algumas das ações de divulgação definidas pela turma o material gráfico listado durante esse capítulo a ser desenvolvido para a exposição, bem como a Primeira Visita Mediada à exposição para os parceiros, patrocinadores e imprensa, o desenvolvimento e envio de *releases* para a imprensa e formadores de opinião em parceria com o Museu da Universidade, a produção de *souvenires* da exposição e o kit de divulgação da exposição para as Escolas.

Os materiais gráficos que serão feitos para ampliar a divulgação da exposição são convites para abertura da exposição, catálogo, *folder*, *e-flyer*, cartazes, adesivos com o logotipo da exposição, triângulo para colocar nas mesas dos Restaurantes Universitários (RUs) e bares dos diversos prédios dos *campi* da UFRGS. O kit de divulgação para as Escolas, que serão entregues as escolas agendadas para visitas, disponibilizam em uma sacola de TNT nas cores da exposição, tamanho 21x30cm, cartaz, flyers, *folder*, o Quizz desenvolvido pelo GT Ações Educativo-culturais e o modelo de como construir as bonecas de vestir. Os *souvenires* foram pensados considerando-se que historicamente as pessoas costumam levar consigo (a partir da aquisição) objetos que permitem lembrar um momento. O turismo se utiliza muito bem desta proposta, basta ver a indústria do artesanato de pontos, locais e cidades turísticas. Desta forma, acreditamos que o *souvenir* da exposição possa ser o

elemento de ligação do público circulante da/na exposição, a partir da memória da mesma, ou até mesmo o fetiche da memória – o elemento físico que remete um momento marcante - a visita à exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*. Sugerimos como “lembrancinhas” adesivos com a logomarca de exposição; lápis - preferencialmente de madeira certificada, tipo “preto” (para escrita), macio (tipo HB, 2B), contendo em sua lateral a logomarca, o nome da exposição seguido do ano e semestre da exposição, *button* confeccionado em material de resina, com um prendedor de metal que pode ser afixado sem a necessidade de perfurar a roupa do usuário. Este último item tem a função de divulgar frases apresentadas na exposição e que remetam ao contexto da narrativa, como “*Lugar da mulher é onde ela quiser*”. Pensou-se também em canecas com logomarca, título e período da exposição e, por fim, *ecobags* com o título da exposição, para venda prévia durante o brechó como forma de divulgar a mesma.

Considerando a estrutura do Museu da UFRGS e sua capacidade máxima para receber público convidado para a abertura da exposição (aproximadamente 100 pessoas - os acadêmicos do Curso de Museologia da UFRGS, seus familiares, professores e dirigentes da UFRGS e os dirigentes daquelas Instituições envolvidas com a montagem da exposição), o grupo sugere a organização de um evento específico para a apresentação e/ou divulgação da exposição para os dirigentes de outras Instituições museológicas de Porto Alegre. Esta atividade foi pensada a partir dos eventos cinematográficos que, por ocasião do lançamento de filmes, promovem a “Pré-Estréia”, isto é, um evento específico para os patrocinadores, dirigentes, imprensa, convidados especiais.

Dessa forma poderíamos denominar a ação como *Primeira Visita Mediada*, destinada a um público dirigido, ou seja, as direções das instituições museológicas de Porto Alegre (atualmente existem 87 Museus, Casa de Memória, Centro Cultural entre outras instituições similares) e a imprensa (seria mais uma forma de divulgar a exposição). Para evitar tumulto, esta atividade seria divulgada e realizada mediante agendamento prévio (com a definição de um limite de até 20 vagas por visita).

Modelo do Convite para a Primeira Visita Mediada (frente)

Aplicação da identidade visual

A turma do Curso de Museologia 2017/1,
juntamente com a Coordenação da COMGRAD Museologia,
o diretor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
e a Diretora do Museu da UFRGS
Convidam para a **primeira Visita Mediada** da exposição
NÓS PODEMOS!

Data: XX de maio de 2017

Hora: 10h

Local: Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, nº 277 – Bom Fim)

Agendamento através do telefone: 3308 3888, ou e-mail: museu@museu.ufrgs.br

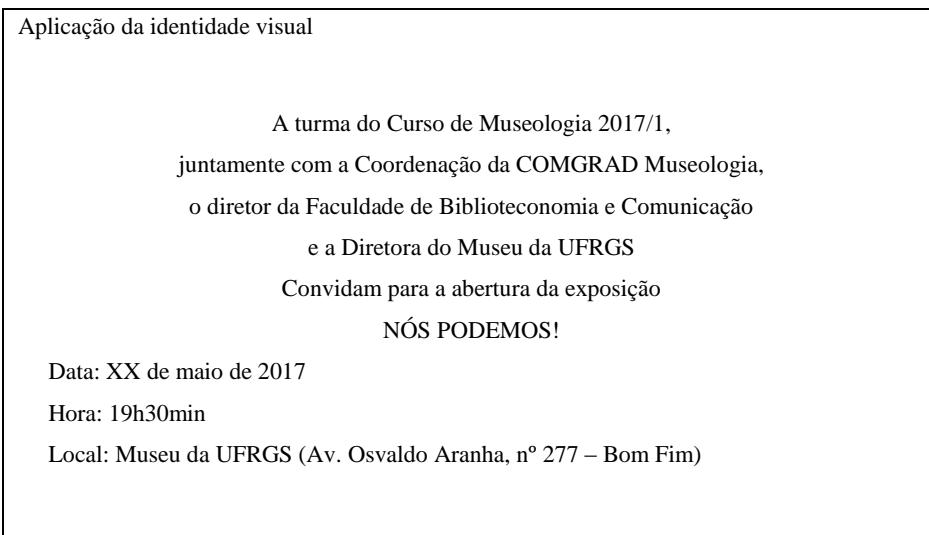
As características do convite *Primeira Visita Mediada* são:

Formato: 148mm X 210mm | papel cartão | gramatura - 250g | impressão: 4 X1
(4 cores de um lado e a programação, no verso em PB).

Quantidade de convites impressos: 100

- Convites: darão conta de convidar formalmente as pessoas que foram importantes na construção da exposição, bem como as autoridades da UFRGS, dos museus parceiros, apoiadores e para os coletivos e/ou mulheres com destaque na exposição. Para tal contaremos com duas formas de convites, o *online* e impresso. Este item objetiva divulgar a exposição, convidando o público alvo para o momento de apresentação pública da proposta expositiva escolhida. O convite deve ter a aplicação da identidade visual e o texto contendo os dados específicos e informativos da exposição (o que?, quando?, onde? como?).

Modelo do Convite (frente)



Chamamos a atenção para o texto sugerido para o convite que agrupa outros atores no chamamento da exposição - a COMGRAD/Museologia, a FABICO e o próprio Museu da UFRGS, mostrando o comprometimento da Universidade como um todo com a exposição apresentada, bem como passando para público a responsabilidade e credibilidade que estas estruturas já possuem com a comunidade e com a cidade de Porto Alegre.

Lembramos que a arte do convite deve estar disponível para o encaminhamento à gráfica 40 (quarenta) dias da data da abertura da exposição, podendo ser disparado por meio eletrônico, como um “Save the date”, isto é, como forma das pessoas se programarem e agendarem-se para o evento. Após o envio à gráfica, o convite deve ser disponibilizado para envio pelo Correio, em até 25/20 dias de antecedência do evento, para envelopamento e etiquetagem.

Em tempo: outro diferencial do convite é a exclusão da palavra CONVITE, em letras garrafais, como comumente vemos em diversos convites que circulam. Em palestra realizada na disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação Museológica, que aconteceu em 2016/2, o senhor Carlos Trevi, Diretor Superintendente do Santander Cultural informou que a palavra “Convite” é redundante, uma vez que aquilo que recebemos já é um convite, então não é necessário escrever “convite”, como se fosse um título, podendo ser dispensável.

Ainda com relação ao convite, sugerimos a utilização do verso, como espaço de divulgação da programação e chamamento para os eventos paralelos e de apropriação do conhecimento produzido, conforme segue:

Modelo do Convite (verso)

Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS Visita guiada: E. Vila IAPI Data: xx de maio de 2017 Hora: 14h30min Local: Museu da UFRGS Palestra: A Mulher Contemporânea Data: xx de maio de 2017 Hora: 10h Local: Museu da UFRGS Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS	Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS Visita guiada: E. Vila IAPI Data: xx de maio de 2017 Hora: 14h30min Local: Museu da UFRGS Palestra: A Mulher Contemporânea Data: xx de maio de 2017 Hora: 10h Local: Museu da UFRGS Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS	Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS Visita guiada: E. Vila IAPI Data: xx de maio de 2017 Hora: 14h30min Local: Museu da UFRGS Palestra: A Mulher Contemporânea Data: xx de maio de 2017 Hora: 10h Local: Museu da UFRGS Oficina 1: Mostra do filme Data: xx de maio de 2017 Hora: 19h30min Local: Museu da UFRGS
--	--	--

A quantidade foi definida a partir da contagem do GT Vernissage de convidados. Serão entregues em envelopes.

Quantidade de envelopes: 100 unidades

Quantidade de convites impressos: 100 unidades

Formato: 148mm X 210mm | papel cartão | gramatura - 250g | impressão: 4 X1 (4 cores de um lado e a programação, no verso em PB.

Demais materiais de divulgação encontram-se abaixo discriminados:

- **Catálogo:** é o produto final da exposição, onde constarão os conceitos, linguagem museológica e marca, além do processo de concepção e execução da exposição. O catálogo será produzido durante o período da exposição, entre os meses de maio e junho, a ser terminado juntamente com o relatório final da prática expográfica. Está em discussão a data exata de lançamento. Algumas cópias serão doadas a uma lista de pessoas que participaram da construção desta exposição.

Quantidade: 600 unidades

Formato: 21cmx15cm, colorido, papel *chouche* fosco, 150g, 48 pgs. Capa com plastificação fosca.

- **Folder:** tem como objetivo informar a temática da exposição, local e horário de funcionamento. Também constarão as atividades a serem desenvolvidas durante o período de exposição. Esse material será distribuído dentro da universidade, instituições museológicas e demais locais que possuam alguma identificação com a temática abordada pela exposição.
Quantidade: 3.000 unidades
Formato: 4 cores (preto, azul, amarelo e vermelho), 21cmx10cm, off-set, 150gr, 1 dobra simples/4 páginas OU tamanho A4 com duas dobradas, couchê fosco, 150g
- **Flyer:** a peça trará informações para visitação, como endereço do Museu da UFRGS, horário de funcionamento, data de permanência da exposição, contato para agendamentos de visita e atividades do educativo.
Quantidade: 3.000 unidades
Formato: colorido, 10cmx15cm, papel off-set 120g
- **E-flyer:** peça gráfica que será usada exclusivamente para envio por e-mail. Constarão as mesmas medidas e informações que o *flyer*.
- **Marca página:** o marca página servirá como *flyer* de divulgação, distribuído nas bibliotecas e dentro dos *Campi*. Acredita-se que ele poderá ser mais eficaz por conta de sua utilidade. Conterá a identidade visual da marca e informações básicas de visitação (data, horário, local e contato para agendamentos).
Quantidade: 3.000 unidades
Formato: colorido, 21cmx5cm papel couchê fosco 150g
- **Cartaz:** conterá informações sucintas e objetivas da exposição, tais como título, data, local e horário de funcionamento. Serão distribuídos nas instituições museológicas, centros culturais e nos *Campi* da UFRGS e de outras instituições de ensino superior e escolas da redondeza do museu. Farão parte dos Kits de Educativo e Comunicação.
Quantidade: 300 unidades
Formato: 4 cores (preto, azul, amarelo e vermelho), 46cmx30cm, couchê fosco, 115gr
- **Adesivos com o logotipo da exposição:** tem por objetivo ser uma lembrança da exposição ao mesmo tempo em que se torna um objeto de interrogação sobre o que

se trata, promovendo assim a exposição. A ideia é que ele se espalhe para além das dependências do Museu ou do Campus da UFRGS.

Quantidade: 600 unidades

Formato: 4 cores (preto, azul, amarelo e vermelho), raio de 4cm

- **Crachá de identificação:** visa identificar cada aluno/mediador no momento de recepção do público que visita a exposição.

Quantidade: 20 unidades

Formato: preto e branco, 6,5cmx8,5cm, off-set

Vale salientar neste item de Divulgação as ações nas Mídias Sociais. A divulgação de toda a exposição será realizada em parceria com o Setor de Comunicação do Museu da UFRGS. Nas redes sociais, como, por exemplo, no *Facebook*, a divulgação será via página do Museu da Universidade. Ainda nessa plataforma será criado um evento da exposição, o qual conterá as informações básicas para visita a exposição (dia, local, horário de funcionamento, telefone do Museu). Outra plataforma utilizada será o *site* do Museu da UFRGS que também conterá as informações da exposição.

No entanto, mesmo que a divulgação se dê via Museu da UFRGS, pretende-se em parceria com o GT Ação Educativo-Cultural a elaboração de um *mailing* de contato com a Rede Municipal de Escolas, com principal foco nas escolas no entorno na UFRGS, para uma divulgação mais concisa, tanto da exposição, como das atividades que serão desenvolvidas.

Outra ação pretendida é a criação da *#NÓSPODEMOS!* (*hashtag* Nós Podemos) no aplicativo *Instagram*, objetivando mostrar o cotidiano da exposição e divulgar *in loco* e em tempo real o que está ocorrendo.

As Ações Educativo-Culturais que acontecem em conjunto com o Setor Educativo da exposição *Nós Podemos!* A *mulher da submissão à subversão* contam com formação de mediadores para os próprios integrantes da turma da disciplina, mediação para escolas e público espontâneo, atividades durante as visitas, assim como palestras, rodas de conversa e ciclos de cinema, além da participação no UFRGS Portas Abertas. Essas atividades serão melhor discriminadas em capítulo específico.

Importante ressaltar que existe a preocupação de estabelecer uma definição fácil e direta entre os mediadores e os visitantes. Essa identificação ocorreria, em um primeiro momento, através de um porta-crachá com nome do respectivo mediador. O porta-crachá seria feito de banners usados, nas dimensões 19cm x 12,5cm com alça de 80cm. Seria possível incluir no crachá o nome do mediador, um pequeno bloco de notas, caneta e folder da programação. Em um segundo momento está em tratativa à possibilidade de estabelecermos uma parceria com a loja Gang no fornecimento de camisetas da mesma cor da identidade visual, que poderia ou não ser gravada, ficando a cargo de decisão coletiva do grupo.

Já as Ações de Aproximação visam estreitar o contato da turma e aproximar a exposição do público feminino, através do convite a institutos, ONGs, coletivos, agremiações, clubes, etc., compostos por mulheres, no intuito de que se amplie o horizonte do grupo a partir da vivência e experiência das convidadas e das ações dessas instituições, através de rodas de conversa. Nas Ações de Aproximação se pretende enviar para essas instituições o convite a exposição, bem como *releases* de divulgação da exposição por e-mail. Também interessa as Ações de Aproximação estabelecer parcerias com instituições que realizem atividades educativo-culturais sobre a temática da Mulher, como o Museu Joaquim Francisco do Livramento e Arquivo Público do Rio Grande do Sul²⁰.

²⁰ No Centro Histórico-Cultural da Santa Casa está em processo de avaliação para futura adaptação ao repertório de oficinas, um trabalho direcionado aos alunos de Ensino Médio, que visa discutir questões como a violência contra a mulher, o abandono infantil e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho. Essa oficina conta com documentos que foram encontrados nos arquivos da Santa Casa e utiliza de notícias atuais, buscando traçar, com os participantes, um paralelo entre a realidade do século XIX e dos dias de hoje. No APERS, a oficina “*Desvendando o Arquivo Público: Historiador(a) por um dia*” é destinada a alunos de sétima, oitava e nona séries do Ensino Fundamental. Tem como objetivo a construção de conhecimento histórico através da pesquisa de diferentes tipologias de documentos, acervos do Registro Civil e do Judiciário, nos quais mulheres são protagonistas. Trabalhando com a categoria **gênero**, que é um termo usado para analisar e explicar as formas como são construídas as diferenças culturais entre indivíduos. Ou seja, como algumas características possuem mais importância do que outras, estabelecendo que alguns indivíduos tenham mais oportunidades, prestígio e valor na nossa sociedade, resultando em relações hierárquicas ou relações de poder.

11. ATIVIDADES EDUCATIVAS E CULTURAIS

As ações educativas e culturais fazem parte da comunicação museológica, uma das bases do tripé da Museologia. Ao lado da exposição, é a atividade mais aparente do museu, dado seu caráter completamente voltado à sociedade e ao público visitante (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013).

É a partir da ideia de ação educativa em museus como uma prática de educação não-formal, que pretende sensibilizar o indivíduo, oportunizar uma reflexão e capacitá-lo para apropriação da narrativa expositiva que pensamos as atividades educativo-culturais da exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*. Conforme Santos, para a construção da ação educativa é preciso:

Compreender o objeto, a manifestação cultural, como um ponto de partida para questionamentos, para comparações, para estabelecer conexões entre o velho e o novo, entre arte e ciência, entre uma cultura e outra, para uma análise crítica e para o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre, os objetos e a cultura do aluno, potencializando o patrimônio cultural como vetor de produção de conhecimento. (SANTOS, 2001, p.12)

Ainda sobre isso, Santos cita Paulo Freire:

“[...] nesse sentido, o estudo do passado traz à memória do nosso corpo consciente a razão de ser de muitos dos procedimentos do presente e nos pode ajudar, a partir da compreensão do passado, a superar marcas suas”. (FREIRE, 2000, apud SANTOS, 2001, p. 12)

O tema e o recorte temporal da exposição permitem que abordemos diversas questões histórico-sociais que ainda hoje são pauta de reflexão e discussão, seja no âmbito acadêmico ou informalmente nas redes sociais. Com as ações educativas que propomos, temos a oportunidade de ampliar o alcance das reflexões acerca de diversas questões que foram vivenciadas pelo gênero feminino no recorte temporal definido para esta exposição, entre elas podemos citar: o cenário mundial a partir da década de 1960 e suas mudanças na vida das famílias e das demais relações sociais que a mulher passa a envolver-se, seja no trabalho ou em busca de sua capacitação por meio da educação formal na construção de uma carreira profissional, bem como a opressão, a violência e a desigualdade enfrentada em alguns dos campos já citados.

Tendo em vista a diversidade do público visitante do Museu da UFRGS, pensamos em atividades diferenciadas no espaço interno do museu e também em

outros espaços da Universidade. No museu, realizaremos visitas mediadas com grupos agendados e público espontâneo em um modelo aproximado à “discussão dirigida”, em que “o nível de interação é bastante alto [...] já que, para funcionar, pressupõe-se intensa participação do público” (GRINDER e MCCOY, 1998, apud MARANDINO, 2008). Ainda no espaço da exposição, no núcleo “Espaço Educativo: Aprendendo um pouco mais”, promoveremos atividades interativas, visando que o visitante tenha uma experiência lúdica após a visita (descritas no item 11.1).

Além dessas atividades intramuros, durante o mês de maio ofereceremos uma programação paralela, composta de um Ciclo de Cinema e Mesa redonda com convidados que participam de Projetos, ONGs e/ou ações que estudam, pesquisam, auxiliam e empoderam as mulheres dando visibilidade às questões de gênero. Essas atividades (detalhadas a seguir) estão programadas para acontecer no Auditório Plenarinho, no prédio da Reitoria no Campus Centro. Entretanto, o agendamento deste espaço deve acontecer somente no início do 1º semestre de 2017, existindo a possibilidade de que as atividades aconteçam em outros Auditórios do Campus Centro, como o Auditório da FACED, da Arquitetura, ou mesmo da FABICO.

Segundo o Glossário da Revista Museu, os resultados das ações educativo-culturais:

[...] devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus. (REVISTA MUSEU, 2010)

É visando cumprir com o papel social dos museus, e também das exposições, que planejamos as seguintes ações.

11.1 Atividades

Segundo Denise Grinsepum (2001, p.2) “desde que o museu tornou-se público no século XVIII é sua função social que tem sido motivo para justificar sua existência”.

Grinsepum enfatiza ainda que:

[...] sob a égide da Nova Museologia, o compromisso sóciopolítico dos museus, é antes de tudo, educacional e sua nova definição aponta para instituições de serviço público e educação, um termo que inclui exploração, estudo, observação, pensamento crítico, contemplação e diálogo. (GRISPUM, 2001, p.2)

As atividades serão desenvolvidas durante e após as visitas mediadas, para que os visitantes se envolvam com a narrativa vivenciada na exposição. Elas estarão com seu desenvolvimento mais detalhado no material de formação do mediador, a ser produzido posteriormente. Cabe destacar que tivemos o auxílio dos colegas Cleide Marli Menezes e Manolo Silveiro Cachafeiro, da disciplina BIB03099 - Tópicos Especiais em Comunicação Museológica, na concepção das atividades.

Serão feitos protótipos para todas as atividades descritas, que serão testadas antes da exposição pela turma de alunos curadores, prezando pela funcionalidade e qualidade do material. A seguir apresentamos as propostas elaboradas pela turma:

11.1.1 *Quadro temporal: conquistas femininas*

- Objetivos:

- Apresentar as conquistas femininas ao longo dos séculos XX e XXI;
- Refletir a situação das mulheres nos períodos apresentados;
- Relacionar as conquistas femininas do passado com o presente.

- Justificativa: No século passado e no início deste, observaram-se os desafios das mulheres nas conquistas de direitos básicos que atendessem aos anseios femininos na busca da igualdade de gênero e de sua liberdade individual como ser humano. Tendo isso em vista, esta ação educativa traz uma reflexão histórica das vitórias femininas, buscando o entendimento da evolução dessas vitórias, que se tornaram uma inspiração para a luta pelos direitos das mulheres na atualidade.

- Desenvolvimento: Um quadro imantado ficará pendurado na parede do último núcleo da exposição, na sala de ação educativa e terá como título “COLOQUE CADA CONQUISTA EM SUA DÉCADA”. Nele constará a inscrição das décadas específicas dos séculos XX e XXI. Ao lado do quadro, estarão disponíveis fichas imantadas de tamanho 10cm X 8cm com a descrição de momentos históricos marcados por conquistas femininas. O visitante irá intervir e decidir em qual espaço temporal deverá afixar a conquista.

- Público-alvo: Público espontâneo

- Número de participantes: Livre
- Duração: Livre

11.1.2. Quiz “Nós Podemos! ”

- Objetivo: Proporcionar a interação dos visitantes através de jogo com perguntas e respostas, a fim de promover discussões através de conteúdo abordado na exposição.
- Justificativa: Promover uma maior apreensão do conteúdo da exposição de uma forma mais lúdica, propondo não somente a realização da tarefa, mas também a discussão expressando suas impressões e o que compreenderam ao longo de toda visitação.
- Desenvolvimento: A atividade possui duas formas de desenvolvimento, a ser escolhido pelo mediador de acordo com o tipo de público. Primeira forma de execução: após a mediação, dividir o grande grupo em pequenos grupos (3 a 5 pessoas) que ficarão sentados na arquibancada ou em almofadas no chão. Para cada grupo serão distribuídas plaquinhas de 10cm X 10cm contendo as alternativas A, B, C, D de respostas para o *quiz*. Os mediadores através das fichas com perguntas e respostas farão as perguntas para os grupos. Os cartões terão o tamanho de 10cm X 7cm e conterão perguntas com alternativas de múltipla escolha - A, B, C e D, referentes a temas abordados na exposição e os grupos deverão partilhar suas respostas. Assim, ao longo do *quiz* surgirão dúvidas por parte dos grupos acerca do conteúdo e também discussões entre os seus membros e com os mediadores. Segunda forma de execução: ao longo da visita guiada, o mediador poderá utilizar dos cartões do *quiz* para motivar a discussão.
- Público alvo: estudantes entre 8^a ano e ensino médio, universitários e adultos. Visitantes em geral, exceto estudantes de 1º à 7º ano.
- Número de participantes: máximo 30
- Duração: 30 minutos

Observação: Esta atividade será testada antes da exposição.

11.1.3 *Espelho “Nós Podemos!”*

- Objetivo: Trazer para discussão o empoderamento feminino a partir do símbolo do “*We can do it!*”.
- Justificativa: A imagem símbolo do “*We can do it!*” e seu histórico se tornaram conceito que perpassa toda a concepção da exposição. A partir disso, pensamos em proporcionar um local em que o visitante poderá ter seu próprio momento de “Eu posso”, simbolizado na vestimenta da modelo na imagem, bem como refletir sobre o futuro e sua influência na construção dele.
- Desenvolvimento: O espelho ficará no núcleo final da exposição dedicado ao futuro das mulheres na sociedade. Como título, acima do Espelho estará acoplado uma placa com os dizeres “#NósPodemos” e logo abaixo, em letras menores “Registre sua visita a exposição!” escrito como o balão de fala do símbolo. Sua moldura será coberta com fotos de releituras da imagem “*We can do it!*” impressas como foto. Estarão à disposição dos visitantes três camisas jeans tamanhos P, M e G e bandanas semelhantes à apresentada no cartaz original do “*We Can Do It!*”. O visitante que se sentir à vontade poderá se vestir conforme a imagem símbolo do “*We can do it!*” e tirar uma foto, bem como refletir sobre o significado histórico das conquistas femininas e sobre seu próprio “empoderamento” diário. Ao sair da exposição, poderá publicar a foto com a *hashtag* #NósPodemos., que será recuperada pelas redes sociais *Facebook* e *Instagram* para compor o banco de dados da turma responsável pela exposição, como *feedback* do público externo.

11.1.4. *Bonecas para vestir*

- Objetivo: Proporcionar ao público infantil a possibilidade de visualizar as mudanças que ocorreram na indumentária feminina no século XX, relacionando-as com as mudanças sociais apresentadas na exposição.
- Justificativa: Conforme já visto, muitas mudanças sociais, políticas e comportamentais aconteceram nas últimas décadas no que se refere às mulheres. Essas mudanças são altamente perceptíveis na indumentária feminina, que se adapta às novas condições de vida e comportamento das mulheres.
- Desenvolvimento: Serão produzidas 100 bonecas em tamanho de 10cm e 200 peças de roupa. Após a visita guiada, o grande grupo será dividido

em pequenos grupos, os quais ficarão sentados na arquibancada ou em almofadas no chão. Serão apresentadas algumas bonecas de papelão para vestir (exemplo conforme Figura 14 e protótipo conforme Figura 15) com diferentes roupas em papel colorido, que remetam às diferentes décadas e profissões exercidas por mulheres nas décadas de 1970 a 2000. Após, com a ajuda dos mediadores, os participantes deverão vestir essas bonecas de acordo com o que entenderam a partir da exposição e da mediação. Os mediadores realizarão uma fala de fechamento da ação, conforme os resultados de cada grupo.

- Público-alvo: Crianças de 5 a 10 anos
- Número de participantes: máximo 30 alunos
- Duração: livre

Observação: Esta atividade será testada antes da exposição.



Figura 14 - Exemplo de boneca de vestir. Fonte: SANCHES, 2015.



Figura 15 - Protótipos de bonecas. Fonte: Produção por Cleide Menezes / Foto: Lourdes Agnes (2016).

11.1.5 *Mulheres na publicidade*

- Objetivo: Proporcionar ao público uma reflexão acerca da imagem produzida pelas propagandas publicitárias voltadas ao público feminino e que utilizam a imagem feminina para divulgar diferentes produtos.
- Justificativa: Muitas propagandas publicitárias nas quais aparecem mulheres possuem caráter machista e preconceituoso, trazendo uma imagem deturpada das mulheres. A partir disso é proposta esta ação, que possibilitará refletir sobre essa prática recorrente entre os anos 1970 e 2000, bem como pensar sobre como isso pode ser mudado.
- Desenvolvimento: O grande grupo será divido em pequenos grupos (3 a 5 pessoas) os quais ficarão sentados na arquibancada ou em almofadas no chão. Serão disponibilizadas propagandas impressas em papel A4, previamente plastificadas, de diversas épocas para que os visitantes analisem seus conteúdos, identificando as décadas de cada uma, bem como as frases e as imagens que degradam ou estereotipam a figura feminina. A partir desse primeiro contato, será perguntado como eles acham que a mulher deveria ser representada a partir de agora, pedindo para que apresentem uma releitura da imagem e comentem em grupo. Todas as produções do aluno serão registradas através de fotografia.

- Público-alvo: estudantes entre 8^a ano e ensino médio, universitários e adultos. Visitantes em geral.

- Número de participantes: máximo 30 alunos
- Duração: 30 a 40 minutos

Observação: Esta atividade será testada antes da exposição.

11.1.6 Mosaico da diversidade

- Objetivo: Promover a interação com o público potencial antes da abertura da exposição. Apresentar mulheres “reais” e “comuns” no espaço expositivo.
- Justificativa: A atividade divulgará a exposição para o público em potencial (mulheres que estudam e trabalham nos *Campi* da UFRGS), bem como promoverá o reconhecimento do público ao se ver representada na exposição.
- Desenvolvimento: 30 dias antes da abertura da exposição serão fotografadas diversas mulheres pelos *Campi* da UFRGS. Posteriormente, as fotos serão impressas. Este material irá compor um mural na exposição, apresentando as mulheres do cotidiano e suas várias faces.

11.2 Ciclo de Cinema

- Objetivo: Proporcionar uma reflexão frente da situação vivenciada sob diferentes aspectos, pelo fato de “ser mulher” nas histórias narradas pelo cinema ao longo no decorrer dos anos e como esta linguagem demonstra comportamentos, mas que também pode instigar questionamentos. Os filmes reproduzidos serão “*She’s Beautiful When She’s Angry*” e “*Tomates verdes fritos*”.
- Justificativa: O Ciclo de Cinema tem a finalidade de sensibilizar o público para as questões apresentadas nos filmes escolhidos, através da linguagem cinematográfica que nos toca, pois reproduz nossa realidade, por vezes nos transporta para o personagem principal pela empatia, sendo algoz ou vítima da história que está sendo narrada. Além disso, temos a necessidade de sonhar ou apenas usufruir do prazer de assistir a uma história levados pelo devaneio de um roteiro cinematográfico.

- Público-alvo: Estudantes, Professores, Funcionários da UFRGS de diferentes cursos e departamentos, público em geral.
- Número de participantes: capacidade do local
- Duração: 2 horas 30 minutos
- Local: Plenarinho, Reitoria da UFRGS.(a confirmar)
- Datas: Data a ser definida
- Horário: 17 horas

11.2.1 She's Beautiful When She's Angry

Dirigido por Mary Dore; 1995; tem a duração de 92 min (EUA) (Documentário)

Sinopse: Conta a história das mulheres que criaram o movimento feminista nos anos 1960, fazendo uma revolução em todos os âmbitos sociais. Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos

11.2.2 Tomates verdes fritos

Dirigido por Jon Avnet; 1991; tem a duração de 130 min (EUA) (Drama)

Sinopse: Evelyn Couch (Kathy Bates) é uma dona de casa emocionalmente reprimida, que habitualmente afoga suas mágoas comendo doces. Ed (Gailard Srtain), o marido dela, quase não nota a existência de Evelyn. Toda semana eles vão visitar uma tia em um hospital, mas a parente nunca permite que Evelyn entre no seu quarto. Em uma ocasião, enquanto ela espera que Ed termine sua visita, Evelyn conhece Ninny Threadgoode (Jessica Tandy), uma debilitada, mas gentil senhora de 83 anos, que ama contar histórias. Através das semanas, ela faz relatos que estão centrados em duas jovens, Idgie (Mary Stuart Masterson) e Ruth Jamison (Mary-Louise Parker), que provocam a ira dos cidadãos menos tolerantes de *Whistle Stop*. Mas elas fazem um tomate frito que é conhecido como uma iguaria por todos da região. Assim, cativam até os mais hostis, como também a senhora Evelyn Couch, que ouve a história e a partir de então resolve mudar algumas coisas em sua vida.

Classificação: Não recomendado para menores de 12 anos

Antes de cada exibição cinematográfica, será apresentada uma contextualização histórica referente ao período cronológico que o filme em questão aborda, assim como a situação da mulher neste contexto.

11.3 Mesa Redonda

- Objetivo: Proporcionar o contato do público com o tema da exposição através de mesa redonda composta por representantes dos projetos da UFRGS Meninas na Ciência e Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAS), bem como representantes da ONG THEMIS.
- Justificativa: Este processo de diálogo aberto com os participantes dará a oportunidade aos ministrantes convidados de abordarem assuntos relevantes acerca do tema central da exposição, o empoderamento feminino e a situação da mulher na sociedade, proporcionando diálogos que venham a complementar a narrativa da exposição.
- Público-alvo: Estudantes, Professores, Funcionários da UFRGS de diferentes curso e departamentos, público em geral.
- Número de participantes: 43 pessoas (Plenarinho, a confirmar)
- Duração: 2h, incluído o tempo para perguntas e questionamentos do público presente.
- Ministrantes: A definir
- Local: Auditório do Campus Centro da UFRGS, FACED, Faculdade de Arquitetura ou auditório da FABICO.
- Data: A definir de acordo com agenda das convidadas.
- Hora: 14 às 17 horas

11.4 Material de Apoio Pedagógico

O material será composto da relação de atividades educativo-culturais propostas, um texto apresentando uma pequena abordagem histórica e teórica acerca da história das mulheres, *links* de vídeos, e dicas de atividades lúdicas, que possam ser abordados em sala de aula pelos professores. O envio deste material será realizado via e-mail, para tanto o material será transformado em um arquivo de formato PDF. As Escolas cadastradas junto ao setor educativo do Museu da UFRGS e as Escolas da Rede Municipal de Ensino serão as destinatárias deste material, que também tem a finalidade de divulgar a exposição para comunidade escolar.

11.5 Parcerias

- Projeto Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAS): Projeto de Extensão do Curso de Medicina da UFRGS voltado à promoção de políticas de direitos da mulher e de outras minorias.
- Projeto Meninas na Ciência: Projeto do Curso de Física da UFRGS, que têm como objetivo produzir e testar um plano de ações capaz de impactar de maneira sensível o interesse de meninas pela Ciência e sua disposição para seguir carreiras no campo de C&T. Tal plano de ação envolve: (1) realização de eventos no IF-UFRGS (Instituto de Física da UFRGS) para as meninas da escola co-executora; (2) promoção de palestras feitas por professoras do IF-UFRGS na escola co-executora e; (3) produção de vídeos motivacionais para difusão de depoimentos destacando a realização profissional de mulheres nos campos de C&T. Uma vez testado, se bem sucedido, esse plano de ações poderá ser replicado em outras instituições com vistas a aumentar a quantidade de meninas que se candidatam a carreiras em C&T
- ONG THEMIS: A THEMIS – Gênero, Justiça e Direitos Humanos foi criada em 1993 por um grupo de advogadas e cientistas sociais feministas com o objetivo de enfrentar a discriminação contra mulheres no sistema judiciário. A história da THEMIS se confunde com as lutas e conquistas das mulheres brasileiras. Sua missão é ampliar as condições de acesso à Justiça. É uma organização da sociedade civil com sede em Porto Alegre (RS/Brasil). Desde a sua criação a ONG desenvolveu 15 programas de formação de Promotoras Legais Populares e Jovens Multiplicadoras de Cidadania (JMCs).

11.6 Material de Formação de Mediadores

Será confeccionado um Manual para formação de mediadores em versão PDF para todos os envolvidos na exposição. Todos receberão o arquivo *online*, mas também estará disponível uma cópia impressa na exposição. Percebemos ser de extrema importância que todos saibam não apenas o conteúdo que estará presente ao longo do circuito expositivo, mas também os assuntos que deverão ser trazidos no momento da mediação para possíveis discussões e melhor fruição e compreensão do visitante.

O manual conterá orientações gerais em relação às normas do Museu da UFRGS. As atividades educativas propostas também serão apresentadas de forma detalhada neste manual, com diretrizes básicas de como devem ser aplicadas, e antes da versão final estas serão testadas. Este manual deve prever todo o roteiro da apresentação da exposição – a) recepção; b) atendimento básico para receber pessoas em geral e/ou com deficiência (física, visual, auditiva); c) roteiros de visitação da exposição para o público em geral, d) visitas orientadas para grupos, e) visitas orientadas para escolas, f) treinamento dos mediadores da exposição.

O horário de funcionamento do Museu da UFRGS é das 8 às 20 horas, perfazendo um total de 12 horas aberto ao público. A turma conta com 18 alunas e alunos que serão divididos em três turnos de 4 horas cada um, para que sempre haja a presença de mediadores durante o período da exposição, tornando possível a presença de até seis alunos para mediação.

11.7 Acessibilidade das ações educativas

A acessibilidade se faz presente na exposição *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*. Visando ampliar as premissas da acessibilidade nas atividades educativo-culturais, promoveremos as seguintes ações e materiais que serão construídos com o auxílio do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade - Incluir:

- Visita guiada em LIBRAS: será contratado através do Projeto de Extensão um bolsista para mediação em LIBRAS, duas vezes por semana - mediante agendamento a ser divulgado na programação;
- Visita guiada com áudio-descrição: será contratado bolsista através do Projeto de Extensão para realizar áudio-descrição, duas vezes por semana - mediante agendamento a ser divulgado na programação;
- Material em fonte ampliada do roteiro proposto e das legendas;
- Material em Braille do roteiro proposto e das legendas;
- Réplica de um objeto por núcleo e neste incluir legenda em Braille;

12. AVALIAÇÃO

A avaliação é ponto importante durante o percurso de um projeto expográfico. De acordo com a museóloga Marília Cury (2005), a avaliação museológica é essencial e pouco praticada no país. Essa pouca prática, comenta Cury (2005), se deve à falta de referencial teórico e de metodologias apropriadas que deem a condição ideal de pesquisa para a realidade específica dos museus.

Porém Cury (2005) salienta que das pesquisas desenvolvidas tanto na Museologia, quanto nos museus, as que mais recebem atenção são as que estudam os visitantes e as avaliações institucionais, aquelas que avaliam o andamento, o perfil estratégico do museu. Essas duas abordagens, a institucional e o público externo, englobam as principais preocupações dos profissionais de museus ao implantarem processos de avaliação museológica.

A avaliação pode ter diferentes questões a tratar, como mapear quem é o visitante, bem como quem não visita o museu e o motivo disso, além de descobrir qual seria o público potencial para o museu. É possível pensar em avaliações para os programas propostos no Plano Museológico, nas adequações arquitetônicas do museu, sua acessibilidade, circulação, no conforto do visitante e nos serviços oferecidos (CURY, 2005), entre outros.

Avaliação, antes de tudo, é uma postura profissional que busca o aperfeiçoamento e o domínio de nosso ofício. A avaliação é uma ferramenta para aprofundar a nossa compreensão do trabalho que desenvolvemos. É um meio para o refinamento profissional – e consequentemente institucional – seja dos processos de trabalho, seja dos produtos que idealizamos e concretizamos. A avaliação é um meio para um fim (CURY, 2005, p. 124).

No entanto, o início do processo de avaliação deve ser norteado pelas perguntas sugeridas por Cury (2005): qual o objetivo da avaliação? Quais são as intenções com que serão utilizados os resultados? O que vamos avaliar? E com que finalidade vamos avaliar?

No caso mais específico deste projeto de curadoria expográfica, referente à exposição curricular de 2017/01, interessa-nos uma perspectiva mais próxima dos públicos interno e externo, visto que a exposição acontece em um espaço cedido pelo Museu da UFRGS, o museu da Universidade. Além disso, é importante salientar que essa exposição possui algumas peculiaridades, como por exemplo, o

fato de ter uma curadoria compartilhada entre uma turma de alunos, e não possuir um acervo determinado ou específico para trabalhar. O projeto de curadoria expográfica tem como objetivo um exercício acadêmico com tema, local e período pré-estabelecidos um semestre antes, o que justifica a escolha pelo Grupo de Trabalho de Avaliação – GT Avaliação – optar em focar mais nos públicos do que nas demais possibilidades de avaliação. Tem-se plena consciência que estudar apenas os públicos, como frisa Cury (2005), é o mais usual, porém diante desta realidade este será o foco deste GT para o ano que vem.

Segundo Carvalho (2005) existem três tipos de estudos de público em museus: os descritivos, do tipo de perfil de público; os de avaliação, relativos a metas de exposições e programações educativas; e os teóricos, que descrevem as grandes linhas de pensamento na área.

Do ponto de vista da avaliação, este projeto possui tanto cunho descritivo quanto avaliativo, uma vez que buscamos traçar o perfil dos visitantes e posteriormente suas impressões acerca da exposição *Nós podemos!* e suas ações educativo-culturais. Acrescenta-se ainda, pensando o cunho descritivo e avaliativo, o conceito de Avaliação Somativa de Cury (2005) que

[...] analisa a interação entre a exposição e o público, a partir do modelo museológico de comunicação proposto. É também conhecida como pesquisa de recepção. A avaliação somativa colabora para: a formulação de teorias sobre como o público aprende e interage mediante determinada proposta e para o planejamento de outras exposições e alterações na exposição avaliada (CURY, 2005, p. 132)

O público externo que se terá como alvo são: os grupos escolares e público espontâneo. A avaliação direcionada aos grupos escolares será mais abrangente, pois questionará desde a mediação à percepção da exposição, bem como da atividade proposta pelas ações educativo-culturais, caso seja realizada durante a visita. Para o público espontâneo o foco será mais da percepção da exposição, a avaliação das atividades propostas pela ação educativa, que não necessariamente seja a mediação, como jogos filmes palestras, etc., e por fim, pretende-se avaliar a exposição como um todo e a possível repercussão dela nas escolas que visitaram o museu em uma conversa com os professores que trouxeram turmas.

Estas avaliações, segundo Cury (2005) são conhecidas como Avaliação do Processo:

Promovida pela equipe responsável pelo desenvolvimento de determinado processo de concepção e/ou execução de exposição e visa o refinamento das metodologias e técnicas de trabalho e planejamento. A avaliação do processo colabora para constante aprendizagem de equipe, para uma postura diante das nossas responsabilidades – e compromisso no desenvolvimento de exposições para o público e para a teorização de processos museológicos de comunicação. Também, colabora para o monitoramento dos planos de ação contemplados pelo planejamento elaborado para determinado período (CURY, 2005, p. 134).

Além do público externo, o referido projeto pretende avaliar o público interno, ou seja, os próprios Grupos de Trabalho, tanto pelos colegas da turma, quanto os colegas do próprio Grupo. A turma está dividida em doze grupos de trabalho, com atribuições específicas, para organizar e aperfeiçoar o trabalho coletivo. Apesar de cada aluno integrar ao menos dois Grupos de Trabalho, todos são responsáveis pela pesquisa e na consequente contribuição nos outros grupos, de acordo com suas potencialidades. Essa avaliação especificamente acontecerá em dois momentos, sendo o primeiro neste semestre, 2016/02, e posteriormente em 2017/01. Neste semestre a autoavaliação será feita com o intuito de ajudar a professora/orientadora na avaliação dos trabalhos elaborados, e no próximo semestre, como um fechamento do trabalho desenvolvido.

De acordo com Barros e Lehfeld (2007) a metodologia “corresponde a um conjunto de procedimentos a ser utilizado na obtenção do conhecimento”. É a aplicação de métodos, por meio de processos e técnicas, que garantem a legitimidade científica do saber obtido.

A metodologia é, pois, o estudo da melhor maneira de abordar determinados problemas no estado atual de nossos conhecimentos. Não procura soluções, mas escolhe a maneira de encontrá-las, integrando o que se sabe a respeito dos métodos em vigor nas diferentes disciplinas científicas ou filosóficas (BARROS, LEHFELD, 2007, p. 2).

A análise destes públicos acontecerá através de coletas de dados com questionários e uso do livro de presença. O livro de presença, no qual o público será orientado a preencher campos referentes a nome, idade, profissão e cidade, auxiliará na identificação do perfil do visitante. Optamos por questionários estruturados, em que as perguntas são fechadas, que “são aquelas que levam o informante a responder de forma determinada” (BARROS, LEHFELD, 2007, p. 106).

Os questionários incluirão espaço para comentários ou considerações. Na avaliação pós-exposição com os professores, utilizaremos questionário com perguntas abertas que “são aquelas que levam o informante a responder livremente” (BARROS, LEHFELD, 2007, p. 106).

Portanto, a metodologia a ser adotada neste projeto será quantitativa e qualitativa. A primeira, de acordo com Mueller (2007) “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processo particulares [...]” (MUELLER, 2007, p. 28). Segundo o autor, na metodologia quantitativa “são selecionadas amostras aleatórias de populações para assegurar a representatividade e os fenômenos estudados são classificados de acordo com sua frequência e distribuição” (MUELLER, 2007, p.27).

Conforme Severino (2007), os questionários, como técnica de pesquisa, devem conter questões que sejam "pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos" (SEVERINO, 2007, p. 125). O autor ressalta a importância da realização de testes, mediante aplicação prévia a um grupo, antes de ser respondida aqueles sujeitos a que se destina.

Dois questionários se destinarão ao público interno: um referente à avaliação da turma sobre o trabalho desenvolvido por cada Grupo de Trabalho e outro visando a avaliação dos membros do próprio Grupo de Trabalho sobre seus colegas e respectivas ações e propostas. Para o público externo, serão três questionários: uma avaliação para escolas/professores, avaliação para o público espontâneo e avaliação em relação às atividades do GT Educativo. Ainda em um esforço de dar profundidade a avaliação da exposição, serão convidados ao final da exposição curricular professores que visitaram a *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão* com seus alunos para uma conversa sobre as percepções da proposta desenvolvida pela turma, bem como sobre a expografia, além de sabermos os reflexos que a exposição possa ter causado, e no caso de não ter causado, descobrir o por quê.

13. ORÇAMENTO

O orçamento do projeto é um mecanismo de planejamento financeiro, a fim de prever as despesas que serão necessárias futuramente. Neste projeto consta uma simulação de gastos com base na pesquisa de preços com fornecedores locais e/ou possíveis fornecedores *online*. Maiores detalhes estão disponíveis no apêndice do projeto.

13.1 Planilha do Total de Gastos

PLANILHA DO TOTAL DE DESPESAS

Tabela 1 - Gastos totais

NOME DO GT	ORÇAMENTO TOTAL
Avaliação	R\$ 271,90
Educativo	R\$ 1.082,48
Vernissage	R\$ 538,00
Produção de Maquete	R\$ 130,00
Mobiliário	R\$ 1.535,47
Transporte e Logística	R\$ 944,84
Acervo	R\$ 270,30
Comunicação	R\$ 5.676,00
TOTAL DE GASTOS	R\$ 10.448,99

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.2 Avaliação

Tabela 2 - Gastos GT de Avaliação

MATERIAL	DESCRIÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL
Água Mineral	Caixa c/ 48 unidades de copo de 200ml	El divino	1	R\$18,50	R\$18,50
Impressão dos questionários avaliativos	Impressão P&B	Xerox Anexo I da FABICO	200	R\$ 0,30	R\$ 60,00

Papel sulfite branco	Gramatura 75g; A4; pacote c/ 500 folhas	Casa do Papel	1	R\$ 18,90	R\$ 18,90
Canetas	Caixa c/ 50 unidades; caneta Bic eferográfica azul;	Kalunga	1	R\$ 34,10	R\$ 34,10
Prancheta A4	Prancheta de poliestileno	Kalunga	2	R\$ 10,90	R\$ 21,80
Pasta catálogo	Pasta c/ 50 envelopes; tamanho A4; preta	Kalunga	1	R\$ 18,60	R\$ 18,60
Gastos extras	Dinheiro destinado para gastos não previstos pelo GT				R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 271,90

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.3 Educativo

Tabela 3 - Gastos GT Educativo

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL
Alfinetes	Caixa c/100; várias cores	Casa do Papel	1	R\$ 9,98	R\$ 9,98
Papel color set	Folhas; várias cores 48x66cm	Casa Linna	10	R\$ 1,30	R\$ 13,00
Papel sulfite branco	Gramatura 75g; A4; pacote c/ 500 folhas	Casa do Papel	1	R\$ 18,90	R\$ 18,90
Papel sulfite branco	Gramatura 180g; A4; pacote c/ 50 folhas	Casa do Papel	1	R\$ 9,35	R\$ 18,70
Papel sulfite branco	Gramatura 120g; A4; pacote c/ 50 folhas	Casa do Papel	1	R\$ 5,20	R\$ 10,40
Papel contact transparente	Rolo c/ 10m	Casa do Papel	1	R\$ 29,50	R\$ 29,50
Lápis de cor	Caixa grande; genérico	Casa do Papel	2	R\$ 8,50	R\$ 17,00
Papel timbó	Folha 1,00x80cm	Casa Linna	10	R\$5,50	R\$55,00
Quadro Imantado	80x60		1	R\$90,00	90,00
Gastos	Dinheiro				R\$ 100,00

extras	destinado para gastos não previstos pelo GT				
Taxas ECAD/ MPLC	Músicas no documentário , filmes	Vários	5	R\$71,45 UDA	935,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 1.082,48

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.4 Vernissage

Tabela 4 - Gastos GT Vernissage

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL
Água Mineral	10L p/ água aromatizada		3	R\$ 18,00	R\$ 54,00
Copo Descartável	Transparente; liso; pacote c/ 50 unidades de 200 ml		2	R\$ 7,00	R\$ 14,00
Gelo	Pacote de gelo de 5kg		2	R\$ 10,00	R\$ 20,00
Show Pâmela Amaro	Show com Pâmela Amaro e instrumentalista para acompanhamento; 30 minutos de show, com músicas brasileiras relativas a Mulher.		1	R\$ 350,00	R\$ 350,00
Gastos Extras	Dinheiro destinado para gastos não previstos pelo GT				R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS (SEM SHOW)					R\$ 188,00
TOTAL DE GASTOS (COM SHOW)					R\$ 538,00

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.5 Produção de Maquete

Tabela 5 - Gastos do GT Maquete

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Figuras humanas (calungas) – Escala 1/50	Figuras humanas para maquete	Cleide Menezes	06	R\$ 5,00	R\$ 30,00
Gastos extras	Dinheiro destinado para gastos não previstos pelo GT				R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 130,00

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.6 Mobiliário

Tabela 6 - Gastos do GT Mobiliário

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Tinta branca	Fosca; a base d'água; galão c/18 litros; Ducril	Ferragem Igor	1	R\$ 198,00	R\$ 198,00
Tinta preta	Fosca; a base d'água; galão c/3,6 litros; Suvinil	Crislaufer	1	R\$ 104,60	R\$ 104,60
Tinta cor a definir	Cor clara; galão c/3,6 litros; Suvinil	Crislaufer	1	R\$ 113,45	R\$ 113,50
Seladora acrílica	Galão c/3,6 litros; Suvinil	Leroy Merlin	1	R\$ 39,90	R\$ 39,90
Massa corrida	1 litro; Coral	Leroy Merlin	1	R\$ 10,90	R\$ 10,90
Pincel	Nº 1; G; Atlas	IGOR	2	R\$ 11,60	R\$ 23,20
Pincel	Nº 2 1/2; M; Atlas	IGOR	2	R\$ 6,61	R\$ 13,22
Pincel	P; Atlas	IGOR	2	R\$ 3,28	R\$ 7,56
Bandeja para pintura	Preta; 23cm ; Atlas	IGOR	2	R\$ 7,39	R\$ 14,78
Rolo Iã	Anti-gota; 25 cm; c/cabo	IGOR	2	R\$ 14,74	R\$ 29,48
Lixa massa	Vermelha 80	Crislaufer	2	R\$ 0,85	R\$ 1,90
Lixa massa	Vermelha 100	Crislaufer	2	R\$ 0,74	R\$ 1,48
Fita adesiva	Silicone; dupla face; VHB; rolo c/ 20 m (m=4,81)	IGOR	1	R\$ 85,13	R\$ 85,13
Fita crepe	25cmx50cm; Norton	IGOR	2	R\$ 6,26	R\$ 12,52

Fita adesiva	Dupla face		2	R\$ 10,80	R\$ 21,60
Álcool	Frasco de 1 litro		1	R\$ 7,90	R\$ 7,90
Chapa MDF	Branca; 2750mmx1830 mm; x 15mm	Multichapas	5	R\$ 150,00	R\$750,00
Gastos Extras	Dinheiro destinado para gastos não previstos pelo GT				R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 1.535,47

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.7 Acervo

Tabela 7 - Gastos do GT Acervo

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL
TNT	Cor branca; 1,40cm x 50m		50	R\$ 1,49	R\$ 74,50
Fita adesiva	48mm x 40m	Mundo Artesanato	4	R\$ 3,40	R\$ 13,60
Papel contact transparente	Folha; 1m x 45cm	Linna	10	R\$ 2,99	R\$ 29,90
Cadarço algodão cru	30mm x 25m		1	R\$ 17,30	R\$ 17,30
Manequim busto		Brick 57	1	R\$ 35,00	R\$ 35,00
Gastos Extras	Dinheiro destinado para gastos não previstos pelo GT				R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 270,30

Fonte: Produção GT Financeiro (2016)

13.8 Transporte e Logística

Tabela 8 - Gastos GT Transporte e Logística

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL

MATERIAL					
Gasolina	Gasolina comum; 10L		1	R\$ 3,89	R\$ 39,90
Frete	Preço por trecho;		8	R\$ 200,00	R\$ 800,00
Fita	Fita tape preta (48mmx5m)- 01 rolo;		1	R\$ 4,94	R\$ 4,94
Gastos extras					R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 944,84

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

13.9 Comunicação

Tabela 9 - Gastos GT Comunicação

MATERIAL	DESCRÍÇÃO DO MATERIAL	FORNECEDOR	QUANTIA	VALOR UNITÁRIO	SUBTOTAL
Convite	Couche fosco 240g 21x15 colorido	Gráfica UFRGS	150		R\$ 100,00
Catálogo	Miolo: 48 pgs, 21x15, colorido couche fosco 150g Capa: 29,7x21, colodiro, couche fosco 240g	Gráfica UFRGS	600		R\$ 3.400,00
Folder 01	A4, colorido, couche fosco 150g	Gráfica UFRGS	3.000		R\$ 640,00
Folder 02	21x10, colorido, couche fosco 150g	Gráfica UFRGS	3.000		R\$ 400,00
Flyer	10x15, colorido, couche fosco 150g	Gráfica UFRGS	3.000		R\$ 340,00

Adesivo	Redondo 8x8, adesivo brilho 180g	Gráfica UFRGS	600		R\$ 100,00
Crachá	6,5x8,5, colorido, couche fosco 240g	Gráfica UFRGS	20		R\$ 6,00
Marca página	21x5, colorido, couche fosco 240g	Gráfica UFRGS	3.000		R\$ 590,00
Gastos extras					R\$ 100,00
TOTAL DE GASTOS					R\$ 5.676,00

Fonte: Produção GT Financeiro (2016).

14. CRONOGRAMA

Os cronogramas propostos para a Exposição Curricular têm por objetivo otimizar as ações desenvolvidas durante os processos de elaboração e implantação do Projeto de Curadoria. Além disso, ele facilita a busca por soluções, planos de contingência de danos e alternativas viáveis para resolver possíveis problemas que venham aparecer durante o processo.

Atividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
Finalização dos convites aos palestrantes (Projeto Meninas na Ciência, Projeto MUSAS e ONG THEMIS)	X	X						
Reserva de Acervo, Mobiliário e solicitação de empréstimos	X	X	X					
Confecção dos materiais das ações educativas e do manual do mediador	X	X	X					
Testes dos protótipos dos materiais das ações educativas		X	X					
Testes de aplicação das avaliações de públicos		X	X					
Produção e distribuição dos convites para o Vernissage		X	X					

Encomenda do coquetel para Vernissage			X				
Contato com INCLUIR para disponibilidade de mediadores para pessoas com deficiência e produção de materiais acessíveis	X	X	X				
Divulgação junto a escolas públicas e privadas			X	X			
Pesquisa por jornais e recortes para confecção do mural (núcleo 3)			X	X			
Semana dos Museus de 15 a 21 maio					X		
Confirmação dos palestrantes			X				
Reserva dos espaços para atividades (plenarinho, auditórios)	X	X	X				
Confirmação das reservas de acervo e mobiliário			X				
Produção e impressão material gráfico		X	X	X			
Encomenda da plotagem, adesivagem, material gráfico			X	X			
Produção do ceremonial		X	X				
Explanação de cada GT			X				
Realização de um brechó para arrecadação de				X			

recursos								
Desenvolvimento dos textos expositivos e legendas			X	X				
Montagem da Exposição			X	X				
Transporte do acervo e mobiliário das instituições para o CMC/CRIAMUS				X				
Limpeza e adequação do material e mobiliário do CMC/CRIAMUS (a ser utilizado)		X	X	X				
Higienização e acondicionamento do acervo da Exposição no CMC/CRIAMUS				X	X			
Limpeza, pintura e adequação do mezanino: tapas tomadas; fixação dos suportes extras (iluminação, outras mídias); limpeza e adequação da arquibancada			X	X				
Fixação de paredes e divisórias			X	X				
Adesivagem				X				
Transporte do mobiliário para o Museu da UFRGS				X				
Colocação dos totens, vitrines				X				
Organização dos núcleos				X				
Plotagem				X				
Transporte do acervo para o Museu da UFRGS				X				
Abertura da Exposição					DIA			

					18			
Execução da Exposição				X	X	X		
Encerramento da Exposição						DIA 30		
Desmontagem da Exposição							X	
Desmontagem - Recolhimento do acervo e mobiliário para o CMC/CRIAMUS							X	
Higienização e acondicionamento do acervo e mobiliário para devolução às instituições							X	
Transporte do material e mobiliário pertencentes ao CMC/CRIAMUS							X	
Limpeza e pintura do mezanino para entrega do espaço							X	
Transporte do acervo e mobiliário para as instituições de origem							X	
Análise dos dados coletados durante a Exposição							X	
Sistematização dos documentos produzidos por cada GT							X	X
Avaliações							X	X
Carta de agradecimento aos parceiros da Exposição								X
Redação do relatório final							X	X

Entrega do relatório final	■	■	■	■	■	■	■	X
Produção e lançamento do catálogo expositivo	■	■	■	■	■	■	■	X

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Disponível em: <http://www.abc.org.br/rubrique.php3?id_rubrique=1&recalcul=oui>. Acesso em: 31 out.2016.

AIREY, David. **Design de Logotipos que Todos Amam: um guia para criar identidades visuais.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. O objeto da Museologia para Stránský: argumentando com Gregoravá e Scheiner. In: _____. **O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský.** 2008. 180f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira, LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 3.ed. Pearson Prentice Hall: São Paulo, 2007.

BLANCO, Angela G. **La exposición, um medio de comunicación.** Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BRASIL. Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm>. Acesso em: 8 jan. 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria - os caminhos do enquadramento e extroversão da herança patrimonial. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas 2.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p.15-23.

CANOFRE, Fernanda. **Ocupação Mirabal: Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres.** Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacao-mirabal-como-funciona-uma-ocupacao-de-mulheres-para-mulheres/>> Acesso em: 20 jan. 2017.

CARGNELUTTI, Camila Marchesan; OLIVEIRA, Juliana Prestes de. **Da submissão à subversão feminina: análise de “Fúria”, de Patrícia Reis.** Caderno Espaço Feminino. Uberlândia-MG, v. 27, n. 2, jul/dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/27717/16381>> Acesso em: 31 out. 2016.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha. A informação e o público: Museologia e Ciência da Informação. In: _____. **As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual.** 2005. 292f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia , Rio Janeiro, 2005. p.13-24.

Coletivo de Mulheres da UFRGS. Disponível em: <<http://coletivomulheresufrgs.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2017

Coletivo Feminino Plural. Disponível em: <<http://femininoplural.org.br/site/>>. Acesso em: 20 jan. 2017

Comuna Sólo de las Chicas. Facebook Page. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ComunaSoloDeLasChicas/>>. Acesso em: 20 jan. 2017

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio, (org.) **Dicionário Crítico de Gênero.** Dourados, MS: UFGD, 2015.

CURY, Marília X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. Suportes: estruturas e materiais. In: **Exposição: materiais e técnicas de montagem.** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.40-57.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4^a ed. São Paulo: Edgard Blücher , 1986. 223 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. 653p.

FERNANDES, Antônio Batista. Hannah Arendt e a perda do espaço público. In: **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, v.9, n.1, jun. 2014.

FERNÁNDEZ, Luiz Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel García. **Diseño de exposiciones**: concepto, instalación y montaje. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

FLECK, Giovana. **Samba e feminismo se unem no primeiro bloco de Carnaval só de mulheres de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/samba-e-feminismo-se-unem-no-primeiro-bloco-de-carnaval-so-de-mulheres-de-porto-alegre/>>. Acesso em: 20 jan. 2017

Girls Rock Camp Porto Alegre. Disponível em: <<http://grcportoalegre.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

GOULART, Michel. **25 conquistas das mulheres no Brasil**. Disponível em: <<http://www.historiadigital.org/curiosidades/25-conquistas-historicas-das-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: conceitos, métodos e reflexões para a formação de política. 41p. In: Coleção Falando de... Caderno 4 - Ação Educativa em Museus. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo_acao_educativa_2.pdf> Acesso em: 6 jan. 2017.

GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.p.137-143.

_____. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v. 1. São Paulo. Pinacoteca do Estado, 2010. p.123-126.

_____. Os museus e a criança brasileira. (1979). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v. 1. São Paulo. Pinacoteca do Estado, 2010.p.96-102.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as emoções afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

Histoire de la vie privée Português **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991-1992. 5 v.

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Porto Alegre imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

JOFFILY, Olivia Rangel. **Esperança equilibrista**: resistência feminina à ditadura militar no Brasil (1964-1985). 2005. 170 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3337>>. Acesso em: 6 set. 2016.

JONES, Robert. Museum Next. In: MENDES, Luis Marcelo (Org.). **Reprograme**: comunicação, *branding* e cultura numa era de museus. Rio de Janeiro, 2012. Versão 1.8, p.27-40.

JORNAL HOJE. **Salário das mulheres ainda é 30% menor que o dos homens**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/salario-das-mulheres-ainda-e-30-menor-que-o-dos-homens.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

JUNIOR, Edgard. **OIT: paridade salarial entre mulheres e homens vai levar mais de 70 anos**. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2016/03/07/oit-paridade-salarial-entre-mulheres-e-homens-vai-levar-mais-de-70-anos.htm>>. Acesso em: 31 out. 2016.

MARANDINO, Martha (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Editora Geenf / FEUSP, 2008. 36p. Disponível em: <parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>. Acesso em: 19 de set. 2016

Marcha das vadias percorre as ruas de Porto Alegre pelo fim da violência. Disponível

em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/marcha-das-vadias-percorre-as-ruas-de-porto-alegre-pelo-fim-da-violencia-4485730>>. Acesso em: 20 de jan. 2017

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. In:**Ciências em Museus**, 1992. 4 ed. p.103-120.

_____. Educação e Museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista Ciências & Letras**, n. 27, Porto Alegre: FAPA, 2000. p.91-101.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. **Mulheres do século XX> memórias de trajetórias de vida e suas representações (1936-2000)**. 2004. 250f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2290>>. Acesso em: 06 set. 2016.

MESQUITA, Elainne Cristina; ARAS, Lina Maria Brandão de. A Desconstrução do público/privado e a construção do “pessoal é político” na teoria feminista. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 17. 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, UFPB, 2013. p.325-338. Disponível em:<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:b3tjJIVILKwJ:www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/60/203+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 31 out. 2016.

MESSIAS, Mari. **O que está por trás do termo "feminazi"**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/09/o-que-esta-por-tras-do-termo-feminazi-4851370.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MILAN, Luis Fernando. **Maquetes táticos**: infográficos tridimensionais para a orientação espacial de deficientes visuais. PARC. Pesquisa em Arquitetura e Construção, São Paulo, v. 1, n. 2. jun. 2008, p.1-26. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8634522>> Acesso em: 25 out. 2016.

Disponível em: <www.fec.unicamp.br/~parc/vol1/n2/vol1-n2-milan.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

MONTEIRO, Monica Borges. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire na alfabetização de jovens e adultos:** dialogando com a animação cultural. 2007. 151p. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MOTTER, Maria Lourdes. A consciência linguística de Fabiano. *Revista Princípios*, n.32, fev. /abr. 1994, p.65-69. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=32&cod_not=889> Acesso em: 14 out. 2016.

_____. A linguagem como traço distintivo do humano. *Revista Princípios*, n.34, São Paulo: Anita, 1994, p.68-72. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=34&cod_not=914> Acesso em: 14 out. 2016.

MUELLE, Suzana Pinheiro Machado (org). **Métodos para a pesquisa em Ciências da Informação**. Thesaurus: Brasília, 2007.

MUSEUM AND GALLERIES COMMISSION. **Educação em museus**. São Paulo: EDUSP , Fundação Vitae, 2001. (Série Museologia Roteiros Práticos, 3). Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf>. Acesso em: Ago/2015.

NASCIMENTO, Silvania Sousa; VENTURA, Paulo Cézar Santos. Mutações na construção dos museus de Ciências. In: **Pro-Posições**, Campinas, v.12, n. 1, mar/2001, p.126-134. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/34-artigos-nascimentoss_et.al.pdf#page=1&zoom=auto,-183,458>. Acesso em: 22 out.2016.

OLIVEIRA, Janaina Cruz de. O trabalho e as transformações da sociedade. In: **O trabalho em revistas femininas:** um estudo empírico com mulheres bem-sucedidas profissionalmente. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

p.19-32. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2197>>. Acesso em: 06 set. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. BRASIL. Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre espaços e vivencias**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

POSTAIS de Porto Alegre: uma visão entre o racional e emocional sobre a cidade de Porto Alegre/RS a partir da opinião de seus próprios moradores. Porto Alegre: DCS, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó, SC : Argos, 2004.

REVISTA MUSEU. **Glossário**. 2010. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/site/br/glossario.html>>. Acesso em: 20 nov.2010.

RODEGHERO, Carla S.; GUAZELLI, Dante G.; DIENSTMANN, Gabriel. **Não calo grito: memória visual da ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 2013.

SANCHES, Maira. **Bonecas de Papel para Vestir**. Disponível em: <<https://dicasdatiamaira.blogspot.com.br/2011/09/bonecas-de-papel-para-vestir.html>> Acesso em: 28 ago. 2016.

SANTANA, Cristiane Batista. **Para além dos muros**: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. Brodowski, SP: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.

SANTOS, Maria Célia Trigueiros Moura. **Museu e educação: conceitos e métodos**, 2001. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP,

proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto 2001].

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. **Cultura, identidade e memória:** uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. 2005. 164f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. Belo Horizonte, MG, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VALA-6KFNJ2/mestrado___vania_carvalho_r_la_santos.pdf?sequence=1> Acesso em: 13 out.2016.

SARRAF, Viviane Panelli. Estratégias de comunicação e mediação sensoriais para todos os públicos. In: **Acessibilidade em espaços culturais:** mediação e comunicação sensorial. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

SATURNINO, Douglas. **Comunicação visual e expografia:** um estudo de caso na exposição Audiophylia. 2014. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso. – Centro de Artes e Humanidades (Bacharel em Artes Visuais) Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, BA, 2014. Disponível em: <<http://www1.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/tccs2013/douglashurninomonografia.pdf>> Acesso em 29 de out. 2016.

SCHEINER, T.C. O ICOFOM, a Nova Museologia e o MINOM. In: _____. (org.) **Caderno de Textos de Museologia III.** Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: TACNET Cultural, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez.1995, p.71-99.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Micheli Pereira de. **Do templo ao fórum:** o perfil do mediador em museus e instituições culturais em Porto Alegre. 2012. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

STORCHI, Ceres. O espaço das exposições: o espetáculo da cultura nos museus. **Ciências & Letras**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n.31, 2002, p.117-126.

TÉTREAU, Jean. Materiais de exposição: os bons, os maus e os feios. In: MENDES. Marylka (org.) **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, p. 95-112.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2007.

VARGAS, Anderson Zalewski et al. **Porto Alegre na virada do século 19 cultura e sociedade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

ZAOUI, M. Les Musées à la Recherche du Sens. **Technique & Architecture - Revue International d'Architecture et Design**. n. 431, 1997.

APÊNDICE A

Avaliação Professores – Pós-Exposição

INFORMAÇÕES DA ESCOLA

1. Escola _____
2. O que você achou da exposição?
3. O que você achou da temática suscitada pela exposição?
4. A escola já havia abordado o tema mulher em alguma atividade, projeto ou disciplina?
5. Como foram as reações dos alunos fora do museu quando questionados sobre a exposição?
6. Houve algum desdobramento na escola partindo do que foi visto, apresentado e discutido na exposição?
7. Se você tivesse que fazer uma exposição sobre a mulher em sua escola, como você faria?
8. O que você gostou na exposição?
9. O que você não gostou na exposição?
10. Faltou alguma coisa que você acredita que deveríamos ter abordado?
11. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES:

APÊNDICE B

Avaliação Público Interno

Avaliação da turma sobre o trabalho desenvolvido por cada GT

1. Em relação aos conceitos e recortes (temático, espacial e temporal) escolhidos pela turma, você avalia positivamente as propostas e ações desenvolvidas pelos Grupos de Trabalho?

GT 1 Produção, leitura e digitalização das atas:

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 2 Pesquisa:

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 3 Produção textual

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 4 Acervo

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 5 Mobiliário

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 6 Transporte/Logística

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 7 Ação educativo-cultural

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 8 Comunicação

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 9 Financeiro

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 10 Vernissage

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 11 Avaliação

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 12. Produção da maquete física e digital

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

2. A colaboração entre os Grupos de Trabalho é fundamental para o desenvolvimento das diversas tarefas e etapas do Projeto de Curadoria Expográfica. Você avalia que os GTs cumpriram o requisito do trabalho em equipe, atribuição indissociável do profissional museólogo?

GT 1 Produção, leitura e digitalização das atas:

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 2 Pesquisa:

- () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 3 Produção textual
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 4 Acervo
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 5 Mobiliário
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 6 Transporte/Logística
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 7 Ação educativo-cultural
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 8 Comunicação
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 9 Financeiro
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 10 Vernissage
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 11 Avaliação
 () concordo () concordo parcialmente () discordo
 GT 12. Produção da maquete física e digital
 () concordo () concordo parcialmente () discordo

3. Você avalia que os Grupos de Trabalho consideraram o fator acessibilidade no desenvolvimento de propostas e ações para o projeto?

GT 1 Produção, leitura e digitalização das atas:

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 2 Pesquisa:

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 3 Produção textual

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 4 Acervo

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 5 Mobiliário

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 6 Transporte/Logística

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 7 Ação educativo-cultural

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 8 Comunicação

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 9 Financeiro

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 10 Vernissage

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 11 Avaliação

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

GT 12. Produção da maquete física e digital

() concordo () concordo parcialmente () discordo () não se aplica

4..Você avalia que os Grupos de Trabalho cumpriram os prazos de suas respectivas atividades, contribuindo para as dinâmicas planejadas para as aulas e garantindo o alcance das metas pretendidas pela turma?

GT 1 Produção, leitura e digitalização das atas:

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 2 Pesquisa:

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 3 Produção textual

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 4 Acervo

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 5 Mobiliário

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 6 Transporte/Logística

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 7 Ação educativo-cultural

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 8 Comunicação

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 9 Financeiro

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 10 Vernissage

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 11 Avaliação

() concordo () concordo parcialmente () discordo

GT 12. Produção da maquete física e digital

() concordo () concordo parcialmente () discordo

Considerações e comentários:

APÊNDICE C

Auto avaliação de cada GT

1. Você avalia que seu Grupo de Trabalho considerou o fator acessibilidade no desenvolvimento de propostas e ações para o projeto?

sim não não se aplica

2. Você realizou todas as tarefas as quais se comprometeu com seu GT?

sim não

3. Você cumpriu todos os prazos estipulados pelo seu GT?

sim não

4. Você dialogou e/ou trocou ideias com os membros do seu GT?

sim não

5. Você ajudou algum outro GT além dos que você participava? Se sim, qual?

sim não

Na escala de 0 a 10, indique qual nota você daria pelo trabalho que você desenvolveu no seu GT. Justifique sua escolha.

Que nota você daria para cada colega do seu GT? Justifique sua resposta.

APÊNDICE D**Avaliação Público Externo**

Modelo de Avaliação para escolas

INFORMAÇÕES DA ESCOLA

1. Escola _____

2. Como ficou sabendo da exposição?

() Newsletter do Museu da UFRGS () Site da UFRGS () Folder
() por estudantes de Museologia () mídias sociais () amigos/conhecidos

3. Quantas turmas da escola vieram na Exposição “Nós podemos”? _____

4. Quais são as matérias/áreas dos professores que acompanharam a(s) turma(s)? –
Marcar mais de uma alternativa se for necessário

() arte () história () geografia () literatura () português () física
() língua estrangeira () química () matemática () filosofia () sociologia
() educação física () pedagogia () Outro: _____

DA EXPOSIÇÃO “NÓS PODEMOS”

15. O que você achou da exposição?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

16. O que você achou da temática suscitada pela exposição?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

17. O que você achou da expografia, a forma como as obras e objetos estavam dispostos no espaço?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

DA MEDIAÇÃO

18. Como você avalia a mediação da exposição “Nós Podemos”:

Recepção do mediador () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Postura do mediador () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Domínio da temática () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Encerramento da mediação () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

19. Os mediadores estimularam a participação do grupo durante as mediações através de perguntas ou provocações?

() sim () não

20. Os mediadores responderam as perguntas do grupo?

() sim () não

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES:

APÊNDICE E**Avaliação para Oficinas/Atividades do Setor Educativo**

Oficina/Atividade: _____

Data: _/_/2017

1. Como você soube da oficina/atividade?

- () Newsletter do Museu da UFRGS () Site da UFRGS () Folder
() pelo oficineiro/convidado () mídias sociais () amigos/conhecidos
() outro: _____

2. O que você achou da atividade?

- () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

3. O que você achou da estrutura da atividade?

- () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

4. O que você achou do tempo de duração da atividade?

- () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

5. O que você achou do ministrante?

- () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

6. Você já havia feito outras atividades promovidas por exposições curriculares do curso de Museologia?

- () sim () não () não, é minha primeira participação.

7. Depois da experiência desta atividade, você faria outras atividades oferecidas pela Exposição “Nós Podemos”? () sim () não

8. A oficina/atividade foi relevante para você?

- () sim () não

Considerações e comentários:

APÊNDICE F**Avaliação para Público Espontâneo****INFORMAÇÕES DO VISITANTE****1.** Profissão _____**2.** Idade _____**3.** Mora em Porto Alegre?

() sim () não

3.1. Se não, mora em qual cidade? _____**4.** Como ficou sabendo da exposição “Nós podemos”?

() Newsletter do Museu da UFRGS () Site da UFRGS () Folder

() por estudantes de Museologia () mídias sociais () amigos/conhecidos

5. Já havia visitado outras exposições curriculares?

() sim () não

5.1. Se sim, quais?

() Fatos, Lendas e Mitos: um olhar sobre o imaginário de Porto Alegre/2011

() Brinquedo é coisa séria/2012 () Do Confessionário ao Wireless/2011

() Alices: Cenários de Vida e Arte/2013

() AGÔ: Presença Negra em Porto Alegre - Uma Trajetória de Resistência/2015

() KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Iotti, RS/2016

DA RECEPÇÃO NO MUSEU DA UFRGS**6.** Como você avalia o atendimento da recepção?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

DA EXPOSIÇÃO**7.** O que você achou da exposição?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

8. O que você achou da temática suscitada pela exposição?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

9. O que você achou da expografia, a forma como as obras e objetos estavam dispostos no espaço?

() ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

DA MEDIAÇÃO**10.** Como você avalia a mediação da exposição “Nós Podemos”:

Recepção do mediador () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Postura do mediador () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Domínio da temática () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Encerramento da mediação () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

11. Os mediadores estimularam a participação do grupo durante as mediações através de perguntas ou provocações?

() sim () não

12. Os mediadores responderam as perguntas do grupo?

() sim () não

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES:
